



*Roteiro da viagem que em  
descobrimto da India pelo Cabo ...*

Alvaro Velho, Diogo Köpke, Antonio da Costa Paiva Castello  
de Paiva, Porto (Portugal). Biblioteca Pública Municipal











1580

D-10

7920



---

O **DESCOBRIMENTO DA INDIA**  
POR  
**D. VASCO DA GAMA**  
EM 1497.

---

Certo grave e piedosa cousa d'ouvir ! Ver huma Nação a que Deos deu tanto animo que se tivera creado outros mundos já la tivera mettido outros padrões de victorias , assim he descuidada na posteridade de seu nome ; como se não fosse tão grande louvor dilatalo per pena como ganhalo pela lança !

[ *Barros* , Dec. 1. Liv. 5. Cap. 11.]





*Dom Vasco da Gama*

*J. B. P. del.*

*Porto, 1838.*

**ROTEIRO**  
**DA VIAGEM QUE**  
EM  
**DESCOBRIMENTO DA INDIA**  
PELO CABO DA BOA ESPERANÇA  
415  
FEZ  
**DOM VASCO DA GAMA**  
EM 1497.

*Segundo um Manuscripto coetaneo existente na  
Bibliotheca Publica Portuense.*

PUBLICADO

Por DIOGO KOPKE Lente de Mathematica na Academia  
Polytechnica do Porto, e o DR. ANTONIO DA COSTA PAIVA  
Lente de Botanica e Agricultura na mesma Academia,

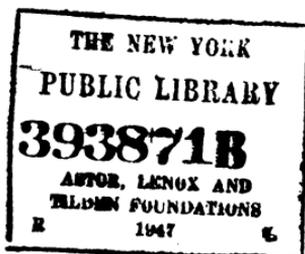
PORTO.

NA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE  
Largo de S. João Novo N.º 12

1838.

Agora vedes bem, que comettendo  
O duvidoso mar n'hum lenho leve,  
Por vias nunca usadas, não temendo  
De Africo e Noto a força, a mais se atreve;  
Que havendo tanto já que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, e onde breve,  
Inclinão seu proposito, e porfia,  
A ver os berços onde nasce o dia.

( *Os Lusíadas*, Canto 1.º Estancia 27. )



## PROLOGO.

---

O DESCOBRIMENTO DA INDIA deu á Historia Portugueza a sua mais bella pagina. A audacia dos que o tentárão e conseguirão atravez de innumeraveis riscos e padecimentos, se a compararmos com os meios que então offerecia a arte de navegar, e com os terrores que defendião esses mares ignotos, é a mais illustre prova da robustez dos antigos corações Portuguezes. As revoluções de tres seculos, no augmento e decadencia dos povos da Europa; o sceptro dos mares passando rapidamente de Veneza e Genoa para Portugal, de Portugal para Hespanha, d'Hespanha para a Hollanda, da Hollanda para a Inglaterra; e todos estes successos ligados com a conquista da India, tornão o seu descobrimento um facto Europeu, um facto a que se vae prender a moderna historia de todos estes povos, que lhe devêrão seu engrandecimento e seus males. Desde o Adriatico ao mar das Hebridas a palavra *India* soa como um grito de recordações dolorosas, de gloria, e de remorsos. Com effeito quantos crimes gerou esse Oriente tão cubiçado, e por quantas lagrimas se tem comprado os seus arômas, as suas especiarias, e o seu ouro! Que nação se pode gabar de haver senhareado o Indostão sem o seu titulo de posse apparecer manchado de traições, de perjurios, e de barbari-

Paris - Feb. 11/1947

dades! Portugal pagou com mais de dous seculos de opprobrio e de amargura oitenta annos de crimes, e a sua conta saldou-se perante Deus e os homens. As conquistas da Asia passarão a mãos estranhas, e a gloria desassombrada e pura é o que nos cumpre receber da herança de nossos maiores. Assim tudo o que servir para recordar as façanhas delles no Oriente será bom serviço da Patria trazê-lo a lume: nós cremos, portanto, ser uteis publicando o presente Roteiro.

---



O MANUSCRITO que damos ao publico pertencia á Collecção do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra , e hoje existe na Bibliotheca da Cidade do Porto , para onde nos consta fôra trazido com os demais manuscriptos daquella antiga e preciosa collecção.

Vê-se não ser autographo do que se lê a pagina 64 do M. S. e pagina 87 do nosso impresso , onde diz : *ficou na ponta da pena ao auctor deste livro como estas armas são factas* ; falta esta que foi notada pelo copista que trasladou o original. Apesar de copia o Manuscripto , comtudo , mostra pelo talho e character da letra não ser posterior aos começos do seculo 16.º ; do que o Leitor perito se pode certificar pela inspecção do *fac-simile* das primeiras linhas , que apresentamos em estampa no fim deste Prologo.

Acha-se o codice marcado actualmente , segundo a numeração provisoria da Bib. Port. , com o = N.º 804 = O formato é de *folio* ; o papel de consistencia ordinaria e assaz escuro de côr ; nelle se distingue alem das usuaes mar-

cas d'agoa em seu sentido longitudinal , a devisa propria do fabricante , da forma que se vê na estampa a que acabamos de referir ; a côr da tinta ainda que um pouco desmaiada está bem conservada. Está o codice , pelo uso que delle se tem feito , separado da folha de pergaminho ( d'algum livro de officios ecclesiasticos ) em que fôra mal-encapado ; sendo precedido e seguido d'um folha de papel em branco de contexto e marca de mais moderno fabrico do que aquelle em que se acha escripto ; distinguindo-se naquella que precede o M. S. tres linhas de letra de talho mais recente , e que , a pesar da diligencia com que se procurou riscar e apagalas , ainda é possivel lêr ; dizem estas :

*Pertinet ad usum fratris Theotonij de Sancto G ..... Canonici Regularis in Cenobio Scte Crucis.*

Logo abaixo se vê

*Dó Theotonio ;*

e quasi no fim da pagina , em letra dos nossos dias , que nos parece da mão d'um dos Bibliothecarios do referido Mosteiro , o titulo

*Descobrimento da India por D. Vasco da Gamma ;*

que se acha repetido na mesma letra na face da capa de pergaminho , e no alto da pag. em que começa o M. S.

Nenhum Livro se imprimiu até hoje ácerca da Viagem feita no descobrimento da India, escripto por testemunha ocular daquelle successo, havendo sómente de contemporaneo, em quanto á data que não em quanto á publicação, a relação, que Ramusio appresentou pela 1.<sup>a</sup> vêz em 1554, como escripta por um gentilhomen Florentino que se achava em Lisboa ao tempo em que D. Vasco da Gama voltou, e que traçada com bastante confusão, como quem conta o que promiscuamente ouviu dizer a uns e a outros, está mui longe de se poder considerar como uma Relação Historica do Descobrimento da India. [ Nota A. ]

O nosso bibliographo Barboza Machado attribue uma relação desta viagem ao mesmo D. Vasco da Gama; mas sem nos dizer onde existia, e indicando que nunca fôra estampada. A pg. 775 do 3.<sup>o</sup> tomo da Bibliotheca Lusitana (1752) achamos, depois do panegyrico de D. Vasco da Gama, as palavras seguintes:

“ Compôz = *Relação da Viagem que fêz á India em o anno de 1497* = M. S.  
 “ Desta obra e seu auctor fazem menção Nicoláo Antonio Bib. Hisp. Vet. lib. 10. cap. 15. §.  
 “ 843, e Antonio de Leão, Bib. Ind. Tit. 2.<sup>o</sup>,  
 “ e o seu addicionador Tomo 1.<sup>o</sup> tit. 2. col. 25.”

Não podêmos cotejar a citação que faz Barboza de Antonio de Leão, por não termos encontrado sua obra; mas em quanto áquella que faz de Nicoláo Antonio achamos, tanto na Edição de 1672 como na de 1788 — (posterior a Barboza Machado) no lugar apontado as palavras seguintes: —

“ Vascus da Gama.... dedit reversus Em-  
 “ manueli suo Regi populari Portugaliæ idio-  
 “ mate navegationis suæ ad Indiam anno  
 “ MCDXCVII relationem , *quæ lucem vidit* :” —  
 donde poderíamos colligir ter sido tal obra im-  
 pressa. \*

E' infelicidade que nenhum dos Bibliogra-  
 phos citados indicasse a fonte donde derivou sua  
 informação; deixando-nos particularmente Bar-  
 boza na duvida se a sua foi resultado de inda-  
 gações proprias e locaes, ou se elle foi um me-  
 ro copiador do que a este respeito appresentão  
 as duas auctoridades por elle citadas; não sen-  
 do esta nossa duvida destruida pela circumstan-  
 cia de elle não se adiantar tanto como Nicoláo  
 Antonio em asseverar que a relação de Gama  
 fôra impressa, porque pode mui bem acontecer  
 que nunca tendo encontrado tal obra elle duvi-  
 dasse de sua publicação.

---

\* Poderamos comtudo mui consistentemente  
 hesitar em dar ás palavras *quæ lucem vidit* de Ni-  
 coláo Antonio a accepção usual de *foi impresso*, pois  
 temos reparado que n'este auctor nem sempre se fez  
 escrupuloso uso de tal expressão, applicando-a algu-  
 ma vêz a obras que não passarão de manuscritas. Sir-  
 va de exemplo a noticia seguinte extrahida de sua  
 Bibliotheca Hespana Nova. [ Ed. de 1788 ] tomo 2.<sup>o</sup>  
 pg. 399 “ — Anonymus Lusitanus, in eadem biblio-  
 theca servatus, *dedit in lucem*, Lusitané; “ *Derrotero*  
 “ *desde Lisboa al Cabo de Buena Esperanza, y India*  
 “ *Oriental*, cum figuris versicoloribus.  M. S. in 4.<sup>o</sup> ”

Mas mal podemos deduzir argumento algum de  
 passagem de tão desleixada construcção, que se re-  
 duz á noticia de que *um Livro publicou um Livro* !

Temos, comtudo, motivos para crer que esta *tradição* ( como lhe chama José Carlos Pinto de Souza em sua *Bibliotheca Historica* ) de ter D. Vasco da Gama escripto uma relação de sua 1.<sup>a</sup> viagem, tem sido mais geralmente divulgada. Em toda a feira dos Diccionarios Historicos Francezes, propagadas de edição em edição, achamos as palavras seguintes :

“ Diz-se que publicou a Relação de sua primeira viagem á India; mas esta não se acha : ”

e se retrocedermos de edição em edição havemos de achar as identicas palavras citadas apparecendo pela 1.<sup>a</sup> vêz na edição que em 1732 se fêz do de Moreri, accrescentada a ellas a nota = *Bibliotheca Portugueza Manuscripta*.

Quem fosse o Autor desta *Bibliotheca Portugueza* fica-nos em conjectura, que os editores do Diccionario não o declaram por nome; mas no prefacio, quando tratão dos melhoramentos daquella sua edição lemos o seguinte :

“ Tendo esquecido nas edições antecedentes tudo o que diz respeito á Historia Litteraria de Portugal, e tendo a Academia que o rei acaba de estabelecer com tanta gloria em sua capital, chamado a attenção dos revisores da obra sobre os sabios daquelle paiz, que bem que em grande numero são quasi desconhecidos em França, — um Escriptor Portuguez, homem judicioso e de mui vasta erudição, forneceu-lhes memorias extrahidas d’uma *Bibliotheca Portugueza*, que elle tenciona em breve publicar em sua lingua patria. ” No decurso do

Diccionario não achámos com que romper o anonymo do escriptor Portuguêz. Que não fosse Barboza Machado ( que já em 1724 tinha começada e já adiantada sua “ Bibliotheca ”, como se conclue de pg. 23 do seu prefacio ) é mais que provavel, porque fazendo este menção de todos os elogios, mesmo indifferentes, que tivera sua obra antes de impressa, não omitira este tributo dos Editores de Moreri se a elle fora dirigido. Pode ser que fosse o anonymo, D. Luiz Carlos de Menezes, Conde de Ericeira, que forneceu um tomo de correcções e addições a Dom Joseph de Mariavel, que em 1753 deu á luz uma augmentada traducção em Hespanhol do Diccionario de Moreri; mas duvidamos que o fosse, tanto porque não esqueceria aos editores Francezes dizer alguma cousa da elevada posição social do Conde, como porque se fôra elle que em primeira instancia lhes forneceu memorias relativas a escriptores Portuguezes, mal se pode suppôr que elle tivesse motivo para *um tomo de addições* e correcções que remetteste ao Traductor Hespanhol [ V. Mariavel em seu prefacio; — Bib. Lusitana em “ D. Luiz Carlos de Menezes.” ] E’, comtudo, de notar que na referida edição em Hespanhol a phrase dos editores Francezes se acha conservada, havendo sómente mais alguma força na negativa de não achar-se a allegada relação de D. Vasco da Gama; pois diz Mariavel que ella = *no se halla ni se encuentra.* =

Seja, porem, quem fôr este Bibliographo,

em quanto a nós tanto elle como os mais escriptores que temos citado, se enganarão.

Quando Ramusio fêz a sua collecção de Viagens não poupou diligencias para alcançar os impressos e manuscriptos de mais nomeada e veracidade, que fizessem a seu intento de dar reunidas n'um corpo todas as noticias tocantes ás descobertas e navegações dos modernos. Não só quem ler os prologos dos *Giuntas*, editores da collecção, ficará convencido disso; mas tambem quem se lembrar de que alli apparecem algumas relações, escriptas por Portuguezes, e cuja existencia ignoramos se lá não se encontrassem. Sendo isto certo, não nos parece de crer que a narração da viagem de D. Vasco da Gama, por elle proprio escripta, fosse tão desconhecida, que escapasse ás indagações de Ramusio; e tanto mais que não foi por abundancia de outras relações que elle a ommittiu, visto que para inserir na sua collecção alguma cousa tocante ao descobrimento da India, aproveitou o 3.º Livro da 1.ª Decada de João de Barros, que havia pouco tinha publicado as duas primeiras Decadas de sua Asia.

Accresce que citando-se nos nossos escriptores das cousas do Oriente tantas obras, hoje inteiramente perdidas, em nenhuma, que nós sabemos, se encontrão rastos da Relação de D. Vasco da Gama, a qual se existisse, fôra com razão mui nomeada por ser composição do homem que mais estava no caso de escrever a historia daquella arriscada e gloriosa empresa.

Estas razões negativas são reforçadas por outra, que vem a ser o não declarar nem Barboza, nem nenhum dos Bibliographos que apontámos, porque modo alcançaram noticia da Obra de D. Vasco da Gama, e tudo nos induz a crer que a “Relação” do Almirante é um sonho bibliographico, que talvez tivesse origem tão simples como a que vamos aventurar.

E’ provavel que este nosso M. S. fosse noticiado aos indagadores de nossa historia litteraria da forma que o titulo por nós mencionado o indica; isto é como = *Relação do Descobrimento da India por D. Vasco da Gama* = Pode muito bem ter acontecido que sendo a preposição *por* referida pelo noticiador ao substantivo *descobrimento*, fosse pelo Bibliographo, a quem foi dirigido este titulo, referida a *Dom Vasco da Gama*; e daqui, pelo equivoco da construcção grammatical, fosse este considerado auctor da referida relação. Esta opinião nos parece provavel, e podemos sem temeridade suspeitar que foi o Manuscrito que ora offerecemos ao publico que deu motivo a crer-se que o Descobridor da India tinha escripto a relação de sua viagem. Ao menos em quanto esta não apparecer é licito duvidar de sua existencia e conjecturarmos do modo mais plausivel sobre a origem de tal *tradicção* litteraria.

Quem porem é o auctor do nosso Manuscrito é que não podemos alcançar. Do contexto da obra se colhe que não era nenhum dos capitães, ou pilotos dos navios, mas sim um simples

soldado ou marinheiro que pertencia á tripulação do navio de Paulo da Gama, irmão do Almirante, e que tinha comtudo alguma valia, pois achamo-lo fallando de si, na primeira pessoa, em occasiões de serviço para as quaes é mui de pensar houvesse escolha nos individuos a quem se encarregava. Em Calecut foi um dos doze que D. Vasco levou consigo quando desembarcou para ter audiencia do Çamorim; e isto posto que não determine completamente quem fosse, já dá logar a algumas conjecturas. Castanheda, em sua Historia do Descobrimento, &c. nos conservou os nomes de alguns destes, nomeando a Diogo Dias, escrivão de D. Vasco; Fernão Martins o lingoa; o seu veador [ cujo nome não aponta ]; João de Sá, escrivão de Paulo da Gama; um marinheiro chamado Gonçalo Pirez, que fora da criação de D. Vasco; um Alvaro Velho; e Alvaro de Braga, escrivão de Nicoláo Coelho. Ora dado, como adiante demonstraremos, que o Manuscrito que agora publicamos, foi a principal fonte a que recorreo Castanheda na sua Historia citada, é mui de suppor que, attenta a contemporaneidade e as sabidas diligencias deste, elle conhecesse quem fôra o auctor, e que declarando este ultimo ter sido um dos referidos doze [ veja-se pag. 54 ] fosse por Castanheda nomeado. O contexto da obra exclue immediatamente e com toda a evidencia, a Diogo Dias, Fernão Martins, o veador de D. Vasco ( fosse quem fosse ), e Alvaro de Braga; sendo tambem João de Sá excluido — pela inducção

que tiramos de ter o auctor sido um simples soldado ou marinheiro [ e mais provavelmente marinheiro ] das expressões de que usa quando falla genericamente dos de sua classe em contra-distincção dos capitães , dizendo , por varias vezès , *nós outros* , *alguns de nós outros* ; por uma circumstancia que narra Castanheda ( Liv. 1.º cap. 16 ) da qual se mostra que João de Sá duvidava muito do *Christianismo* ( \* ) dos habitantes de Calecut , no qual parece que nosso auctor firmemente accreditava ; por alguns serviços em que o Auctor indica ter sido empregado , como sondas ( pag. 24 ) que mais convem a marinheiro que a escrivão — [ bem que sabemos pela historia que João de Sá fôra tambem soldado e nautico ] ; e finalmente pela evidencia intrinseca do estylo e narrativa que parece-nos indicar sua humilde situação.

Sobre os dous que nos restão poderia haver duvida se Castanheda não viesse em nosso auxilio. Destes, Alvaro Velho e Gonçalo Pirez , ficará o ultimo excluido das nossas supposições , pela comparação das passagens que

( \* ) Nossos primeiros navegantes imbuídos nas exaggeradas relações que corriam relativamente á profissão religiosa do Preste João que se dizia ser christão ; tendo encontrado alguns dos denominados christãos de S. Thomé ; e tendo poucas ideas de outra religião que não fosse a sua ou o Mahometanismo ; facilmente accreditarão , ao começo , que os Indostanos erão Christãos.

contrastamos de Castanheda e nosso Auctor ; nas quaes fallando este ultimo em terceira pessoa , é esta nomeada Gonçalo Pirez pelo primeiro :

---

Castanheda.

Liv.º 1.º cap.º 21.

O catual . . . . levou Vasco da Gama ao longo da praya ; e como elle tinha má suspeita desta gente pelo que lhe fora feito em Calcut , disse a *Gonçalo Pirez* , o marinheiro , que *com outros dous* dos nossos fosse diante o mais que podesse , e se achasse Nicoláo Coelho com os bateis , lhe dissesse que se escondesse...

Nosso Anonymo.

Paginas 69.

Entam nos levarão ao longo da praya. E o capitão parecendo-lhe aquillo mal mandou diante *tres homens* , e que se achassem os bateis dos navios e ahi estivesse seu irmão , que se escondesse.....

---

---

Passão depois um e outro auctor a narrar como estes tres homens se perderão do resto da comitiva do capitão-mor ; e acrescentão : -

Castanheda.

( *Ibidem* )

E estando assi chegou , *Gonçalo Pirez* com recado de Nicoláo Coelho que o esperava com os bateis...

---

Nosso Anonymo.

Pag. 71.

E estando nós assi , veio *um daquelles homens* que se de nós perdera o outro dia á noute , e disse ao Capitão que Nicoláo Coelho estava desde o outro dia á noute com os bateis...

Desta forma resta-nos Alvaro Velho , que mui bem podemos suspeitar ser o Auctor da Relação que publicamos. Entre tanto claro fica não passar isto de mera conjectura fundada nas ante-postas premicias , de que Castanheda sabia quem era este auctor e que a reconhecida veracidade do infatigavel Historiador do Descobrimento da India não o desempareou nas citadas passagens.

De quanto valêra nosso Manuscrito a Castanheda colhe-se do facto de ter sido mais que metade do 1.º Livro da Historia da India pela maior parte quasi litteralmente copiado da relação que publicamos — verdade de que os leitores facilmente se convencerão. A concordancia dos dous escriptos ficará mais evidente se neste exame nos servirmos da 1ª, e rarissima Edição do 1º Livro , impressa em 1551 ; onde allem da prova que offerece o contexto geral,

lêr-se-há no capitulo 27 as palavras : “ e os pilotos disserão que erão nos baixos do Rio Grande , e as mais particularidades que daqui por diante passou o capitão mor até a Ilha de Santiago eu não as pude saber ; sómente &c. ” palavras estas que na subseqüente edição de 1554 forão supprimidas e o capitulo alterado, sem que , comtudo , pre-enchesse Castanheda a lacuna que accusa. E’ com effeito até ao ponto marcado por essas mesmas palavras que chega nossa relação ; que desta sorte ainda mais se corrobora ter sido a fonte a que o autor da Historia da India recorrêra. ( Vid. a nota B )

Quando primeiramente tomamos este Manuscripto entre mãos , as circumstancias de ter elle vindo de Coimbra onde Castanheda escreveu e publicara sua obra , — de ter sido esta , como temos demonstrado , baseada , em quanto á 1.ª Viagem á India , sobre este manuscripto , — e da semelhança do talho da letra com uma assignatura , que razoavelmente se pode suppôr de *Fernão Lopes* de Castanheda , e que se encontra no fim d’um exemplar da edição de 1554 do 1º Livro que encontramos na Bibliotheca Portuense , — tudo isto fêz-nos entreter suspeitas de que este nosso manuscripto fosse o identico de que elle se servisse na composição de sua historia , sendo tal copia um daquelles trabalhos de buscar e trasladar memorias , onde quer que existissem que dissessem respeito a seu intento , em que , segundo elle nos testifica , se occupou pelo espaço de 20 annos com tanto gasto de sua fazenda e estrago de sua

saude. Mas sendo tão difficil o concluir a identidade de letra de mão pela inspecção de assignaturas corridas, tentamos immediatamente instituir indagações na Universidade de Coimbra ( onde Castanheda foi Bedel e Guarda do Castorio ) a fim de obtermos tanto fac-similes da letra usual de Castanheda como de sua assignatura ; mas tem até hoje sido mal-logrados ( por motivos que escusamos apontar ) os nossos desejos. Appresentamos comtudo aos nossos leitores o fac-simile da Assignatura que referimos, tanto como objecto de curiosidade como talvez fornecendo um fio que possa, nesta idea, servir de guia a indagadores subsequentes.

Terminaremos esta longa serie de duvidas e conjecturas dizendo que talvez todas ellas desaparecessem se encontrassemos o Catalogo ( que parece-nos incrível que o não houvesse ) dos M. S. de Santa-Cruz de Coimbra, onde quando não de todo se apartasse o veio que encobre nosso Anonymo, poderião mui bem offerecer-se circumstancias que nos ajudassem, tanto a decidir com mais alguma affouteza da questão que attribue uma relação de sua viagem a D. Vasco da Gama, como em determinar com mais algum gráo de probabilidade quem fosse o Auctor desta que publicamos.

Pelo que toca ao merito de estilo e linguagem debalde se buscará neste inedito cousa da menor valia nesta parte ; nem é de admirar que assim aconteça em um livro escripto por um soldado ou marinheiro, quando nas obras dos eruditos daquella epocha, até muitas vezes se

busca em vão a concordancia grammatical. O merito , porem , deste Roteiro consiste , não na linguagem nem no estilo , mas em ser escripto por uma testemunha ocular do portentoso feito do Descobrimento da India. Na copia que apresentamos ao Publico procuramos cingir-nos o mais possivel ao original ; por isso conservamos a irregularidade de sua orthographia , e não quizemos corrigir os solecismos em grammatica que muitas vêzes nos offerece. Declaramos que somos contrarios á reimpressão dos nossos escriptores antigos na orthographia dos tempos em que escrevêrão , que não serve esta hoje em dia senão de occultar seu pensamento e em muitos casos a belleza de sua phrase , debaixo do que , para a generalidade de leitores , pode comparar-se a um desfarce de traje , que por bello que seja enfastia pela continuação de seu trato ; e attrevêmo-nos a affirmar que a este systema ( e suas concomitantes circumstancias ) talvez devamos a mui pouca lição que entre nós , em mal , se encontra dos Classicos Nacionaes , que raro será o individuo que , não tendo um decidido gosto pelo estudo de Antiguidades , se queira dedicar com assiduidade a uma leitura que é tão contraria áquella que habitualmente encontra : mas julgámos que na publicação d'um escripto que apparece pela primeira vêz depois de tão longo lapso d'annos desde o tempo em que foi traçado — que não offerece garantia externa de nome de Auctor , e sómente se faz fidedigno pelas provas de authenticidade intrinseca que nos apresenta — e que de mais , se

ostenta como tendo servido de base a outra mais elaborada narrativa do Descobrimento da India — devíamos ligar-nos a uma copia litteral. Lembrou-nos ao começo regularisar a orthographia ; mas se isso fizéssemos mal poderíamos escusar-nos á correcção do texto , em forma tal que mais pareceria obra nossa do que do seu original escriptor.

Debaixo deste preceito , que nos estabelecemos , conservamos o uso do *s* singelo , com o som de *ç* , ( que na maior parte das vezes no M. S. se encontra ) e o *j* , com o som de *i* longo , onde assim o encontrámos. Desta sorte escrevêmos *noso* por *nosso* , *majs* por *mais* , *jso* por *isso*. Da mesma forma não quizemos supprimir as letras dobradas ( como por exemplo os *rr* ) de que , contra o estilo moderno e sem necessidade , os nossos antigos usavão no começo e mesmo meio das palavras ; nem quizemos introduzir letra que duplicasse , quando o A. assim não escrevêra . Seguimos tambem o mesmo systema de numeração que no M. S. encontrámos , e quando possa haver difficuldade referimos sua explicação a Notas no fim do volume , onde procurámos ajuntar tudo que podesse elucidar o texto e gratificar o leitor.

Fomos comtudo obrigados a afastar-nos do restricto systema de copia no uso de letras majusculas para o principio dos nomes proprios de pessoas , terras , &<sup>a</sup> , pois d'outro modo , conservando as minusculas do que o A. usa , ficaria mui confusa a apparencia do texto e desagradavel a leitura. Fomos tambem obrigados

a introduzir mais pontos , e accentos , do que encontrámos , a fim de tornar o sentido mais corrente e evitar equivoções; mas d'uma e outra cousa fomos o mais economicos que podemos a fim de conservar as feições caracteristicas do original. Igualmente emendamos alguns erros evidentemente de copia, como por *alega* escrevemos *alegria*, por *mata*, *matamos* &<sup>a</sup> &<sup>a</sup>. Finalmente recommendaremos a quem a difficuldade da orthographia tornar repugnante a leitura do Roteiro, persista até 3 ou 4 paginas, e verá desvanecer-se, com este pequeno ensaio, toda a apparente difficuldade.

No Mappa Demonstrativo da Derrota de D. Vasco da Gama, procuramos, marcando a verdadeira direcção della, ( até onde é possível, ) destruir de uma vêz para sempre a força das asserções que entre nacionaes e estrangeiros tem apparecido, da impericia e casualidade do Descobrimento da India. Citaremos, d'entre outros, o Dezembargador Antonio de Mariz Carneiro, Cosmographo Mór do Reino, que no seu “ Regimento de Pilotos e Roteiro da Navegação da India ”- ( Lisboa, 1642 ) diz: -

“ O Descobrimento da India se fêz em tempo d' El Rey Dom Manuel, no anno de 1497, por Dom Vasco da Gama, fidalgo de sua caza; costeando a costa de Guiné e Angola, chegou ao Cabo de Boa Esperança, onde acabando-se-lhe a terra austral, pela qual tantos dias avia navegado, guiado mais por Deos Nosso Senhor, que por roteiros nem informações que levasse a que parte do mundo a India es-

tava e só com aquelle seu esforço e invencivel animo não temeo dobrar o dito cabo, &c.<sup>2</sup> ”

E quando encontramos nacionaes assim desfigurando os factos, não é de admirar que entre estrangeiros se adoptem ideias, que logo nelles apparecem revestidas de linguagem menos comedida em desdouro de nossa fama. Já Pedro Nunes tinha dito, em sua *Defensão da Carta de Marear*, que “estes descobrimentos de costas, ilhas, e terras firmes, não se fizerão indo a acertar, mas partiam os nossos mareantes mui ensinados e providos de instrumentos, e regras de astrologia, e geometria”; e com effeito basta consultar mui superficialmente a generalidade de nossos Historiadores para provar que “nossa navegação foi sabiamente calculada sobre profundas combinações e altissimas conjecturas; guiada pelos principios da Cosmographia e Geographia, apoios da Nautica; talhada sobre um plano luminoso, constante e regular; e dirigida por novos instrumentos e applicação das regras da Astronomia e Geometria.” \*

D. Vasco da Gama ia munido de quantas instrucções e socorros lhe podia subministrar a observação, a politica, e as sciencias daquelle tempo, que de tudo fazem fé nossos historiadores. O seu destino lhe foi d’antemão marcado, a saber Calcut, para cujo Rei elle le-

---

\* Antonio Ribeiro dos Santos, Mem. de Litt. Port. da A. R. das S. de Lisboa, Tomo 8, pag. 169.

vava uma Carta de D. Manuel. Reunida sua frota nas Ilhas do Cabo Verde, elle d'ahi partiu engolfando-se no Oceano Atlantico Austral por um Rumo que não se affastava muito do Sul; e para assim fazer elle aproveitou-se do conhecimento dos ventos geraes da Costa Occidental d'Africa, que erão contrarios á sua derrota, e da direcção que a Costa Oriental, ja descoberta em seu começo por Bartholomeu Dias, seguia de Sul para Norte. Chegado a uma Latitude Sul approximada á do Cabo da Boa Esperança elle se dirigiu no Rumo do Oeste; o que, ao tempo que mostra que elle se fundava em dados scientificos, em nada diminue a audacia da empreza. Esta carreira é comprovada pela circumstancia dos conhecimentos anteriores, por nosso Roteiro, e por *todas as subsequentes navegações* \* á India; e se Cabral em 1500 descobriu o Brazil foi que conforme ao exemplo de D. Vasco elle seguiu o rumo do Sul, apartando-se porem demasiadamente para Oeste. No mar Indico, que lhe era desconhecido, achamo-lo prolongando a Costa d'Africa de Sul a Norte, até que encontrou Piloto que o conduzisse a seu destino, e cujo socorro vemo-lo aproveitando-se das monções tanto para a sua ida a Calecut como em sua volta, bem que na primeira travessa fosse

---

\* Vid. a Collecção de noticias Geographicas da A. R. das S. de Lisboa, nas Viagens de Cabral, Thomé Lopes, João d'Empoli &c.

mais feliz que na segunda. Nesta, depois de dobrado o Cabo da Boa Esperança, achamo-lo mettendo-se na corrente dos ventos geraes do S. O. da Costa Occidental d'África, afim de chegar as Ilhas do Cabo Verde.

São estas as circumstancias que quizemos apontar em nossa Carta Reduzida de sua Derrota, a qual temos marcada por rumos que ainda que se não devem considerar mais do que approximações, são mais representativas da verdade do que as arbitrarías derrotas que na maior parte dos Mappas, ( em que esta navegação se acha marcada ) lhe são assignadas.

Quanto ao Retrato que offerecemos em frente do titulo, e que devemos ao reconhecido talento do Snr. João Baptista Ribeiro, cumprenos declarar que este Snr. se serviu para as feições de D. Vasco da Gama de hũa estampa gravada por D. J. da Silva, copiada de hum quadro a oleo que possuia o Exm.<sup>o</sup> Arcebispo de Goa D. F. Francisco de Brito, o qual o mandou copiar do que estava na sala dos Governadores em Goa; porem a respeito do traje seguiu a descripção dada por Camões nos Lusíadas C. II Est. 47 e 48; exemplo que ja seguira F. Gérard nos famosos desenhos que abrilhantão a rica edição dos Lusíadas publicada em 1817 por Dom Jose Maria de Souza-Botelho; assim como attendeu aos esclarecimentos dados por Faria e Souza em sua Asia. E para abranger as recordações historicas que demais perto respeitão o nosso objecto apresentamos aos Senhores Assignantes hum frontispicio com huma

medalha que ElRei Dom Manuel mandou cunhar pouco tempo depois de sua accessão ao throno, a qual se não foi destinada a commemorar o descobrimento da India é extraordinariamente prophetica do mesmo acontecimento; esta se acha gravada na Historia Geneologica da Caza Real Portugueza Tom. IV. Est. 54. A esphera armillar e as armas de Portugal daquelle tempo adornão o referido frontispicio, que é tambem producção do mesmo Artista. Os fac-similes e Mappa são do desenho lithographico do Snr. João Thomaz de Carvalho e Silva, que já se tem distinguido em trabalhos da mesma especie.

Terminaremos este prologo aproveitando-nos gostosamente da occasião para tributar, de uma maneira publica, nossos agradecimentos aos ex-primeiros Bibliothecarios da Bibliotheca Publica Portuense os Senhores Diogo de Góes Lara d'Andrade, e Francisco Vellozo da Cruz, e ao actual 2º Bibliothecario, servindo de 1º, o Snr. José Cardozo Ribeiro, pela obsequiosa urbanidade com que, apontando e facilitando-nos todos os recursos da Bibliotheca, muito nos coadjuvarão em nossas indagações.

---



16.

Na era de myl nuytuy  
me  
mugall / rdo / ruz / quat  
maria / Dos quatro na  
e Dos outis duu  
= nycollao rucelo

Marca d'agua do papai do M. S.





1497

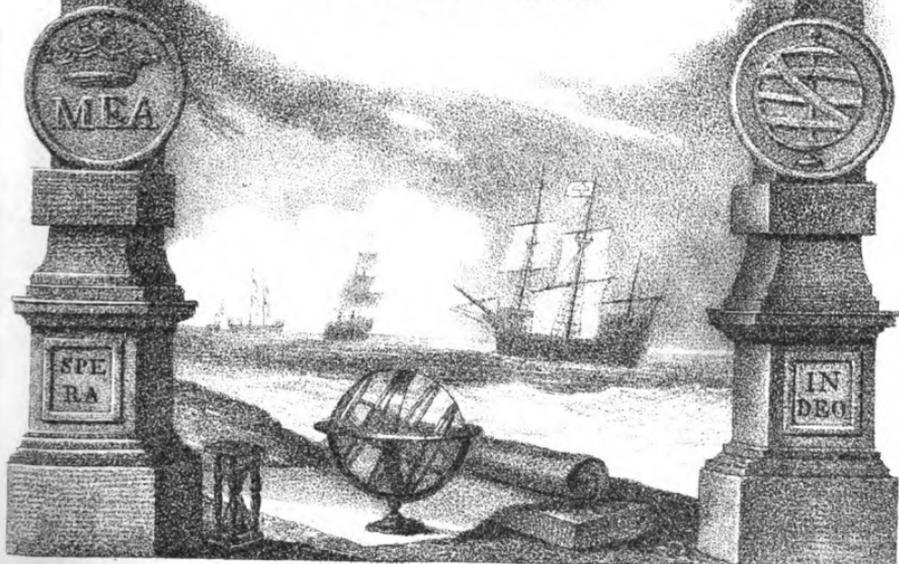
**ROTEIRO**

DA VIAGEM

DE

DOM VASCO DA GAMA

*A' INDIA*





---

**E**M NOME DE DEUS, Amem. Na era de mjl  
iij<sup>l</sup> Rvij mandou ELL REY DOM MANUELL  
o primeiro deste nome em Portugall, a descobrir,  
quatro navios, os quæes hiam em busca da  
especiaria, dos quæes navios hia por capitam  
moor Vasco da Gama e dos outros duñ delles  
Paullo da Gama seu irmãoo e doutro Njcollao  
Coelho.

---

**P**ARTIMOS de Restello huñ sabado  
que eram oyto dias do mes de Ju-  
lho da dita era de 1497 noso ca-  
mjnho que Deus noso Senhor leixe acabar em  
seu servjço, Amem.

**P** rimeiramente chegamos ao sabado segujnte a vista das Canarias e esa noute pasamos a jula-vento de Lançerote e a noute seguynte amanhecemos com a Terra Alta, omde fizemos pescaria obra de duas oras, e loguo esta noute em anouteçendo eramos atraves do rrio do Ouro. E foy de noute tamanha a çarraçam que se perdeo Paulo da Gama de toda a frota per huũ cabo e pello outro o capitam moor. E depois que amanheço nom ouvemos vista delle, nem dos outros navios, e nos fizemos o camjnho das Jlhas do Cabo Verde como tinhamos ordenado que quem se perdesse que se segujse esta rrota. Ao domjngo segujnte em amanhecendo ouvemos vista da Jlha do Sall, e loguo dij a huũa ora ouvemos vista de tres navios, os quaees fomos demandar e achamos a naoo dos mantimentos e Njcollao Coelho, e Bertolameu Diz que hia em nosa companhia até a Mjna, os quaees tambem tinham perdidos o capitam moor. E depois de sermos juntos segujmos nosa rrota e faleçenos o vento e amdamos em calmaria ate a quarta feira pella manham. E aas dez oras do dia ouvemos vista do capitam moor avante nos obra de cinco legoas e sobre a tarde nos viemos a falar

com muita alegria onde tiramos muitas bombardas e tanjemos trombetas e tudo com muito prazer pollo termos achado. E ao outro dia que era quinta feira chegamos a Ilha de Santiago onde pousamos na praya de Santa Maria com muito prazer e folgar e aly tomamos carnes e augoa e lenha e correngendo as vergas dos navios porque nos era necessario. E hũa quyn-ta feira que eram tres dias Dagosto partimos em Leste, e hindo huũ dia com Sull quebrou a verga ao capitam moor e foy em xvij dias Dagosto e seria isto ij' legoas da Ilha de Santiago, e pairamos com o traquete e papafigodous dias e hũa noute, e em xxij do dito mes hindo na volta do mar ao Sull e a quarta do Sudueste achamos muitas aves feitas como garçõees e quando veo a noute tiravam contra o Susoeste muito rrigas como aves que hiam perra terra, e neste mesmo dia vimos hũa balea e isto bem oytocentas legoas em mar.

¶. A vinte e sete dias do mes Doutubro vespora de Sam-Simam e Judas que hera sexta feira achamos muitas baleas, e hũas que se chamam quoquas, e lobos marinhos.

¶. Hũa quarta feira primeiro dia do mes

\*

de Novembro que foy dia de Todos os Santos achamos mujtos signaes de terra os quaees eram huüs golfãoos que naçem ao longo da costa.

¶. Aos quatro dias do dito mes sabado ante manhã duas oras achamos fundo de cemto e dez braças ao mais e as nove oras do dia ouvemos vista de terra a emtam nos ajuntamos todos e salvamos o capitam moor com mujtas bandeiras e estemdartes e bombardas e todos vistidos de festa e em este mesmo dia vimos bem junto com terra na volta do mar, porem nom ouvemos conhecimento da terra.

¶. A terça feira viemos na volta da terra e ouvemos vista duña terra baixa e que tinha huña grande baya. O capitam moor mandou Pero Dalanquer no batell a ssundar se achava bom pouso pello qual a achou mujto boa e limpa e abrigada de todollos ventos soamente de Noroeste e ella jaz Leste e Oeste, aa quall poseram nome Santa Ellena.

¶. A quarta feira lançamos anquera na dita baya onde estivemos oyto dias alimpando os navios e corregendo as vellas e tomando lenha.

¶. A quatro legoas desta angra pera o Sueste jaz huñ Rio que vem de dentro do sartão que he em boca huñ tiro de pedra e daltura duas e tres braças de qualquer augua e chamase o rrio de Samtiaguó.

¶. Nesta terra a homões baços que nom comem senam lobos marinhos e baleas e carne de gazellas e rraizes dervas e andam cubertos com pelles e trazem huñas baynhas em suas naturas. E as suas armas sam huñs cornos tostados metidos em huñas varas dazambujo e tem muytos cães como os de Portugall e asy mesmo ladram.

¶. As avees desta terra sam asy mesmo como as de Portugall, corvos marinhos guayvotas rrollas e cotovias e outras mujtas avees e a terra he mujto sadia e tenperada e de boas ervas.

¶. Ao outro dia depois de termos pouzado que foy a quinta feira saimos em terra com o capitam moor e tomamos huñ homem daquelles, o qual era pequeno de corpo e se parecia com Samcho Mixiaa e andava apanhando mell na charnequa, porque as abelhas naquel-

la terra o fazem ao pee das moutas, e levamollo a naoo do capitam moor, o quall o pos comsi-guo aa mesa e de todo o que nos comjamos co-mja elle. E ao outro dia o capitam moor o vis-tiu mujto bem e o mandou poer em terra. E ao outro dia segujnte vieram quatorze ou xv delles aquy onde tinhamos os navios. E o capitam moor foy em terra e amostroulhe mujtas merca-dorias pera saber se avia naquella terra alguña daquellas cousas, e as mercadarias eram canella e cravo e aljofar e ouro e asy outras cousas e elles nam entenderam naquellas mercadarias nada co-mo homês que nunca as viram , pollo quall o capi-tam moor lhes deu cascaves e anes destanho. E jsto ffoy a sexta feira. E jso mesmo ao saba-do segujnte. E ao domjnguo vieram obra de quorenta ou cincoenta delles e nos depois que jantamos saimos em terra e com ceitis que le-vavamos rresgatamos conchas que elles traziam nas orelhas que pareciam prateadas e rrabos de rraposas que traziam metidos em huïs páoos com que abanavam ao rrosto, onde eu rresgatey huïa baynha que huï delles trazia em sua na-tura per huï ceitill. Pollo quall nos parecia que elles prezavam cobre por que elles mesmos tra-ziam huïas comtinhas delle nas orelhas.

¶. Este mesmo dia huñ Fernam Velloso que hia com o capitam moor desejava mujto hijr com elles a suas casas pera saber de que maneira vivjam e que comjam ou que vida hera a sua. E pedio por merçe ao capitam moor que lhe dese licença pera jr com elles a suas casas, e o capitam vendose emportunado delle que o nom leixava senam que lhe dese a licença o leixou jr com elles e nos tornamonos ao navio do capitam moor a cear, e elle se foy com os ditos negros. E tanto que elles de nos foram apartados tomaram huñ lobo marinho e foram-se ao pee duña serra em huña charnequa e asaram o lobo marinho e deram delle ao Fernam Velloso que hija com elles e das rraizes das ervas que elles comjam. E acabado de comer diseramlhe que se viesse pera os navios e nom qujseram que fosse com elles. E o dito Fernam Velloso como veo em direito dos navios começou loguo de chamar, e elles ficaram mjtidos pello mato, e nos estavamos ajnda ceando, e quando ho ouvimos leixaram loguo os capitãees de comer e nos outros com elles e metemonos na barca a veella, e os negros começarã de correr ao longuo da praya, e foram tam prestes com o dito Fernam Velloso como nos. Em nos o querendo rrecolher elles nos

começaram atirar com huías azagayas que traziam, omde foy ferido o capitam moor e tres ou quatro homês. E jsto por que nos fiavamos delles, parecendonos que heram homês de pequeno coraçam e que nom se astreveriam a cometer o que depois fizeram pollo quall hiamos despracebidos darmas. Emção nos rrecolhemos aos navios.

¶. E tanto que tevhemos nosos navios aparelhados e linpos e lenha tomada nos partimos desta terra hũa qujnta feira pella manham que era xvj dias de Novembro, nom sabendo nos, quanto eramos do Cabo de Boa Esperança, salvo Pero Dalanquer dizia que ao mais que podiamos ser seriam trinta legoas a rree do Cabo e o porque se elle nam afirmava era porque partira huũ dia pella manham do Cabo, e que de noute pasara per ally com vento a popa e jso mesmo a yda foram de larguo e por estes respeitoos nom eram em conhecimento donde eramos. Pollo qual fomos em a volta do mar com Sull Susueste e ao sabado a tarde ouvemos vista do dito Cabo de Boa Esperança, e em este dia mesmo viramos em a volta do mar, e de noute viramos em a volta da terra. E ao domjngo pella manham que foram dezanove dias

do mes de Novembro fomos outra vez com o Cabo e nam o podemos dobrar porque o vento era Susneste e o dito Cabo jaz Nordeste Sudneste, e em este dia mesmo viramos em a volta do mar e a noute da segunda feira viemos em a volta da terra. E a quarta feira ao meo dia pasamos pello dito Cabo ao longo do costa com vento a popa. E junto com este Cabo de Boa Esperança ao Sull jaz huã angra muito grande que entra pella terra bem sejs legoas e em boca avera bem outras tantas.

¶. Em vinte e cinco dias do dito mes de Novembro huã sabado a tarda dia de Santa Caterina entramos em a angra de Sam Bras onde estevemos treze dias porque nesta angra desfezemos a naoo que levava os mantimentos e os rrecolhemos aos navios.

¶. A sexta feira segujate estando nos ajmda na dita angra de Sam Bras vieram obra de novemta homens baços darte daquelles damgra de Santa Elena, e andavam delles ao longuo da praya e delles ficavam pellos outeyros. E nos estavamos todos ou a mayor parte de nos a este tempo na naoo do capitam moor. E como os vimos fomos em terra em os bates, os quaes

levavamos muj bem armados , e como fomos junto com terra o capitam moor lhes lançava cascaves na praya fora , e elles os tomavam e nam soamente tomavam os que lhe lançavam mas vinham por elles a tomalos da mãoo ao capitam moor , do que nos ficamos mujto maravilhados porque quando Bertolameu Diz aqij esteve elles fogiam delle e nom lhe tomavam nenhũa cousa daquellas que lhe elle dava , mas antes huñ dia em elles tomando agoa em huña aguada que aquy estaa muyto boa a beira do mar elles lha defendiam as pedradas de cima de huñ outeiro que esta sobre esta auguada , e Bertolameu Diz lhe tirou com huña besta e matou huñ delles. E ao que posemos nom fogirem de nos foy que nos pareceo que ouveram novas dos da angra de Santa Ellena onde nos primeiro estevemos, que sam de huña terra aa outra sesenta legoas per mar , como nos eramos homẽs que nom faziamos mall mas antes davamos do noso. E o capitam moor nom quys aquy sajr em terra porque esta honde os negros estavam huñ mato grande, e mudou-lhe o posto , e fomos pousar a outro lugar descoberto e alij sayo e acenamos aos negros que fosem pera honde nos hiamos , e elles foram. E o capitam moor com os outros capitãees sayram

em terra com gente armada honde hiam algũs com béstas. E o capitam moor lhes mandou emtam que se apartasem e que viesem huñ ou dous delles e jsto per azenos. E áquelles que vieram o capitam lhes deu casquaves e barretes vermelhos; e elles nos davam manjilhas de marfim que traziam nos braços, porque nesta terra segundo nos parece aa mujtos alifantes e nos achavamos o estravo delles bem acaram daguada honde elles vinham a beber.

¶. Ao sabado vieram obra de duzentos negros antre grandes e pequenos e traziam obra de doze rreses antre boyes e vacas e quatro ou cinco carneiros, e nos como os vimos fomos loguo em terra. E elles começaram logo de tanjer quatro ou cinco frautas e huñs tangiam alto e outros baixo em maneira que concertavam mujto bem pera negros de que se nom esper<sup>a</sup> musica, e balhavam como negros. E o capitam moor mandou tanjer as trombetas e nos em os bates balhavamos, e o capitam moor tambem de volta com nosco, e depois de acabada a festa nos fomos em terra onde da outra vez e alij resgatamos huñ boy negro por tres manylhas, o qual jamtamos ao domjngo e era muito gordo e a carne delle era saborosa como a de Portugall.

5. Ao domjngo vieram outros tantos e traziam as molheres comsyguo e moços pequenos e as molheres estavam em cima de huil alto perto do mar e traziam mujtos boys e vacas e poseranse em dous lugares ao longo do mar e tanjiam e balhavam como ao sabado. E o costume destes homês he os moços ficarem no mato com as armas, e os homês vyeram a fallar comnosco e traziam huils paos curtos nas mãos e huils rrabos de rraposas metidos em huils paos com os quaees abanam o rrosto. E nos estando asy a falla por açenos, vimos amdar antre o mato os moços agachados e traziam as armas nas mãos. E o capitam moor mandou huil homem que se chama Martim Affonso que ja andara em Manyeongo, fora, e deulhe manjilhas que rresgatase huil boy. E elles depois que teveram as manjilhas tomaramo pella mão e foram-lhe mostrar augada dizendo que porque lhe tomaramos nos a augua, e começaram de lançar os boys pera o mato. E o capitam moor quando isto viu mandou a nos outros que nos rrecolhesemos e tambem que se acolhese o dito Martim Affonso, jsto porque lhe pareceo que elles hordenavam algũa treijam. Emtam depois de rrecolhidos nos fomos onde da primeira estevemos e elles foram de pos nos. E o ca-

pitam mandou que saysemos em terra com lanças e azagayas e héstas armadas e nosos gibanetes vestidos , e jsto majs pera lhe mostrarmos que eramos poderosos pera lhe fazer mall e que lho nam queriamos fazer. Elles quando jsto viram começaram de se ajuntar e correr huïs pera os outros e o capitam por nom dar azo pera se matar delles. algüs mandou que se rrecolhesem todos aos bates , e depois que fomos todos rrecolhidos por lhe dar a entender que lhe poderyamos fazer mall e que lho nam queriamos fazer mandou que se tirassem duas bombardas que estavam na popa da barca. E elles estavam todos asentados na praya junto com ho mato e quando ouviram desfechar as bombardas começaram de fugir tam rrijo pera o mato que as pelles com que andavam cubertas e as armas lhe ficavam , e depois que foram em o mato tornaram dous por ellas, e njsto começaram de se ajuntar e fugir pera cima de huïa serra e levavam o gado ante sy.

¶ Os boys desta terra sam mujto grandes como os Dalamtejo e mujto gordos amarevilha e muito mansos e sam capados e delles nom tem cornos. E os negros haquelles que sam mais gordos trazemlhe huïas albardas da-

tabua asy como os de Castella e huñs paos asy como andas em cima dalbarda e andam em cima delles e aquelles que elles querem rresgatar metemhe huñ pao de esteva pellas ventãas e trazenos por alij.

¶. Em esta angra esta huñ jlheo em mar tres tiros de beesta e em este jlheo ha muitos lobos marinhos e delles sam tam grandes como usos mujto grandes, e sam mujto temerosos, e tem mujto grandes dentes, e vemse aos homens, e nenhũa lança por força que leve os nom pode ferir, e outros mais pequenos, e outros mujto pequeninos, e os grandes dam urros como leões e os pequeninos como cabritos. E aquy fomos huñ dia a folgar e vimos antre grandes e pequenos obra de tres mill, e tiravamoslhe do mar com as bombardas. E neste jlheo ha huñas aves que sam tamanhas como patos e nam voam porque nom tem penas nas aas e ehamamhe fotylicayos e matamos delles quantos quisemos, as quaees aves azurram como asnos.

¶. Estando nesta angra de Sam Bras tomando agoa huñã quarta feira posemos huñã cruz e huñ padram em a dita angra de Sam Bras, a qual cruz fezemos de huñã mezena e

era mujto alta. E a qujnta feira segujnte estando nos pera partir da dita angra , vimos obra de dez ou xij negros os quaees ante que nos dali partisemos derribaram asy a cruz como o padram.

¶. Depois de termos todo o que nos era necesario partimos daquy, e em este mesmo dia tornamos a pousar duas legoas domde partiramos porque ho vento era calma. A sesta feira dia de Nossa Senhora da Concepçam pella manham demos nossas vellas e seguymos noso camjnho. E a terça feira segujnte que era vespora de Santa Luzia ouvemos huña grande tormenta e corremos a popa com o traquete mujto baixo , e neste rroota perdemos Njcollao Coelho , e em este dia pella manham quando veo ao sol posto viram-o da gavea a rree de nos quatro ou çinquo legoas, e parecenos que elle nos vira fazemos foreos e estevemos a corda. E acabando-se o quarto primeiro elle veo ter com nosco nam porque elle nos tevese visto de dia mas porque o vento era pella bolina e nom podia al fazer senam vijr ter na nosa esteira.

¶. A sesta pella manham ouvemos vista de terra , a qual terra he onde se chamam os

Jlheos Chãos, os quaes estam alem do Jlheo da Cruz: çinquo legoas, e Damgra de Sam Bras ao dito Jlheo da Cruz ha sesenta legoas, e outras tantas ha de Cabe de Boa Esperança ha angra de Sam Bras. E dos Jlheos Chãos ao derradeiro padram que Bertolameu Diz pos outras çinquo legoas, e do padram ao Rio do Jfante ha quijnze legoas.

¶. Ao sabado segtrynte pasamos pelo derradeiro padram e asy como nos hiamos ao longo da costa asy começaram de ir correndo em terra dous homões ao longo da praya contra onde nos hiamos. E esta terra he muito graciosa e bem asentada, e aquy vimos andar em terra muito gado e quanto mais pera diante tanto mais a terra era mjhor e de mais altos arvoredos.

¶. A noute segujnte estevemos a corda por quanto eramos tanto avante como o rrio do Jfante que era a derradeira terra que Bertolameu Diz descobrio, e ao dia segujnte fomos com vento a popa prelongando a costa ate oras de vespora que nos saltou o vento ao Levante e fizemos na volta de mar, e andamos com hũa volta ao mar e outra a terra ate a terça feira

acerqua do soll posto, que nos tornou o vento ao Ponente, pollo quall estevemos aquella noute a corda pera ao outro dia hirmos rreconhecer a terra onde ou em que parajem eramos. E quando veo a manham fomos de frecha a terra, e achamonos as dez oras do dia com o Ilheo da Cruz que era a rree do que nos faziamos sesenta legoas. E jsto causaram as correntes que aquy sam grandes, e em este mesmo dia tornamos a pasar a carreira que ja tinhamos pasada com mujto vento a popa que nos durou tres ou quatro dias onde rronpemios as correntes a que nos aviamos grande medo nom nos leixar aver aquillo que desejavamos. E daquelle dia em diante qujs Deus por sua mjsericordia que nos fossemos avante e nom a rree praza a elle que asy seja sempre.

¶. Dia de Natall que foy a vinte cinco dias do mes de Dezembro tinhamos descuberto per costa setemta legoas. Em este dia depois de termos jantado em metendo huia moneta achamos o masto com huia fenda abaixo da gavela huia braça a quall fenda abria e cerrava. Pollo quall o rremendamos com brandaes ate que fossemos tomar porto abrigado omde o corregesemos. E a qujnta feira pousamos ao longo

da costa onde tomamos muyto pescado e quando veo ao soll posto tornamos a dar nosas velas e segujr noso camjnho, e aquy nos ficou huia amquora que nos quebrou huil calabrete com que estavamos ao mar. E daqy andamos tanto pello mar sem tomarmos porto que nãe tinhamos ja agoa que bebesemos nem faziamos ja de comer senam com aguoã salgada, e pera noso beber nem nos davam senam huil quartiho, de maneira que nos era necesario de tomarmos porto. E sendo huia quinta feira que eram dez dias de Janeiro ouvemos vista de huil rio pequeno e aquy pousamos ao longo da costa. E ao outro dia fomos em os bates em terra honde achamos muytos homeens e molheres negros, e sam de grandes corpos, e huil Senhor antre elles. E o capitam moor mandou sair em terra huil Martin Affonso que andou em Manicongo muyto tempo e outro homem com elle. E elles lhes fizeram gasalhado. E o capitam mandou aquelle Senhor hãa jaqueta e huãas calças vermelhas e huia carapuça e hãa manjilha. E elle dise que qualquer cousa que ouvese em sua terra que nos fosse necessaria que nolla daria de muy boa vontade. E jsto emtendia o dflto Martin Affonso e aquella noute foy o dito Martin Affonso e o outro com aquelle Senhor

a dormir a suas casas, e nos tornamos pera nosos navios. E jndo aquelle Senhor pello camjnho vistio aquillo que lhe deram e dizia aaquelles que ho vinham rreceber com mujto contentamento, vedes o que me deram, e elles batiam-lhe as palmas por cortesia e jsto fizeram por tres ou quatro vezes ate que chegou aldea onde andou per todo o logar, asy vistido como hia ate que se meteo dentro em casa e mandou agasalhar aos dous homens que hiam com elle em hum cerrado e alij lhe mandou papas de mj-lho que ha mujto naquella terra, e hñã galinha como as de Portugall. E toda aquella noite vieram mujtos homens e molheres a vellos e quando veo a manham o Senhor os foy ver e lhes dise que se viesem e mandou dous outros homens com elles e deulhe galinhas pera o capitam moor, dezendo-lhe elle que hia amostrar aquillo que lhe deram a huñ grande Senhor que elles tinham e segundo nos parecia que seria o rrey daquella terra, e quando chegaram ao porto onde os barquos estavam ja vinham com elles bem duzentos homens que vinham a vellos.

¶ Esta terra segundo nos pareceo he mujto povoada, e ha nella mujtos Senhores, e as molheres nos parecia que eram mais que os ho-

\*

mens porque onde vinham vinte homens vñham quorenta molheres. E as casas desta terra sam de palha, e as armas desta jemte sam arcos mujto grandes e frechas e azagayas de ferro. E á nesta terra segundo nos pareceo mujto cobre o qual trazem nas pernas e pellos braços e pellos cabellos rretorcidos. Iso mesmo ha nesta terra estanho que elles trazem nhũas guarniçõees de punhaees e as baynhas delles sam de marfim. E a jemte desta terra preza mujto pano de linho e nos davam mujto deste cobre por camjsas se lhas nos qujseramos dar. Esta jemte traz hũas cabaças grandes em que levam do mar pera o sertão agoa salgada e deitam a em huũas poças na terra e fazem della sall. Aquy estevemos cinco dias tomando agoa a quall nos acaretavam aos bates aquelles que nos vinham a ver. Nom tomamos agoa quanto nos qujseramos porque o vento nos yguava de vjagem. E nos estavamos amquorados ao lomguo da costa no rrollo do mar, e a esta terra posemos nome, Terra da Boa Jente e ao rrio do Cobre.

¶. Hũa segunda feira hindo pello mar ouvemos vista de hũa terra mujto baixa e de

huïs arvoredos mujto altos e juntos , e jndo asy nesta rrota vimos huï rrio larguo em boca e porque era necesario saber e conhecer omde eramos pousamos, e hũa qujnta feira a nou-te entramos estando ja o navio Berrio de do outro dia que foram oyto dias por andar de Janeiro. Esta terra he mujto baxa e alagadiça, e he de grandes arvoredos, os quaces dam mujtas frutas de mujtas maneiras, e os homens desta terra comem dellas.

¶. Esta gente he negra , e sam homens de bõos corpos, andam nus , soomente trazem huïs panos dalgodam pequenos com que cobrem suas vergonhas, e os Senhores desta terra trazem estes panos maiores. E as molheres moças que nesta terra parecem bem trazem os beiços furados por tres lugares e alij lhe trazem huïs pedaços destanho retrocydos. E esta jente folgava muito comnosco e nos traziam aos navios djso que tinham em almadias que elles tem. E nos jso mesmo hiamos ha sua aldea a tomar agoa.

¶. Depois de aver dous ou tres dias que aquy estavamos vieram dous Senhores desta terra a vernos os quaces eram tam alterados que

nom prezavam cousa que lhe desem, e huñ delles trazia hũa touca posta na cabeça com huñs vivos lavrados de seda e o outro trazia hũa carapuça de çatim verde. Jso mesmo vinha em sua companhia huñ mancebo que segundo elles acenavam era doutra terra dij longe e dizia que ja vira navios grandes como aquelles que nos levavamos, com os quaees signaees nos folgavamos mujto porque nos parecia que nos hiamos chegando pera onde desejavamos. E estes fidalgos mandaram fazer em terra ao longo do rrio a par dos navios hũas Ramadas em que estiveram obra de sete dias onde cada dia mandavam aos navios rresgatar panos, os quaees traziam hũas marcas dalmagra, e depois que se emfadaram destar alij se foram em almadias pello rrio acima. E nos estevemos neste rrio trinta e dous dias em os quaees tomamos agoa e alimpamos os navios e corregeram ao Rrafaell o masto, e aquy nos adoeceram mujtos homens que lhe jmchavam os pees e as mãos e lhe creciam as gingivas tanto sobre os dentes que os homens nom podiam comer, e aquy posemos huñ padram ao quall poseram nome o padram de Sam Rrafaell e jsto porque elle o levava, e ao rrio dos Bõos Signaees.

¶. Daquy nos partimos huñ sabado que eram vinte e quatro dias do mes de Fevereiro e fomos aquelle dia na volta do mar, e a noute segujnte em Leste por nos arredarmos da costa a quall era mujto graciosa de vista. E ao domjngo fomos ao Nordeste, e quando veo a oras de vespora vimos estar tres ylhas em o mar e eram pequenas, e as duas sam de grandes arvoredos e a outra he calva e pequena mais que as outras, e de huñaa outra avera quatro legoas, e porque era noute vyramos na volta do mar e de noute pasamos per ellas. E ao outro dia fomos noso camjnho, e andamos seis dias pello maar porque as noutes pairavamos. E huñaa qujnta feira que foy o primeiro dia do mes de Março a tarde ouvemos vista das ylhas e terra que se ao diante segue. E porque era tarde viramos na volta do mar e pairamos ate pella manham. E emtam viemos emtrar em a terra sygujnte.

¶. A sexta feira pella manham jmdo Njcollao Coelho por dentro daquella amgra errou o canall e achou baixo e em virando pera os outros navios que vjnham de tras viram vjir huñs barccs a vella de dentro daquella ylha da povoaçam, o qual foy com muito prazer a

salvar o capitão-moor e a seu Jrmão. E nos nos leixamos jr naquella volta do maar pera avermos de vyr pousar e nos quanto mais andavamos quanto mais nos elles seguyam capeandonos que aguardasemos. E nos em pousando na lagoa daquella jlha domde vinha o barco, chegaram a nos sete ou oyto daquelles barcos e almadias, os quaees vinham tamjendo huñs anafijs que elles traziam, dizendonos que fosemos pera dentro e que se nos quisesemos que elles nos meteriam em o porto, os quaees entraram em os navios e comeram e beberam diso que nos comjamos e depois que se emfadaram foramse e os capitães ouveram por conselho que entrassem em está amgra pera saberem o trato desta jemte e que Njcollao Coelho fose primeiro com o seu navio a somdar a barra e que se fose pera emtrrar que emtrariam. E jmdo Njcollao Coelho pera entrar foy dar na pomta daquella jlha e quebrou o governalho e asy como deu asy sayo pera o alto e eu era alij com elle. E tanto que saimos pera o alto amanhamos nosas vellas e deitamos as anquoras dous tiros de besta da povoacam.

¶. Os homens desta terra sam rruyvos e de bõos corpos e da seita de Mafamede e falam como mouros e as suas vestiduras sam de

panos de linho e algodam muyto delgados e de muytas cores de listras e sam rricos e lavrados, e todos trazem toucas nas cabeças com vivos de seda lavrados com fio douro e sam mercados e tratam com mouros brancos dos quaees estavam aquy em este logar quatro navios delles que traziam ouro prata e pano e cravo e pimente e gingivre e anes de prata com muitas perllas e aljofar e rrobins e jso mesmo todas estas cousas trazem os homens desta terra. E ao que nos parecia segundo elles diziam, que todas estas cousas vinham aquy de carroto e que aquelles mouros o traziam salvo o ouro, e que pera diante pera onde nos hiamos avia muyto e que as pedras e o aljofar e especiaria era tanta que nam era necesario rresgatalla mas apanhala aos cestos. E jsto tudo emtendia huñ marinheiro que o capitam moor levava o qual fora ja cativo de mouros e portanto emtendia estes que aquy achamos. E majs disseram os ditos mouros que aviamos que neste camjnho que levavamos achariamos muytos baixos, e que tambem achariamos muytas cidades ao longo do mar e que aviamos de jr topar com hũa jlha em que estavam ametade mouros e ametade xrstãos os quaees xrstãos tinham guerra com os mouros e que em esta jlha avia muita rriqueza.

¶. Mais nos disseram que Prestes Joham estava dali perto e que tinha muitas cidades ao longo do mar e que os moradores dellas eram grandes mercadores e tinham grandes naos mas que o Preste Joham estava muito dentro pello sartão e que nom podiam la jr senam em camelos, os quaces mouros traziam aquy huñs dous xrstãos Jmdeos cativos, e estas cousas e outras muitas diziam estes mouros do que eramos tam ledos que com prazer choravamos, e rogavamos a Deus que lhe aprouvese de nos dar saude pera que visemos o que todos desejavamos.

¶. Em este lugar e jlha a que chamão Mõcobiquy estava huñ Senhor a que elles chamavam Colyytam que era como visorrey o qual veo aes nosos navios por muitas vezes com outros seus que com elle vinham. E o capitam lhe dava muj bem de comer e lhe fez hum serviço de chapeos e marlotas e corraees e outras cousas muitas. E elle era tam alterado que desprezava quanto lhe davam, e pedia que lhe desem escalata e nos nom ha levavamos, mas diso que tinhamos diso lhe davamos.

¶. O capitam moor lhe deu huñ dia huñ

convite o qual foy de mujtos figos e comservas, e lhe pedio que lhe dese dous pilotos que fosem comnosco e elle dise que sy, comtante que hos contentasem, e o capitam mor lhe deu trinta meticaees douro e duas marlotas a cada huñ e foy com comdiçam que daquelle dia que elles jsto rreçebesem que se quisesem sajr fora que ficase huñ delles sempre em o navio, do quall elles foram muj contentes. E huñ sabado que foram a dez dias do mes de Março partimos e viemos pousar huñ legoa em maar junto com hũa jlha, pera que ao domjngo disessem msa e se confesassem e comugasem os que quisesem.

¶. Huñ daquelles pillotos ficava em a jlha e depois que pousamos armamos dous bates pera avermos dijr por elle em os quaees bates em huñ delles hia o capitam moor e em o outro Njcollao Coelho. E elles asy jmdo sairam a elles cimquo ou sejs barcos com mujta gente os quaees traziam arcos com suas frechas mujto compridas e tavolachinhas, e capeavam-lhe que se tornassem pera villa. E o capitam mor quando vio aquillo prendeo o pilloto que levava comsigo e mandou que tirassem com as bombardas aquelles que vinhã nos barcos. E

Paulo da Gama que ficava em os navios pera que se fose algũa cousa que fose em dos a socorrer, o quall como ouvio as bombardas fez se a vella em o navio Berrio e os mouros como ja dantes fogisem quando vieram jr o navio á vella fogiram mujto mais, e acolheram-se a terra ante que a elles chegase o Berrio e asy nos tornamos ao pouso. E ao domjngo disemos nosa mjsa em a Jlha debaixo de huñ arvoredo muito alto. E depois de dita a mjsa nos viemos pera as náos e loguo nos fizemos a vella e começamos de segujr nosa via com mujtas galinhas e mujtas cabras e pombas que aquy rresgatamos por hũas comtinhas amarellas de vidro.

¶. As náos desta terra sam grandes e sem cubertas e nam tem pregadura e andam apertadas com tamiça e jso mesmo os barcos, e suas vellas são esteiras de palma, e os marinhos dellas tem agulhas Genojscas per que se rregem e quadrantes e cartas de marear.

¶. As palmeiras desta terra dam huñ frutu tam grande como mellõees e o mjollo de dentro he o que comem e sabe como junça avellanada e tambem ha hij pipinos e mellõees

mujtos os quaees nos traziam a rresgatar.

5. Naquelle dia que Njcollao Coelho entrou o Senhor que em esta veio ao navio com mujta gente e elle o agasalhou mujto bem e lhe deu huñ capuz vermelho e o Senhor a elle huñas contas pretas que elle trazia porque rreza, as quaes lhe deu por seguro e pedio o batel a Njcolao Coelho pera se jr nelle e elle lho deu. E depois que foy em terra levou comsigo a sua casa aquelles que hiam com elle e os comvidou e depois lhes mandou que se viesem, e mandou a Njcolao Coelho huñ pote de tamaras pisadas as quaes tinham conserva de cravos e comjnhos. E asy depois mandou ao capitam moor mujtas cousas. E jsto foy em quanto lhe parecia que nos eramos Turcos ou Mouros de algũa outra parte, por que elles nos perguntavam que se vinhamos de Torquja e que lhe mostrassem os arcos de nosa terra e os livros de nosa ley. E depois que souberam que nos eramos xrstãos ordenaram de nos tomarem e matarem a treiçam mas o pilloto seu que comnosco levavamos nos descobrio todo o que elles hordenavam de fazer contra nos se o poderam poer em obra.

7. A terça feira vimos huia terra a qual tinha estes montes alem de hũa pomta a qual pomta ao longo da costa tem huil arvoredo alto que parecem urmeiros e sam rralos. E esta terra sera do lugar donde partimos ao mais xx legoas e aquy andamos em calmarias a terça feira e a quarta. E a noute segujnte fomos em a volta do mar com vento Levante pouco, e quando veo a manham achamonos a rree de Macobiqy quatro legoas e aquelle dia andamos ate a tarde e pousamos junto com a ilha onde nos dyseram mjsa o domjngo dante pasado, e alij estevemos oyto dias esperando por tempo. E neste meo tempo nos mandou dizer o rrey de Mácobiqy que queria fazer paz comnosco e ser noso amjgo, e desta paz foy embaxador huil Mouro branco que era Xarife que quer dizer Creligo a quell era huil grande bebado. E estando nos aquy veo huil mouro com huil mjnino seu filho e meteo-se em hũ navio dos nosos, dizendo que se queria jr comnosco porque era de junto com Meea, e viera aquy a Mõcobiqy por pilloto de huia nao desta terra. E porquanto nos nom acudia tempo nos foy necesario entrarmos em o porto de Mõcobiqye a tomar agoa que nos era necessaria a qual estava da outra parte da ter

ra firme , da quall agoa bebem os da jlra por hij nom aver outra senã se for salgada.

7. Huã quinta feira entramos em o dito porto e como foy noute lançamos os bates fora , e como foy mea noute o capitam moor e Njcollao Coelho e alguns de nos outros fomos a ver onde estava a angoa e levamos comnosco o pilloto mouro, o quall andava mais pera fogir se podera que pera nos mostrar onde estava agoa. E se emlheou em tal maneira que nunca nos soube amostrar onde era ou nam quys e njsto andamos ate que amanheço. Em-tam nos tornamos pera os navios, e quando veo a tarde tornamos outra vez la com o mesmo piloto, e nos junto com ha auguada andavam ao longuo da praya obra de vinte delles escaramuçando com azagayas nas mãos pera nos averem de defender agoa , e o capitam moor lhes mandou tirar três bombardadas pera que nos desem logar pera avermos de saltar fora. E asy como nos fomos fora elles se embrancharam em o mato, e nos tomamos quanta agoa que semos e quando nos rrecolhemos era acerquado soll posto e achamos hũ negro do pilloto Joham de Coimbra fogido.

7. Ao sabado que foram vinte e quatro dias do mes de Março vespora de Nosa Senhora, e era pella manham, veo huñ Mouro em direito dos navios a dizer que se quisesemos agoa que fossemos por ella dando a emtemder que lla estava quem nos faria tornar. E o capitam moor como vio jsto determynou que fossemos pera lhe mostrarmos como lhe podiamos fazer mall se quisesemos, polo quall logo com os bates armados e bombardas nas popas delles, nos fomos a aldea e os mouros tinham fectas paliçadas mujto bastas e mujto taboado basto atado em maneira que os que estavam detras delle nam os podyamos ver, e elles andavam ao longo da praia com tavollachinhas azagaias agomjas e arcos e fundas com que nos tiravam as pedras. Mas nos com as bombardas lhe faziamos tal companhia que lhes comveo leixar a praya e meterem-se na palhiçada que tynham fecta, a qual lhe fazia mais dapno que proveito, e njsto estevemos obra de tres oras. E alij vimos dous homens mortos huñ que matamos na praya e outro dentro em a estacada. E depois de estarmos delles emfadados, viemonos a jantar aos navios, e elles começará logo de fugir e acarretar fato em almadias pera hũa aldea que esta da outra banda. E nos de-

pois que jantamos fomos com os bates a ver se podiamos tomar alguns delles pera por elles avermos os dous xrstãos Ymdios que tinham cativos e o negro que nos alij fugira, pollo quall fomos depos hũa almadia do Xarife que hia carregada de fato e outra que levava quatro negros, a quall tomou Paullo da Gama, e a que vinha carregada de fato como foram em terra fugiram todos e leyxaram a almadia a costa, aquella e outra que achamos ao longo do mar; e os negros que hali tomamos trouxe-mollos aos navios. E nas almadias achamos mujtos panos dalgodam finós e seiras de palma e hũa talha vidrada de manteiga e arredomas de vidraço com augoas e livros de sua ley e hũ cofre com mujtas meadas dalgodam e hũa rrede jso mesmo dalgodam e mujtos seirões cheos de mjlho. E todas estas cousas que se alij tomaram o capitam moor as deu a aquelles marinheiros que se alij acharam cõ elle e cõ os outros capitãees, salvo os livros que elle guardou pera mostrar a ElRey. E ao domjngo segujnte fomos tomar agoa e a segunda feira fomos ante a villa com os bates armados e os mouros falavam de detras as casas porque nom ousavam de vir a praya e depois que lhe tiramos cõ as bombardas nos viemos

pera os navios, e a terça feira nos partimos dante a villa e viemos a pousar junto cõ os Ilheos de Sam Jorje, honde estevemos ajnda tres dias esperando que nos dese Deus tempo e a quinta feira que foram vinte e nove dias do dito mes nos partimos dos ditos Ilheos e porque o vento era pouco quando veo ao sabado pella manhã que foram xxx dias do dito mes eramos vinte e oyto legoas dos ditos Ilheos.

¶. No dito dia pella manham fomos tanto avante a terra dos Mouros donde tornaramos a rree com as correntes que eram grandes.

¶. Ao domjngo primeiro dia do mes Da-brill fomos com hũas jlhas que estam bem apar da terra, e a primeira das ditas jlhas poseram nome a Jlha do Açoutado, porque ao sabado a tarde o pilloto Mouro que com nosco levavamos mjntio ao capitam, dizendolhe que estas ilhas eram terra firme e por esta mjntira que lhe dise o mandou açontar. As naos desta terra navegam antre a terra e estas jlhas e vam por quatro braças e nos fomos a maar dellas. Estas jlhas sam mujtas e mujto juntas que nom as podyamos estremar hũas das outras e sam povoadas. E a segunda feira ou,

vemos vista de outras jlhas que estão em mar cinco legoas.

¶. A quarta feira que foram quatro dias Dabril demos as vellas e fomos ao Noroeste e ante de meo dia ouvemos vista de hũa terra grossa e duas jlhas junto com ella e esta terra tem derredor de sy muytos baixos. E tanto que fomos juntos com ella que os pillotos a rreconheceram disseram que ha hilha dos xrstãos ficava a rree de nos tres legoas, e emtam trabalhamos todo o dia pera ver se a podyamos cobrar, e porque o ponente era muyto nom a podemos cobrar. Emtam ouveram os capitães por conselho que arribasemos pera hũa cidade que estava quatro jornadas de nos, a qual cidade se chama Mõbaca.

¶. Esta jlha era hũa pera que nos vinhamos a qual os pillotos que traziamos diziam que era de xrstãos, e emtam arribamos ja tarde com muyto vento e acerca da noute vimos hũa ilha muj grande que nos demorava ao Norte, na qual jlha nos diziam os pillotos mouros que levávamos que havia hũa villa de xrstãos e outra de Mouros. Esta noute segujnte fomos na volta do maar e quando veõ pella manham nom

vimos terra; entam fizemos camjnho de Noroeste e quando veo a tarde vimos terra.

¶. E esta noute segujnte fizemos o camjnho ao Norte e a quarta de Noroeste e no quarto dalva fizemollo ao Nornoroeste. E jndo asy com vento tendente duas oras ante manham deu o navio Sam Rrafaell em sequo em huñs baixos que estam da terra firme duas legoas, e como deu em sequo bradou aos outros que vinham detras, os quaees tanto que ouviram os brades pousaram delle huñ tiro de bombardarda, e lançaram os bates fora e como foy bajxa mar ficou o navio de todo em seco e com os bates lançaram mujtas amquoras ao maar, e como veo a mare do dia que foy prea-maar sayo o navio, com que todos folgamos mujto.

¶. Em a terra firme em direito destas baixas esta hũa serranja mujto alta e ferosa a qual seranya poseram nome as Serras de Sam Rrafaell e as baixas jso mesmo.

¶. Estando o navio em seco vieram duas almadias a elle e a nos, as quaees trouxeram mujtas laranjas mujto boas, mjlhores que has de Portugall, e ficaram em o navio dous Mouros.

que foram ao outro dia com nosco a hũa cidade que se chama Mõbaça.

¶. Ao sabado pella manham que foram a sete dias do dito mes vespora de Rramos fomos ao longo da costa e vimos hũas jlhas que estavam a mar da terra firme qujnze legoas e bojavam sejs legoas em comprido, em as quaees jlhas ha mujtos mastos com que emmasteam as naos daquella terra, e sam todas povoadas de Mouros, e ao soll posto fomos pousar defronte da dita cidade de Mõbaça, e nam emtramnos em o porto, e em nos chegando veo a nos hũa zavra carregada de Mouros e davante a cidade estavam mujtas naos todas embandeiradas com seus estandartes. E nos por lhe termos companhia fizemos outro tanto e majs aos nosos navios, que nos nom falecia senam jente que nam tynhamos, porque ajnda esa pouca que tynhamos era mujto doente. E alij pousamos com muito prazer parecendonos que ao outro dia yryamos ouvir mjsa em terra com os xrstãos que nos diziam que aquy avia e que estavam apartados sobre sy dos mouros, e que tinham alquaide seu.

¶. Os pillotos que nos levavamos diziam

que em esta Ilha de Mõbaça estavam e viviam Mouros e xrstãos e que vivyam apartados hũs dos outros e que cada hũs tinham seu Senhor, e que como nos aquy chegaseamos que elles nos fariam mujta honra e que nos levariam pera suas casas. E jsto era dito pollo que elles desejavam de fazer que nam por ser asy.

¶. Aquella noute segujnte a mea noute vieram em hũa zavra obra de cem homes todos com tarçados e tavolachinhas , e como chegaram onde o capitam mor estava qujseram entrar com as armas , e elle nam qujs e nam entraram mais de quatro ou cinco dos mais honrados delles , e estiveram obra de duas oras com nosço , e emtam se foram , e o que nos pareço desta vinda foy que elles vinham pera verem se poderiam tomar alguũ deste navios.

¶. Ao domjngo de rramos mandou o Rey de Mõbaça ao capitam moor hũ carneiro e mujtas laranjas e cidrões e canas daçuquar, e mandou-lhe huũ anell por seguro e que se qujsese entrar que lhe daria todo o que lhes fizesse mester , e vieram dous homens mujto alvos que diziam que eram xrstãos , e a nos asy nollo parecia, com este presente. E o ca-

pitam moor lhe mandou hũ ramall de coraes e mandou-lhe dizer que ao outro dia hiria pera dentro, e em este dia mesmo ficaram no navio do capitam quatro mouros dos majs honrados. E o capitam mandou dous homens ao Rey desta cidade pera mais confirmar suas pazes, os quaees como foram em terra foy loguo mujta gente com elles ate a porta do paço, e antes que chegasem ao rrey pasaram por quatro portas onde estavam quatro porteiros cada hũ a sua porta, os quaees estavam com seus cutellos nus nas mãos. E quando chegaram ao Rey elle lhe fez mujto gasalhado, e lhes mandou amostrar toda a cidade, os quaees foram ter a casa de dous mercadores xrstãos e elles mostraram a estes dous homens hũa carta em que adoravam em a qual estava debuxado o Espirito Santo. E depois de tudo visto o rrey mandou mostras de cravo e pimenta e gengivre e de trigo tres mezas ao capitam e que disto poderiamos carregar.

¶. A terça feira em alevantando as amquoras pera jr pera dentro o navio do capitam moor nom qujs virar e hija em quu que estava por popa. E emtam tornamos a lançar as ancoras e em os navios estavam mouros comnoséo os quaees depois que viram que nom hiamos rre-

colheram-se em hũa zavra e hindo ja por popa os pillotos que vieram de Mõcobiquy comnosco lançaramse a augoa e os da zavra os tomaram. E como foy noute o capitam pingou dous mouros dos que traziamos que lhe disessem se tinham treißam ordenada, os quaees disseram que como fomos dentro que tinham ordenado de nos tomar e se vingarem do que fezeramos em Mõcobiquy, e estando pera pingarem outro com as mãos atadas deitou-se ao maar e o outro se lamçou no quarto dalva.

¶. Em esta noute segujnte a mea noute vieram duas almadias com mujtos homens os quaees se lançaram a nado e as almadias ficaram de largo e se foram ao navio Berrio e outros vieram ao Rafaell. E os que foram ao Berrio começaram de picar o cabre e os que estavam vigiando cujdaram que eram tonjnhas e depois que os conheceram bradaram aos outros navios e outros estavam ja pegados nas cadeas da enxarcia de traquete do Rafaell, e como foram simtidos callaramse e deceranse abaixo e fogiram. Estas e mujtas outras maldades ordenavam estes perros mas noso Senhor nom qujs que se lhe dessem a bem porque nom criam nelle.

¶. Esta cidade he grande e esta asentada em huñ alto onde bate o mar e he porto onde entram mujtos navios cada dia e tem aa entrada huñ padram , e tem a villa junto com ho mar hũa fortalleza baixa. E os que foram em terra nos disseram que viram andar pella villa mujtos homes presos com ferros e estes segundo nos parecia deviam de ser xrstãos porque os xrstãos nesta terra tem guerra com os mouros.

¶. Os xrstãos que estan nesta cidade sam como estantes mercadores os quaees sam mujto sogeitos porque nom fazem mais que o que lhes ho rrey mouro manda.

¶. Quis Deus por sua mjsericordia que como fomos junto com esta cidade logo todollos doentes que traziamos foram sãoos porque esta terra he de mujto bons arres.

¶. Estevemos ajnda a quarta e qujnta feira depois de termos conhecida a malicia e troyçam que estes perros qujseram pør em obra contra nos. E partimos pella manham daly com pouco vento e viemos pousar de Monbaça obra de oyto legoas junto com terra. E em amañecendo vimos dous bareos a jula vento de

nos em mar obra de tres legoas, pello qual lo-  
guo arribamos contra elles pera os avermos de  
tomar porque desejavamos de aver pillotos que  
nos levasem onde nos desejavamos. E quando  
veo a oras de vespora fomos com hũ dos ditos bar-  
cos e tomamollo e o outro se nos acolheo a  
terra, e naquelle que tomamos achamos deza-  
sete homes e ouro e prata e mujto mjilhe e  
mantimento e hũa moça molher de huũ homem  
velho mouro honrrado que hii vinha. E tanto  
que nos chegamos junto com elles todos se lan-  
çaram ao mar e nos hos andamos tomando com  
os bates.

¶. Neste mesmo dia ao soll-posto lança-  
mos anquora em direito de huũ logar que se  
chama Mjlinde o qual esta de Mombaça trinta  
legoas, e de Mombaça ha esta villa de Milin-  
des ha este logares que se seguem, primei-  
ramente Benapa, e Toça, e Nuguo-quioniete.

¶. Ao dia de Pascoa nos disseram estes  
mouros que tinhamos cativos que em a dita vil-  
la de Mjlindes estavam quatro navios de xrs-  
tãos os quaees eram Jndios e que se os quj-  
sesemos aliã levar que dariam por sj pilotos  
xrstãos e todo o que nos fezese mester asy de

carnes augoa lenha e outras cousas, e o capitam moor que muyto desejava aver pillotos daquella terra, depois de termos tratado este partido com estes mouros, fomos pensar da villa mea legoa de terra, e os da villa nunca osaram de vjr aos navios porque estavam ja avisados e sabiam que tomaramos hũa barca com os mouros.

¶. A segunda feira pella manham mandou o capitam moor pōor aquelle mouro velho em hũa baixa que esta defronte da villa e alij veo. hũa almadia por elle, o qual mouro foy dizer a ElRey o que o capitam queria e como folgaria de fazer paz com elle. E depois de jantar veo ho mouro em hũa zabra em a qual o rrey daquella villa mandou hũ seu cavaleiro e hũ xarife e mandou tres carneiros e mandou dizer ao capitam que elle folgaria de antre elles aver paz, e estarem bem, e que se lhe conprise algũa cousa de sua terra que lho daria com muj boa vontade asy os pilotos como qualquer outra cousa. E o capitam moor lhe mandou dizer que ao outro dia hiri peraa dentro do porto, e mandoulhe loguo pollos mesegeiros huũ balandrao e dous rramaes de coraes e tres baçias e huũ chapeo e cascayes e dous lambes.

¶. Logo aa terça feira nos chegamos majs pera junto da villa , e ElRey mandou ao capitam seis carneiros e mujtos cravos e comjnhos e gingivre e noz nozcada e pimenta , e mandoulhe dizer que ha quarta feira se queria ver com elle no mar que elle jria na sua zavra e que fose elle no seu batell.

¶. A quarta feira depois de jantar veo ElRey em huã zavra e veo junto dos navios e o capitam sayo em o seu batell mujto bem corregido e como chegou onde ElRey estava logo se o dito rrey meteo com elle , e alij pasaram mujtas palavras e boas entre as quaees foram estas. Dizendo ElRey ao capitam que lhe rrogava que fose com elle a sua casa folgar e que elle hiria dentro aos seus navios e o capitam lhe dise que nom trazia licença de seu senhor pera sajr em terra e que se em terra saise que daria de sy maa conta a quem o lla mandara. E o Rey rrespondeo que se elle aos seus navios fose que conta darya de sy ao seu povo ou que diriam. E preguntou como avia nome o noso rrey e mandou o escrepver e dise que se nos por aquy tornasemos que elle mandaria huã embaiador ou escrepveria. E depois de terem falado cada huã o que queria mandou o capitam por

todos os mouros que tinhamos cativos e deulhos todos , do qual elle foy muj contente e dise que majs prezava aquillo que lhe darem hũa villa. E o rrey andou folgando de rredor dos navios donde lhe tiravam mujtas bombardas e elle folgava mujto de as ver tirar , e njsto andaram obra de tres,oras , e quando se foy leixou no navio huũ seu filho e hũ seu xarife e foram com elle a sua casa dous homens dos nosos os quaees elle mesmo pedio que queria que fosse ver os seus paços e majs dise ao capitam que pois elle nam queria jr a terra que fosse ao outro dia e que andase ao longo da terra e que elle mandaria cavalgar seus cavaleiros.

¶. Estas sam as cousas que ho rrey trazia. Primeiramente hũa opa de damasco forrada de çatim verde e huũa touca na cabeça muyto rrica e duas cadeiras darrame com seus coxins e hũ toldo de çatim crimisym , o qual toldo era rredondo e andava posto em hũ pao. E trazia huũ homem velho por paje o qual trazia huũ traçado que tinha a baynha de prata , e mujtos anafis e duas bozinas de marfim daltura de huũ homem e eram mujto lavradas e tanjiam-se por huũ buraco que tem no meo , as quaees bozinas concertam com os anafis no tanjer.

¶. A quinta feira foy o capitam moor e Njcollao Coelho nos bates com bombardas nas popas e foram ao longo da villa. Em terra andavam mujtos homens e antrelles deus a cavallo escaramuçando e folgando mujto, quanto ao que elles mostravam. E alij tomaram ElRey de huila escada de pedra nos seus paços, em huas andas e trouxeram o ao batel onde o capitam estava. Alij tornou a pedir ao capitam que fosse em terra porque tinha huã pay entrevado que folgaria de o ver e que elles e os seus filhos yriam estar nos seus navios, do que se o capitam escusou.

¶. Aquy achamos quatro naços de xristãos da Jndia os quaees a primeira vez que vieram ao navio de Paulo da Gama onde o capitam moor estava, alij lhe mostraram huã retavollo em que estava nossa Senhora com Jhu Xto nos braços ao pee da cruz e os apóstollos. E os Jndios quando viram este retavollo lançavam-se no cham, os quaees em quanto aquy estevenos vinham fazer suas orações. E traziam cravos e pimenta e outras cousas que offereciam.

¶. Estes Jndios sam homens baços e trazem poucas rroupas e trazem grandes barbás e os cabellos da cabeça mujto longos e trazem-os tran-

çados e nam comem carne de boy segundo elles diziam, e a sua linguajem he estremada da dos mouros, e alguns delles sabem algũa pouca Darra-  
via polla continuoa communicaçam que tem com elles.

¶. Aquelle dia que o capitam mor foy andar nos bates por junto da villa tiraram das paos dos xrstãos Jndios mujtas bombardas e levantavam as mãos quando os viam pasar dizendo todos com mujta alegria *Xrste. Xrste.* E este dia pidiram elles licença a ElRey pera lhe deixar fazer de noute festa a nos outros... E como veo a noute fezeram muita festa e tiraram mujtas bombardas e lançavam foguetes e davam grandes gritas.

¶. Mais disseram estes Jndios ao capitam moor que nom fosse em terra e que se nam fiasse dos seus tanjeres porque nom diziam com os corações nem com as vontades.

¶. Ao domjngo segujnte que foram vinte e dous dias do mes Dabril veo a zavra DelRey a bordo onde vinha huñ seu pryvado porque avia ja dous dias que nom vieram aos navios do quall o capitam lançou mão e mandou dizer a ElRey que lhe mandase os pillotos que lhe tinha

promettido. E como foy o rrecado, ElRey lhe mandou loguo hũ piloto xrstão e o capitam deixou logo jr aquelle fidalguo que elle tinha rreteudo no navio. E folgamos mujto com o pilloto xrstão que nos ElRey mandou.

¶. Aquy soubemos como aquella jlha que nos disseram em Mocombiquy que era de xrstãos he hũa jlha onde esta o mesmo rrey de Mocombiquy, a quall he ametade de mouros e ametade de xrstãos. E nesta jlha ha mujto aljofar e o nome da jlha he Quyluee, e aquy desejaram os pilotos mouros de nos levar e nos tambem o desejavamos por nos parecer que era asy como elles diziam.

¶. Esta villa de Mjlynde esta em hũa angra e esta assemtada ao longuo de hũa praya a quall villa se quer parecer com Alcouchete, e as casas sam altas e muy bem cayadas e tem mujtas janellas e tem ao longo delle da banda do sartão que esta apegado com as casas, huũ palmeirall mujto grande e toda a terra derredor sam lavoyras de mjlho e outros legumes.

¶. Aquy estevemos davante esta villa nove dias e em estes nove dias sempre se faziam

em terra festas e mujtas escaramuças a pee e avia aquy mujtos tanjeres.

¶. A terça feira que foram vinte e quatro do dito mes nos partimos daquy com ho pilloto que nos ElRey deu pera huña cidade que se chama Qualecut da quall cidade ElRey tinha notiçia e fomos em Leste a demandala. E aquy he a costa de Norte e Sull, por quanto a terra aquy faz huña muito grande emseada e estreito, em a quall emseada segundo nos tinhamos noticia ha muitas cidades de xrstãos e mouros e hũa cidade que se chama Quambaya e seiscentas jlhas sabidas e honde esta o Mar Ruyvo e a casa da Meca. E ao domjnguo seguinte ouvemos vista do Norte o qual avia mujto que leixaramos de ver, e hũa sesta feira que foram xvij dias de Mayo vimos huña terra alta a qual avia vinte e tres dias que nom viramos terra, vindo sempre em estes dias com vento a popa que ao menos que podyamos andar em esta travesa seriam sejscentas legoas. E averia de nos aa terra ao tempo que a vimos oyto legoas, e aly lançaram o prumo e acharam quorenta e cinco braças, he aquella noute fizemos o camjnho ao Susueste por nos arredarmos da costa, e ao outro dia viemolla demandar e nom nos chega-

mos tanto a ella que o piloto podese aver prefeito conhecimento da terra, jsto pollos mujtos chuyveiros e trovoadas que faziam em esta terra nesta travesa e costa porque navegavamos. E ao domjnguo fomos juntos com huñas montanhas as quaees sam majs altas que os homens nunca viram, as quaees estam sobre a cidade de Calecut, e chegamonos tanto a ellas ate que o pilloto que levavamos as conheceo e nos dise que aquella era a terra honde nos desejavamos dir. E em este dia atarde fomos pousar abaixo desta Cidade de Calecut duas legoas, e jsto porque ao pilloto pareceo por hũa villa que alij estava a que chamam Capua, que era Calecut, e abaixo desta villa esta outra que se chama Pandarramy, e pousamos ao longuo da costa obra de hũa legoa e mea da terra. E depois que asy estevemos pousados vieram de terra a nos quatro barcos, os quaees vinham por saber que jente eramos, e nos disseram e amostraram Calecut. E ao outro dia jso mesmo vieram estes barcos aos nossos navios, e o capitam moor mandou huñ dos degradados a Calecut, e aquelles com que elle hia levarano honde estavam dous mouros de Tunez que sabiam fallar Castellano e Janues, e a primeira salva que lhe deram foy esta que es ao diante segue = Al diablo que te doo quem

te traxo aqua = e preguntaram-lhe que vinhamos buscar tam lonje , e elle lhe rrespondeo = vimos buscar xrstãos e especiaria = Elles lhe disseram = porque nom manda qua ElRey de Castella e ElRey de França e a Senhoria de Venieza? = e elle lhe rrespondeo que ElRey de Portugall nom queira consentir que elles qua mandasem , e elles disseram que fazia bem. Em tam ho agasalharam e deramlhe de comer pam trigo com mell , e depois que comeo veose pera os navios e veo com elle huñ daquelles mouros o quall tanto que foy em os navios começou de dizer estas palavras = boena ventura , boena ventura , mujtos rrobis , mujtas esmeraldas , mujtas graças devés de dar a Deus por vos trazer a terra honde ha tanta rriqueza = . Era pera nos jsto tanto espanto que o ouviamos fallar e nam o criamos que homem ouvesse tam longe de Portugall que nos emtendese nossa falla.

¶. Esta cidade de Calecut he de xrstãos os quaees sam homens baços e andam delles com barbas grandes e os cabellos da cabeça compriados , e outros trazem as cabeças rrapadas e outros trosquyadas , e trazem em a moleira huñs topetes por signall que sam xrstãos , e nas barbas bigodes , e trazem as orelhas furadas e nos

\*

buracos dellas trazem muyto ouro, e andam nuus da çinta pera çima, e pera baixo trazem huës panos dalgodam muyto delgados, e estes que asy andam vistidos sam os majs honrrados, que os outros trazense como podem. As molheres desta terra em geerall sam feas e de pequenos corpos e trazem ao pescoço muytas joias douro, e pellos braços muytas manjhas e nos dedos dos pes trazem anés com pedras rriquas. Toda esta jente he de boa condiçam e sam maviosos quanto ao que parecem e sam homens que segundo a primeira façe sabem pouco e sam muyto cobiçosos.

¶. Ao tempo que nos chegamos a esta cidade de Calecut ElRey estava della qujnze legoas e o capitam moor mandou la dous homeens, pellos quaees lhe mandou dizer que huñ embaixabor delRey de Portugall estava alij e que trazia cartas delle, e que se elle mandase que elle lh'as levaria la honde elle estava. O quall Rey como vio o dito rrequado do capitam fez mercê aos dous homes que lho deram de panos muyto bõs. E mandou-lhe dizer que elle fosse muy bem vindo e que loguo se vinha a Qualecut, como de fecto loguo partio com muyta jente depos sy. E man-

dounos per estes dous homes huñ piloto que nos levase a huñ logar que se chama Pandarany abaixo donde pousaramos da primeira que agora estavamos davante a cidade de Calecut, por que alij estava bom porto e que alij nos amarrasemos porque ally honde estavamos era mao porto e de pedra, como de fecto era asy, e que era costume que os navios que vinham a esta terra pousasem alij por estarem seguros. E o capitam visto este rrecado delRey e como nom estavamos bem mandou que desemos logo a nosas vellas e fomos a pousar em aquella porto. E nam fomos tanto dentro como o pilloto que nos ElRey mandou quiseira. E depois de estarmos assentados e amarrados no dito porto, veo rrecado ao capitam mor delRey como estava ja alij na çidade, e mandou huñ homem que se chama Bale, o qual he como alquaide, que elle de contino traz consigo duzentos homens armados de espadas e adargas, aaquella villa de Pandarim pera aver dir com o capitam mor onde ElRey ficava e outros homens honrrados. E aquelle dia que o rrecado veo era tarde e o capitam nam qujs hir. E ao outro dia pella manham que foy huñ segunda feira vinte oito dias do mes de Mayo foy o capitam a falar a ElRey e levou

comsyga dos seus treze homens, dos quaees eu fuy huñ delles. E todos hiamos mujto bem ataviados e levavamos bombardas nos batés e trombetas e mujtas bandeiras, e tanto que o capitam foy em terra estava aquelle alquayde com mujtos homens consiguo armados e delles sem armas, os quaees rreoeberam o capitam com mujto prazer e gasalhado, como homens que folgavam de nos ver. E elles loguo ao presente sam homes carregados porque trazem aquellas armas nuas nas mãos. Alij trouxeram ao capitam mor hūas andas domēes em que os onrrados costumam em aquella terra dandar, e alguns mercadores se as querem ter pagam por ello a ElRey certa cousa. E o capitam se pos nellas e levavano sejs homens a rrevezes, e partimos com toda aquella jente depoz nos caminho de Qualecut, e daquy fomos a outra villa que se chama Capua. Alij apouentaram o capitam moor em casa de huñ homem honrrado, e mandaram fazer de comer pera nos outros, o quall foy arroz com mujta manteiga, e mujto bom pescado cozido. E o capitam nom qujs alij comer, e depois que nos outros comemos foy o capitam mor embarcar a hū rrio que alij hia junto, o qual vay antre o mar e a terra firme ao longuo da costa. E

as barquas em que embarquamos eram duas as quaees estavam liadas pera que podeseamos jr juntos, afora outras muitas barcas em que hia outra mujta gente. Da que hia por terra nam diguo nada que era jnfundisima a quall vinha toda a nos ver, e por este rrio hiriamos obra duña legoa, onde vimos mujtas naoos grossas e grandes as quaees estavam varadas em seco por rrespeito do porto que alij nom ha. E depois que desembarquamos o capitam moor tornou as suas andas e fomos noso caminho onde a jemte era tanta que nos vinha a ver que nom tinha conto. E asy como as molheres sayam das casas com os filhos nos braços asy se hiam depos nos. Aquy nos levaram a hũa grande Igreja em a quall estavam estas cou-sas seguintes.

¶. Primeiramente ho corpo da Igreja he da grandura duñ mosteiro toda lavrada de quantaria, telhada de ladrilho, e tinha a porta principall hũ padram darame daltura de hũ masto e em cima deste padram esta hũa ave que parece gallo, e outro padram daltura de huñ omem e mujto grosso. E em o meo do corpo da Igreja esta huñ coruchoe todo de quanto, e tinha hũa porta quanto huñ homem

cabia , e hũa escada de pedra porque sobiam  
 ha esta porta , a quall porta hera darame , e  
 dentro estava huia ymagem pequena a quall  
 elles diziam que era nosa Senhora , e diante  
 da porta principall da Igreja ao lomgo da  
 parede estavam sete campãas pequenas. A-  
 quy fez o capitam mor oraçam e nos outros  
 com elle , e nos nom emtramnos dentro em es-  
 ta capella porque seu costume he nom entrar  
 nella senam homens certos que servem as Igre-  
 jas , aos quaes elles chamam Quafees. Es-  
 tes quafes trazem hũas linhas per çima do on-  
 bro lançadas [e onbro he ho esquerdo] e por de-  
 baixo do onbro do braço direito asy como tra-  
 zem os creligos davangelhos a estolla. Estes  
 nos lançaram agoa benta ; dam hũ barro bran-  
 co que os xrstãos desta terra acostumam de  
 põor em as testas e nos peitos e derredor do  
 pesçoço e em os buchos dos braços. Toda es-  
 ta çerimonja fizeram ao capitam e lhe davam  
 aquelle barro que posese , e o capitam o to-  
 mou e o deu a guardar dando a emtemder  
 que depois o pomria. E outros mujtos santos  
 estavam pintados pellas parredes da Igreja os  
 quaes tinham diademoas , e a sua pintura hera  
 em diversa maneira porque os dentes eram tam  
 grandes que sayam da boca hũa polegada , e

cada santo tinha quatro e cinco braços, e abaixo desta Igreja estava hũ gram tanque lavrado de quantaria asy como outros mujtos que pello camjnho tinhamos visto.

¶. E daquy nos fomos , e a entrada da cidade nos levaram a outra a quall tinha estas mesmas cousas açima contadas. Aquy rrecreceo a gente mujto que nos vinha ver que nom cabia pello caminho , e depois que fomos por esta rrua huũ grande pedaço meteram o capitam em huũa casa e tambem nos outros com elle por rrespeito da jente que erá mujta. Aquy mandou ElRey hũ Irmãoo do Baile o quall era Senhor nesta terra , o qual vinha pera jr com o capitam e trazia mujtos tambores e anafis e charamellas e hũa espingarda a qual hia tirando amte nos, e asy levaram o capitam com mujto acatamento tanto e majs do que se podia em Espanha fazer a hũ rrey. E a jemte era tanta que nom tinha conto e os telhados e casas eram todos cheos afora a que comnosco hia de rroldam , amtre a quall jemte hiriam ao menos dous mjl homens darmas. E quanto majs nos chegavamos pera os paços onde ElRey estava tanto majs jemte rrecrecia. E tanto que chegamos ao paço vieramse pera

o capitam homes mujto homrrados e grandes Senhores afora outros mujtos que ja hiam com elle e seria huña ora de soll. Quando chegamos aos paços entramos por hũa porta a hũ terreiro mujto grande e ante que chegamos a porta onde ElRey estava pasamos quatro portas as quaees pasamos per força dando mujtas pancadas a jente , e quando chegamos a derradeira porta onde ElRey estava sayo de dentro huñ velho home baixo de corpo , o quall he como bispo , e o rrey se rrege por elle nas cousas da Igreja, o quall abraçou o capitam ha emtrada desta porta, e á emtrada della se fyriram homens e nos entramos com mujta força.

¶. ElRey estava em huñ patim lançado de costas em huña camjlha a qual tinha estas cousas ; hũ pano de veludo verde debaixo , e em çima huñ colcham mujto bom , e em cima do colcham huñ pano dalgodam mujto alvo e delgado majs que nenhuñ de linho e tambem tinha almofadas deste theor. E tinha a mãoo escequerda hũa copa douro mujto grande daltura de hũ pote de meo almude e era de largura de dous parmos na boca , a quall era mujto grossa ao parecer, na qual talha lançava

bagaço de hũas ervas que os homens desta terra comem pella calma, a qual erva chamam Atambor; e da banda dirreita estava hũ bacio douro quanto hũ homem podese abranjer com os braços em o quall estavam aquellas ervas, e mujtos agomis de prata, e o ceo de çima era todo dourado. E asy como o capitam entrou fez sua rreverença segundo costume daquella terra, a qual he ajuntar as mãos e alevantalas pera o çeo como acostumam os xrstãos alevantar a Deus, e asy como as alevantám abremas e çarram os punhos muj asynha. E elle acenou ao capitam com a mão derreita que se fose pera debaixo daquelle çerrado onde elle estava, porem o capitam nam chegava a elle porque o costume da terra he nom chegar nehũ homem hao Rey salvo chegava a elle huũ seu privado que lhe estava dando aquellas ervas, e quando alguũ homem lhe falla tem a mão ante a boca e estaa arredado. Asy como acenou ao capitam olhou pera nos outros e mandou que nos asentamos em hũ poyall perto delle em lugar que nos via elle estar, e mandou nos dar agoa as mãos, e mandou trazer hũa fruy que he fecta como melões salvo que de fora sam crespos mas de dentro sam doces, e tambem nos mandou trazer outra fruy que

sam como figos e sabe mujto bem, e tinhamos homes que nолlos estavam aparando e ElRey estava olhando como nos comjamos e estava ~~se~~ rryndo pera nos e falava com aquelle seu privado que estava a sua ylharga dando-lhe a comer aquellas ervas. E depois disto olhou ao capitam que estava asentado de frente, e dise que falase com aquelles homes com que estava que eram mujto honrrados e que lhe disese o que elle quisesse e que elles lho diriam. Respondeo o capitam mor que elle era embaixador d'ElRey de Portugall e que lhe trazia huia embaixada e que ha nom avia de dar salvo a elle. Dise ElRey que era mujto bem e logo o mandou levar dentro a huia camara e como foy dentro ElRey se alevantou donde estava e se foy pera o capitam mor e nos ficamos em aquella logar. Jsto serria alij junto com o soll posto, e asy como ElRey se alevantou foy loguo hu homem velho que estava dentro naquele patim e alevantou a camjlha, e a baixella ficou alij. ElRey como foy onde estava o capitam lançou se em outra camjlha em que estavam mujtos panos lavrados douro, e fez pergunta ao capitam que era o que queria. E o capitam lhe dise como elle era embaixador de huñ Rey de Portugall o quall era senhor

de mujta terra e era mujto rico de todas as cousas majs que nehũ Rey daquellas partes e que avia sesenta anos que os Reys seus amteçessores mandavam cada ano navios a descobrir contra aquellas partes por quanto sabiam que em aquellas partes avia rreis xrstãos como elles , e que por este rrespeito mandavam a descobrir esta terra e nam porque lhe fose necessario ouro nem prata porque tinha tanto em avondança que lhe nom era necessario avello desta terra ; os quaes capitaeens hiam e handavam em hũ ano e dous ate que lhe falecia o mantimento e sem acharem nada se tornavam pera Portugall. E que agora huũ rrey que se chamava Dom Manuell lhe mandara fazer estes tres navios e o mandara por capitam mor delles e lhe disera que elle se nom tornase pera Portugall ate que lhe nam descobrise este rrey dos xrstãos , e que se se tornase que lhe mandaria cortar a cabeça , e que se o achase que lhe desse duas cartas , as quaes cartas lhe elle daria ao outro dia , e que asy lhe manda dizer por palavra que elle era seu jrmão e amjguo. El-Rey rrespondeo a jsto e dise que elle fose bem vindo e que asy o avia elle por jrmão e amjgo e que elle lhe mandaria embaixadores a Portugall com elle , dizendo o capitam que asy

lho pedia de merçee por quanto elle nom ou-  
saria parecer presente ElRey seu Senhor se nom  
levase algũs homens de sua terra. Estas e  
outras mujtas cousas pasaram ambos dentro na-  
quella camara, e por quanto era ja mujto nou-  
te ElRey lhe dise que com quem queria elle  
pousar se com xrstãos se com mouros? E o  
capitam lhe rrespondeo que nem com xrstãos  
nem com mouros e que lhe pedia por merçe que  
lhe mandase dar hũa pousada sobre sy em que  
nom estevese njngem. E elRey lhe dise que  
asy o mandaria e njsto se despediõ o capitam  
delRey e veo ter connosco onde estavamos lan-  
çados em hũa varanda onde estava hũ grande  
castiçall darame que nos alumeava, e jsto se-  
riam ja bem quatro oras da noute. Emtam  
nos fomos todos com o capitam camjnho da pou-  
sada e hiam connosco mujta gente imfinda,  
e aguoã da chuva era tanta que as rruas hiam  
cheas e o capitam hia as costas dos seys homes,  
e andamos tanto pella cidade que o capitam se  
emfadou de andar e se aqueixou com hũ mouro  
honrrado que he feitor delRey, o qual hia com  
elle pera o apousentar. E o mouro o levou a sua  
casa a huũ terreiro que estava dentro nella, em  
o quall estava hũ estrado cuberto de ladrilho  
em que estavam mujtas alquatifas estemdidas e

dous castiçaaes daquelles delRey muyto grandes e estavam açesos em çima delles hũs candieiros grandes de ferro com azeite ou manteiga e estavam quatro matullas em cada candieiro, as quaes davam grande lume, e estes mesmos candieiros costumam elles trazer por tochas. E aquelle mouro fez trazer alij huũ cavallo pera o capitam hir a pousada, e vinha sem sella. E o capitam nam qujs cavalgar, e fomosnos camjnho da pousada em a qual estavam ja quando chegamos çertos homens dos nossos com a çama do capitam e outro muyto fato que ho capitam levava de que avia de fazer servjço a ElRey. E a terça feira tinha o capytam estas cousas pera mandar a elRey: S. doze lanbés, e quatro capuzes de gram, e sejs chapeeos, e quatro rramaees de corall, e hũ fardo de bacias em que avia sejs peças, e hũa quaixa daçuquare, e quatro barris cheos, dous dazeite, e dous de mell. E porque aquy he costume de nom levar ao rrey nehũa cousa que primeiro o nam façam saber aquelle mouro seu feytor e depois ao Bayle, e como o capitam lho fez a saber vieram e começaram se de rrir daquelle servjço, dizendo que nom era aqujlo nada pera mandar a elRey, que o mais prove mercador que vinha de Meça ou dos Jmdios lhe dava

majs que aquyllo, e que se lhe queria fazer servço que lhe mandase alguñ ouro, porque El-Rey nom avia de tomar aqujlo. E o capitam vendo jsto asy ouve menencoria e dise que nom trazia ouro e majs que nom era mercador, mas que era embaixador e que daquillo que trazia daquylo lhe dava, o qual era do seu e nam do delRey; que quando ElRey de Portugall la tornasse a mandar que emtam lhe mandaria outras mujtas cousas e mujto mais rriquas; que se elRey Camolim aquillo nom quisese que elle o tornaria pera os navios; e elles disseram que lho nom aviam de levar, nem comsemtir que lho levasem. E depois que se foram vinham mouros daquelles trautantes e todos desprezavam aquelle servço que o capitam queria mandar ao Rey.

¶ Ho capitam, visto sua determinaçam em como nom podya ja mandar aqujlo, dise que pois elles nom queriam que elle mandase este servço a ElRey que elle lhe queria hir falar e que se queria vijr pera seus navios, e elles dyseram que era bem e que aguardase asy hñ pouco que elles queriam jr negociar hñ pouco e que loguo se tornariam pera elle, e que emtam yryam com elle ao paço. E o capitam

esperou todo aquelle dia aguardando por elles e elles nunca mais tornaram. E estando o capitam asy apasionado de se ver antre homens tam freimaticos e de tam pouca certeza qujsera se ir ao paço sem elles, porem ouve por mjlhor conselho esperar ate o outro dia. E nos contudo nom leixavamos de nos desemfadar e quantavamos e bailavamos ás trombetas, e tomavamos mujto prazer. E quando veo a quarta feira pela manham vieram os mouros e levaram o capitam ao paço e nos outros com elle, e em o paço andava mujta gente armada, e o capitam esteve com aquelles que ho levaram grandes quatro oras a hũa porta que lhes nom abriam, ate que ElRey lhes mandou dizer que fosem pera dentro e nom levase comsyguo mais de dous homens, que vise elle quaees queria levar comsyguo. E o capitam dise que queria que entrasse com elle Fernam Martinz o que sabia falar, e o seu escriptvam, pareçendo a elle e a nos outros aquella apartaçam que nom era boa. E elle como foy presente elRey disselhe que elle esperara a terça feira que ho fose ver, e o capitam lhe dise como viera cansado do camjnho que por este rrespeito o nam viera ver. Tornou ElRey a dizer que elle lhe disera como era de hũ rreino mujto rrico e que lhe nom

trouxera nada, e que asy lhe disera que lhe trazia hũa carta e que nom lha dava. Respondeo a jsto o capitam que elle lhe nam trouxera nada porque elle nam vinha senam a ver e descobrir, e que quando qua tornasem outros navios elle veria o que lhe traziam, e que quanto a carta que lhe elle disera que lhe trazia que era verdade e que logo lha daria.

¶. E dise emtam ElRey que era o que elle vinha descobrir, pedras ou homens? Que pois vinha descobrir homens como dizia, porque nom trazia algũa cousa? E mais que lhe disseram que elle trazia hũa Santa Maria douro. Dise o capitam que a Santa Maria que elle trazia nom era douro, e que ainda que fora douro que elle lha nom dera por quanto ella o trazia pello maar e o trouxera a sua terra. Dise emtam ElRey que lhe dese a carta que trazia. Dise o capitam que lhe pedia por mercê porquanto os mouros lhe queriam mall e nam aviam de dizer senam o contrario, que mandase chamar hũ xrstam que soubese fallar arravia dos mouros. Dise ElRey que era muj bem, e logo mandou chamar hũ mancebo pequeno de corpo que chamavam Quaram; e dise o capitam que trazia duas cartas, huma era escripta em

a sua linguaagem e a outra em mourisco, e que a que vinha em linguaagem que elle a emtendia mujto bem e que sabia que vinha muito boa, e que a outra elle nom ha emtendia, e que asy como podia vijr bem asy podia vijr algũa cousa errada, e porque o xrstam nom sabia ler Mourisco tomaram quatro mouros a carta e leramna antre sy e depois vieram a ler ante ElRey, da qual carta ElRey ficou contente, e preguntou ao capytam que mercadorias avia em sua terra. Dise o capitam que avia mujto trigo, mujtos panos, mujto ferro, mujto arrame, e asy dise outras mujtas. ElRey lhe preguntou se trazia algũa mercadoria. Dise que trazia de todas as cousas hũ pouco pera amostra, e que lhe dese elle liçença que viesse aos navios pera a mandar pôr fora, e que ficariam na pousada quatro ou çinquo homens. Dise ElRey que nam, que elle se fose emboora, que levase todos os seus homeens comsyguo e que mandase amarrar muj bem seus navios, e que trouxese sua mercadoria em terra, e que ha vendese o mjlor que podese. E depois do capitam se despedir d'ElRey veose pera a pousada e nos outros com elle, e porque era ja tarde nom se ocupou o capitam de partir. E quando veo a qujnta feira pella manham trouxeram

\*

ao capitam hũ cavallo sem sella, e o capitam nom qujs hir em elle, e dise que lhe trouxesem hum cavallo da terra, que sam as andas, porque nom avia de cavalgar em cavallo sem sella. Emtam o levaram a casa de hũ mercador mujto rrico que se chama Guzerate, o quall mandou fazer prestes hũas daquellas andas, e como foram prestes partio logo o capitam nellas com mujta gente camjnho de Pandaranj onde estavam os navios, e nos outros nom podemos aturar depos elle e ficamos mujto detras. E nos hindo asy chegou o Baille e pasou por nos, e chegou honde hia o capitam, e nos outros erramos o camjnho e fomos mujto por dentro do sartam. E aquelle Baile mandou hũ homem depos nos que nos emcamjnhou. E quando chegamos a Pandarany achamos o capitam dentro em hũ estao dos quaees avia mujtos per estes camjnhos pera os pasajeiros e camjnhanes se acolherem das chuvas. Estava com o dito capitam o Baille e outra mujta gente, e como nos chegamos dise o capitam ao Baille que lhe mandase dar hũa almadia pera hirmos pera os navios, e elle com os outros disseram que era ja tarde, como de fecto era ja soll-posto, e que ao outro dia se jria. E o capitam lhe dise que se lha emtam nom desem que se

tornaria a ElRey, porque elle o mandara vir aos navios e que elles o queriam deter, e que aquillo era mall fecto sendo elle xrstãoo como elles. E vendo elles como o capitam avia menencoria diseramlhe que fose e que lhe dariam trinta almadias se tamtas fosse necessarias. Emtam nos levaram ao lomguo da praya, e o capytam parecendo-lhe aquillo mall mandou diante tres homens e que se achasem os batés dos navios e hij estevese seu irmãoo que se escondese. Foram elles e nam acharam nada, e tornaram-se; e a nos levaramnos por outro cabo e nom nos podemos emcontrar. Emtam nos levaram a casa de hũ mouro porque jsto hera ja mujto noite, e como alij chegamos elles disseram que queriam hir em busca dos tres homens que nom tornaram majs a nos, e como se elles foram mandou o capitam conprar mujtas galinhas e mujto arroz e comemos ainda que estavamos mujto quansados dandar todo aquelle dia. E elles desque se foram nunca majs tornaram senam pella manham, dizendo o capitam que lhe parecia aquella jente de boa condiçam, porque aqujllo que lhe fezeram de os nom leixarem hir o outro dia a noute o fezeram por lhe parecer que lhe faziam njsa boa obra, ajnda que por outra parte tinhamos

todos delles má sospeiçam e nos parecyam mall pello que tinhamos ja pasados os outros dias em Calecut. E quando ao outro dia elles vieram dise o capitam que lhe desem barquas em que fose a seus navios, e elles começaram todos a mormurar hũs contra os outros, e disseram que mandase trazer seus navios majs pera junto com terra e que emtam hiria a seus navios. Dyse o capitam que se elle mandase vir os navios que pareçeria a seu Jrmãoo que o tinham preso e que por força lhe faziam fazer aquillo, e que emtam alevantaria as vellas e que se hiria pera Portugall. Diseram elles que se elle nom mandase trazer os navios junto com terra que nom avia dir a elles doutra maneira : dise emtam o capitam que ElRey Camolim o mandara vir pera seus navios e que pois elles o nam queriam leixar hir asy como o ElRey mandara, que elle setornaria a elle, e que elle era xrstam como elle, e que se elle o nam leixase hir e quisese que elle esteve em sua terra que elle folgaria mujto. Elles disseram que sy, que fose, porem nom davam a jso logar porque as portas donde estavamos foram loguo todas cerradas e muyta jente darma dentro que nos guardava, em maneira que nehũ de nos saya fora que nom fosse com elle mujtos homens.

E depois tornaram a cometer que lhe desemos as vellas e os governalhos, dise emtam o capitam que lhe nam avia de dar nehũa daquellas cousas pois ElRey Camolim o mandara vir pera seus navios sem nehũa condiçam, que fezesem elles o que qujsesem delle que elle nom lhe avia de dar nada.

¶. Estando o capitam e nos outros todos mujto tristes no coraçam ajnda que defora mostravamos que nam tinhamos aquillo em conta que elles faziam, dise o capitam que pois ja ho nom leixaram hir aos navios que leixasem hir aquelles seus homens que morriam alij de fame. E elles disseram que estevesem, que se moriam de fame que se composesem, que eles nom davam por jso nada. E nos estando azy veeo hũ daquelles homes que se de nos perdera o outro dia a noute, e dise ao capitam como Njcolao Coelho estava desdo outro dia á noute com os batés em terra esperando por elle. E o capitam como soube jsto mandou loguo hũ homem o majs secretamente que se pode mandar, e jsto como mujta astucia porque tinhamos sobre nos mujtas guardas, e que disese a Nicolao Coelho que logo se partise dali e se fose pera os navios, e que se pose-

sem a bom rrecado ; o qual rrecado como chegou a Nycollao Coelho partio-se mujto aa pressa, e elle em se partindo foram avisados os que nos guardavam, e mujto depresa esquyparam mujtas almaadias e foram depos elle hũ pedaço, e quando viram que os nam podyam tomar tornaramse onde estava o capitam, e disseramlhe que escrepvese hũa carta a seu Jr-mão que chegase majs a terra os navios, e que se viesse mais pera dentro do porto. Dise o capitam que hera mujto comtente, mas que elle nom ho avia de fazer, e se o quisesse e consentise em o fazer, que os que com elle vinham nom ho aviam de consentir nem quere-riam morrer, e elles lhe disseram que pera que era aquillo? que bem sabiam elles que se o elle mandase que se faria o que elle quisesse.

¶. O capitam nom queria mandar vir os navios pera dentro do porto, porque lhe pareçya e a nos outros tambem, que como elles fosse dentro que elles os poderiam tomar e que os matariam a elle primeiramente e a nos que ja estavamos rreteudos sô seu poder.

¶. Todo este dia estevemos mjtidos nesta agonya, como tendes visto, e quando veo

a noute esteve mujto majs gente comnosco que nom qujseram que andasemos por hũ cerrado em que estavamos , e meteramnos em hũ partim ladrilhado e cerquaramnos de mujta gente imfinda , e nos em meo delles , esperando nos que ao outro dia nos apartasem hũs dos outros ou que fezesem de nos outra algũa cousa segundo viamos que elles estavam jmdinados contra nos , porem nos comtudo nom leixamos de cear mujto bem diso que se achou pella villa. Esta noute nos guardariam majs de çem homens todos armados de espadas e bisarmas e escudos e arcos e frechas , e tinham tal maneira que se dormjam hũs os outros vigiavam e asy se revezaram toda a noute.

¶. E quando veo ao outro dia que era hũ sabado dous dias do mês de Junho vieram estes Senhores pella manham e vinhã jaa com melhor sembrante , dizendo que pois o capitam disera a ElRey que elle trazia sua mercadoria a terra que ha mandase tirar , por quanto o costume daquella terra era que quaesquer navios que a ella vinham punham loguo sua mercadaria em terra , e iso mesmo a gente toda , e que atequa a mercadaria nom fose toda vendida que o mercador nom tornava majs

ao navio. Disse o capitam que sy, que elle es-  
 crepveria a seu Jrmão que lha mandase, e elles  
 disseram que era bem, e que como viesse a mer-  
 cadaria que ho leixariam loguo jr pera seus na-  
 vios; escrepveo loguo o capitam a seu Jrmão  
 que lhe mandase certas cousas, o qual as man-  
 dou loguo. E elles tanto que as viram o lei-  
 xaram loguo jr pera os navios e ficaram dous  
 homens com ella em terra; da qual cousa folga-  
 mos todos muj mujto, e demos muitas graças a  
 noso Senhor por nos tirar dantre taees homes  
 em que nom cabe nehña rrezam como se fosse  
 bestas, porque bem sabiamos que como o capi-  
 tam fosse nos navios que ajnda que outrem fica-  
 se que nom lhes haviam de fazer nehña cousa, o  
 qual como foy nos navios nom qujs mais mandar  
 nehña mercadaria por emtam. E daly a cin-  
 quo dias mandou o capitam dizer a ElRey como  
 ho elle mandara vyr pera seus navios e que  
 nom ho quesperam leixar certos seus, e que  
 o deteveram no caminho hñ dia e hñ noute,  
 e que elle tinha ja posto a mercadaria em  
 terra como lhe mandara, e que os mouros vi-  
 nham aly e que lha abatiam; que vise elle o  
 que mandava njso porque elle nom lhe dava  
 da mercadaria nada, porem que estava elle e  
 os navios a seu serviço. Mandou logo dizer

ElRey como aquelles, que aquillo fezeram eram maços xrstãos e que elle os castigaria. E mandou logo sete ou oyto mercadores a ver a mercadaria e que a comprasem a sua vontade. E mais mandou aly hum homem honrrado com ho feytor que estivese aly e que se chegase algum mouro que ho matasem sem por ello averem nehuma pena.

¶. Estes mercadores que ElRey aquy mandou estiveram neste lugar obra doyto dias e em vez de mercarem abatiam a mercadaria. Os mouros nom vieram majs aa casa donde estava esta mercadoria, donde nos elles vieram a querer mall em tal maneira que como quallquer de nos hia em terra por lhe parecer que niso nos anojavam cospiam no cham e diziam

“ Portugal, Portugal; ,, ainda que elles de principio loguo buscaram maneira como nos tomasem todos e nos matasem, e quando o capitam vio que a mercadaria nom estava em logar que se vendese fello logo saber a ElRey e como a queria mandar a Calecut, que vyse elle o que mandava. Tanto que ElRey vio este rrecado do capitam mandou loguo o Baille que tomase mujta gente que ha podese toda levar as costas, e que logo se levase a Ca-

lecut e que ha pagasem a sua custa, dizendo que nehuma cousa d'ElRey de Portugal nom avia de fazer despesa em sua terra. E todo jsto hera com fundamento de nos fazer algum mall pela maa emformaçam que ja de nos tinha que eramos huns ladrões e que andavamos a furtrar, porem elle fez tudo jsto na maneira que tendes visto.

¶. A hũ Domjngo que foy dia de Sam Joham Bautista que foram a vinte e quatro do mês de Junho foy a mercadaria pera Calecut, e estando asy la a dita mercadaria ordenou o capitam que toda a jente fose a Calecut nesta maneira: que fose de cada navio seu homem, e como aquelles viesem que fosem outros, e desta maneira poderiam jr ver a cidade e cada hũ conpraria o que qujsese, os quaes quando hiam pello camjnho rrecebiam de toda a jemte xrstãa mujto gasalhado, folgando muyto todos quando algũ hia a sua casa a comer ou dormir, e de todo o que tinham lhe davam com muyto boa vontade. E jso mesmo vinham mujtos homens aos navios vender pescado por pam e rrecebiam de nos muyto boa companhia, e outros muytos vinham com os fylhos e moços pequenos, e o capitam lhes mandava dar de co-

mer. Todo jsto se fazia por fazermos paz e amizade com elles e que disessem de nos bem e nam mall. E destes eram tantos que nos aborreciam, que muytas vezes era noute çerrada e nam os podiamos botar fora dos navios, e jsto causa a muyta gente que ha nesta terra e os mantimentos sam muyto poucos, e se algũa vez se açertava que algũs homens dos nossos hiam correger algũas vellas e levavam biscouto pera comerem, eram tantos sobre elles asy de moços pequenos como homens grandes, que lho tomavam da mão e emfim nom comjam delle nada. Foram todos os que eramos nos navios, como vos tenho dito, dous e dous e tres e tres, e cada hũ levava diso que tinham asy de manjilhas e rroupa de vestir e estanho e camjsas, cada hũu asy como ho tinha, e vendiam posto que nom venderam tambem como nos esperavamos que valesem as cousas a nossa chegada de Moncobiquy, que hũa camysa muyto delgada que em Portugall vall trezentos rreis davam aquy por dous fânôs que valem em esta terra trinta rreis, porem a estima de trinta rreis nesta terra he grande; e asy como faziam barato das camysas asy o faziam das outras cousas por levarem algũa cousa desta terra por amostra. E compravam diso que vendiam pela villa, asy cravo como canella e

pedras finas, e depois de ter asy cada hũ comprado o que queria vinha se pera os navios sem lhe nyngem dizer nehũa cousa. E visto o capitam como esta gente hera tam boa determynou em esta terra leixar hũ feitor com a mercadaria e hũ escripvam com elle e certos homens outros. E chegando se o tempo para ños partirmos, o capitam-mor mandou hũ servjço dalanbares a ElRey e tambem lhe mandou coraees e outras cousas mujtas, e mandoulhe dizer que elle se queria vyr pera Portugall, se queria elle mandar algũs homens a ElRey de Portugal? e que elle leixaria aly hũ feitor e hũ escripvam com outros certos homens com a mercadaria, e que lhe mandava aquelle servjço; e que pedia que elle mandase a ElRey seu Senhor hũ bagar de canella e outro de cravo e asy de quallquer outra especiaria que qujsese por amostra, e que ho feitor faria dinheiro e que lhe pagaria se elle qujsese. Depois que este rrecado do capitam chegou honde ElRey estava primeyro que lhe podese falar se pasaram quatro dias, e quando o que este rrecado levava entrou honde ElRey estava elle o olhou com máoo semblante e lhe perguntou que queria, e elle lhe deu o rrecado do capitam na maneira açi-

ma escripto e como lhe mandava aquelle ser-  
 viço. Dise ElRey que aquillo que lhe levava  
 que ho desem ao feitor e nom ho qujs ver.  
 E dise que disesem ao capitam que pois se  
 queria hir que lhe dese sejscentos xarifes e  
 que se fose emboora, e que asy era o custu-  
 me daquella terra e dos que a ella vinham.  
 Dise emtam Diogo Diz que levava este rre-  
 cado, que elle tornaria com aquella rreposta  
 ao capitam. E asy como elle partiõ partiram cer-  
 tos homens com elle e como fõram na casa  
 onde estava a mercadaria em Calecut meteram  
 homens dentro com elles que os guardavam  
 que nom saísem, e asy mesmo mandaram lo-  
 guo apregoar por toda a cidade que nehũa  
 barca nom fose a boordo dos navios. E asy como  
 elles viram que estavam presos, mandaram hũ  
 moço negro que com elles estava, que fose ver  
 ao longo da costa se acharia quem o trouxese  
 aos navios e que disese como eram presos por  
 mandado delRey. E elle foyse ao cabo da ci-  
 dade onde moravam hũs pescadores e hũ  
 delles o trouxe por tres fanõs e jsto porque a  
 noute se comesava a cerrar e nom os podiam ver  
 da cidade, e asy como ho poseram a bordo  
 logo se partiõ sem fazer mais tardança; e  
 jsto foy a hũa segunda feira que eram treze

dias do mes Dagosto de 1498.

¶. Na quall nova todos fomos tristes por vermos huũs homens nas mãos de seus jmygos e asy pello grande desaviamento que jsto dava a nossa partida, e asy mesmo o sentymos por hũ rrey xrstão nos fazer tanta perraria ao qual homem dava do seu, e doutra parte nom lhe punhamos tanta culpa como era rrezam porque sabiamos çerto que os mouros que aquy estavam que eram mercadores de Meca e doutras mujtas partes que nos conheciam, lhes pesava mujto comnosco, e estes diziam a ElRey como nos eramos ladrões e que como quer que começamos de navegar por esta terra que nehuũ navio de Meca nem de Quambaya nem dos Imgros nem doutra parte nom viriam mais a sua terra, do que elle nom averia proveito nehuũ, e que nos nom lhe aviamos de dar nada, mas ante lhe aviamos de tomar, e que por aquy podia sua terra ser destroida; e sobre dizerem jsto peitavam muj mujto que nos tomase e matase que nom poderamos tornar a Portugall. A quall cousa os capitães souberam por hũ mouro da terra que lhe descobrio o que estava hordenado, dizendo aos capitães que nom saísem fora dos na-

vios em terra, principallmente ao capitam-mor. E afora ho este mouro dizer o disseram dous xrstãos que se os capitães fosse em terra que lhe aviam de cortar as cabeças porque asy o fazia EllRey aos que vinham a sua e lhe nom davam ouro.

¶. Estando nos asy ao outro dia seguante nom veo barca nehãa abordo dos navios, e ao outro dia veo hãa almadia com quatro moços os quaes traziam pedras finas a vender, o que nos pareceo que vinham por mandado dos mouros majors que pera vender pedras, e jsto por ver se lhe faziam algũa cousa; mas o capitam lhes fez gasalhado e escrepveo por elles hãa carta aos que estavam em terra. Quando elles viram que lhes nom faziam nada vinham cada dia mujtos mercadores, e outros que nom eram mercadores, que vinham a ver, e todos rrecebiam mujto gasalhado de nos e lhe davamos de comer. E ao Domingo seguante vieram obra de vinte e cinco homens antre os quaes vinham sejs delles que eram honrrados, e o capitam vendo que por aquelles lhe poderiam dar os nossos homens que estavam em terra rretehudos e presos lançou mãoo por elles, e dos outros majors somenos tomou doze, e asy

que tomou por todos dezanove, e os outros que ficaram mandou-os em hũa das suas barcas em terra, e mandou por elles huũa carta ao mouro feitor dellRey em que lhe mandava dizer que lhe mandase os homens que tinha presos e que elle lhe mandaria os que tomara. E quando elles viram que lhes tinham homens tomados foram logo mujta gente por elles aa casa da mercadaria e trouxeram-os a casa do feitor e jsto sem lhe fazerem nehũ mall.

¶. Ha quarta feira que foram vinte e tres dias do dito mes nos fizemos aa vella dizendo que nos vinhamos pera Portugall, e que esperavamos que muj cedo tornariamos e que entam saberiam se eramos ladrões. E fomos a pousar a julavento de Qualecut obra de quatro legoas, e jsto por respeito do vento que era por davante, e ao outro dia viemos na volta da terra e nam podemos cobrar hũs baixos que estavam davante a cidade de Qualecut, e emtam tornamos na volta do mar e pousamos em vista da cidade. E ao Sabado fomos jso mesmo na volta do mar e pousamos tanto em mar que casy nom viamos a terra, e ao Domingo estando amquorados aguardando pella viraçam veo hũa barca do pego que fo-

ra em nosa busca e dise como Diogo Diz era em casa d'ElRey e que como viesse que elles ficavam de os trazerem abordo. E o capitam parecendolhe que hos tønriam mortos e que aqujlllo que diziam era por nos deter até que armasem contra nos ou viessem naoos de Meca que nos tomasem, lhe dise que fosse e nom viessem mais a bordo sem lhe trazerem os seus homens ou cartas suas, e que lhes mandaria tirar com as bombardas, e que se logo nam tornasem com rrecado que elle esperava de cortar as cabeças aaquelles que elle tomara. Depois de tudo jsto veo viraçam e fomos prelomgando a costa e ao sol posto tornamos a pousar.

*De como ElRey mandou chamar Diogo Diaz e lhe dise o que se segue :*

¶. Quando foram novas a EllRey que nos eramos partidos pera Portugall e como ja nom tinha rremedio pera fazer o que desejava, cuidou de tornar a correger o que ja dantes tinha danado. E mandou chamar Diogo Diaz, o quall como foy presente fez-lhe grande galsalhado nom lho fazendo dantes quando lhe levara o serviço, perguntandolhe por que toma-

\*

ra o capitam aquelles homens. Diselhe o dito Diogo Diaz que porque elle nom qujsera que se elles fossem pera seus navios e que os retevera na cidade presos. Dise EllRey que fezera bem , e tornou a preguntar que se lhe pedira o feitor algũa cousa , querendo dar a entender que elle nom sabia parte do que elle tinha fecto , mas que ho feytor o fezera por lhe dar algũa cousa , dizendo contra o dito feitor : “ Nom sabe elle que ha pouco tempo que eu matey outro feitor porque levou peitas a hũs mercadores que ha esta terra vieram? ” — Dise majs EllRey : “ Tu vayte e eses outros que hi estan contigo aos navios , e dize ao capitam que me mande eses homens que tem e que ho padram que me mandou dizer que queria poerr em terra que os que te levarem o tragam e o ponham , e majs que tu fiques em esta terra com a mercadaria. ” E asy mesmo mandou hũa carta ao capitam a qual dese a EllRey de Portugall a quall erra escripta por mão de Diogo Diaz em hũa folha de palma porque todas as cousas que se em esta terra escrepvem sam em as ditas folhas e a pena com que se escrepvem he de ferro , da quall carta o teor he este que se segue :

= Vasquo da Gama fidalguo de vossa casa veo a mjnha terra, com o qual eu folguey. Em mjnha terra ha mujta quanella e mujto cravo e gengibre e pimenta e mujtas pedras preciosas, e o que quero da tua he ouro e prata e corall e escrallata =

¶. Ha segunda feira pella manhan que eram vinte e sete dias do dito mes, estando pousados, vieram sete barcas em as quaes vinha mujta gente e traziam Diogo Diaz e outro que com elle estava, e nam ousando de o poer a bordo poseramno em a barca do capitam que vinha ajnda por popa, e nom traziam a mercadoria cuidando que o dito Diogo Diaz tornase a terra. E tanto que o capitam os vio em ho navio nom qujs que tornasem majs a terra e deu o padram aos da barca como lho EllRey mandara que pósesse em terra, e mais deu por elles sejs homens os majs honrrados que elle tinha, ficando outros tantos, e dise que hao outro dia lhe trouxesem a mercadoria e que logo daria os outros que ficavam.

¶. A terça feira estando nos pousados pella manhan se veo metter comnosco em os navios hũ mouro de Tunez que nos enténdeo,

dezendonos que lhe tomaram quanto tinha e que nam sabia se lhe fariam mais mal, que estava nesta ventura e que os da terra diziam que elle era xrstão e que viera a Calecut por mandado dellRey de Portugall, pello quall ante se queria vir com elles que estar em terra honde esperava que cada dia o matassem. E quando veo as dez oras do dia vyeram sete barcas com muita gente; tres dellas traziam sobre as tostes alambés postos, daquelles que nos fycaram em terra, dandonos a entender que alij traziam a mercadoria toda. Estas tres chegavam se aos navios e as outras quatro ficavam de largo e nam se chegavam tanto que nom andassem hũ bom pedaço arredadas dos navios, e diziam que posemos os homens em a nossa barca e que elles ponriam a mercadoria em ella e que tomariam os seus homens. E depois de conhecermos esta rraposia o capitam moor lhe disse que se fosse que nom queria mercadoria senam levar os homens a Portugall, e que aguardassem bem que elle esperava çedo tornar a Calecut e que entam saberiam se eramos ladrões como lhe diziam os mouros.

§. Hũa quarta feira que foram vintanove dias do dito mez Dagosto visto como ja tinha-

mos achado e descuberto o que vinhamos buscar, asy de espicaria como de pedras preciosas, e como nom podyamos acabar de nos despedir da terra com paz e amjgos da jente, ouve por conselho o capitam moor com os outros capitãees de nos partirmos e levarmos aquelles homens que tinhamos, porque aquelles tornando a Calecut fariam fazer as amjsades, e logo fezemos as vellas e nos partimos camjnho de Portugall, vindo todos mujto ledos por sermos tam bem aventurados de acharmos hũa tam grande cousa como tinhamos achada. A quinta feira oras de meo dia amdando nos em calma abaixo de Calecut obra de huũa legoa vieram a nos obra de setenta barcas com mujta gente imfinda e traziam davante. hũ emparo de pano vermelho dobrado como loudell mujto forte. Estas sam as suas armas do corpo e das mãos e da cabeça ( *ficou na ponta da pena ao autor deste livro como estas armas sam factas* ). E como chegaram dos navjos a tiro de bonbarda tiraramlhe logo do navio do capitam moor e asy dos outros navios. E vinriam depos nos asy obra de hũa ora e mea. Elles jndo asy de pos nos deunos hũa trovoada que nos levou pera o mar e quando viram que ja nom podiam fazer nada tornaram-se pera terra. E nos

syguyjmos nosso camjinho.

¶. Desta terra de Calecut que se chama India Alta vay a especiaria que se come em Ponente e em Levante e em Portugall e bem asy em todas as provinçias do mundo ; asy mesmo vam desta cidade chamada Calecut mujtas pedras preciosas de toda sorte , sc. em esta dita cidade ha de sua propria colhença esta especiaria que se segue : mujto gyngivre e pimenta e canella , posto que nom he tam fina como he ha de hũa jlha que se chama Çillam a qual está de Calecut oyto jornadas : toda esta canella vem ter a esta çidade de Calecut e ha hũa ilha que chamam Melequa donde vem o cravo a esta cidade : aquy carregam as náos de Meca a especiaria e a levam a hũa cidade que está em Meca que se chama Judeá , e poem desta ilha laa cinquenta dias de vento a popa , que as náos desta terra nom andam pella bolina , e alij descarregam e pagam ao Gram Soldam seu direito ; e dalij a tornam a carregar em outras naos mais piquenas e a levam por ho Mañ-rruyvo a hũa logar que está junto com Santa Caterina de Monte-Synay que se chama Tuuz , e tambem aquy pagam outro direito ; aquy carregam os mercadores esta espiçaria em camel-

los alugados a quatro cruzados cada huñ camello e a levam ao Quayro em dez dias e aquy pagam outro direito. E neste camjnho pera o Cairo mujtas vezes os salteam ladrões que ha naquella terra os quaes sam Alarves e outros. Aquy tornam ha carregar outra vez em huñas naos que andam em hũ rrio que se chama o Nillo que vem da terra de Preste Joham das Jmdias Baixas , e vam por este rrio dous dias ate que chegam a hũ lugar que se chama Roxete , e aquy pagam outro direito : e tornam outra vez a carregar em camelos e a levam em hũa jornada a hũa cidade que se chama Alexandria , a quall é porto de mar : a esta cidade Dalexandria vem as galés de Veneza e de Genoa buscar esta especiaria da quall se acha que ha o Gram Soldam de direito seiscentos mjll cruzados , dos quaes dá em cada hũ ano a hũ rrey que se chama Cidadym cem mjll porque faça guerra ao Preste Joham , e este nome de Gram Soldam comprase por dinheiro que nom hade ficar de pay a filho.

*Torno a falar de nossa vinda.*

¶. Jmdo nos asy ao longo da costa por rrespeito do vento que era pouco, com o ven-

to da terra pera o mar e a viraçam pera terra, de dia com a calma lançamos anquoras. A huña segunda feira que eram x dias do mes de Setembro vindo nos asy ao lomgo da costa, mandou o capitam moor por homem daquelles que traziamos, o quall era torto de huñ olho, hñas cartas a EllRey Camolim escriptas em mourisco por mão de hñ mouro que comnosco vinha. Esta terra onde lançamos este mouro com as cartas chamam Compia e ao rrey della Biaquolle; este tem guerra com EllRey de Calecut. E o outro dia andando nos em calma vieram a nos barcas que traziam pescado e emtraram dentro nos navios sem nehũ regeio os homens dellas. E ao sabado sygujnte que foram xv dias do dito mes fomos com hñs ilheos que estavam obra de duas legoas da terra; aquy lançamos hñ batell fora e posemos hñ padram em o dito ilheo ao quall poseram nome ho padram de Santa Maria; jsto porque ElRey disera ao capitam que posesem tres padrões, e que a hñ posesem nome da Sam Rafaell e ao outro de Sam Graviell e ao outro de Santa Maria; asy que com este acabamos de os pñnr todos tres, . s : ho primeiro posemos no rrio dos Bões Sinaees, o quall foy de Sam rrafaell, e o 2.º em Calecut e foy de Sam Gra-

viell, e este derradeiro de Santa Maria; aquy nos vieram tambem aos navios mujtas barcas com pescado, e o capitam lhes deu camisas e lhes fez muito gasalhado, e preguntou-lhes se folgariam alij com hũ padram que elle queria pōor em aquelle ilheo: disseram elles que folgariam mujto e que se o posesemos que emtam se afirmariam que eramos xrstãos como elles. E este padram foy aquy por com muyta amj-sade.

¶. E em esta noute segujnte com vento da terra nos fizemos á vella e sygujmos noso camjnho, e a quinta feira seguinte que foram xix dias do dito mes fomos com huũa terra alta mujto grãçiosa e de bõos ares a qual tinha junto com a terra sejs jlhas pequenas; aquy pousamos bem junto com terra e botamos hũ batell fora pera avermos de tomar agoa e lenha que nos bastase em aquella travesse que esperavamos de cometer se nos os ventos trezasem como desejavamos; e como fomos em terra achamos hũ homem mançebo que nos foy amostrar por dentro de hũ rrio hua aguada de hua agoa mujto boa, a quall nacia antre dous penedos. A este homem deu o capitam-moor hũ barrete e preguntoulhe se era mouro se

crístam; dise elle que era xrstão, e quando lhe nos disemos que tambem nos eramos xrstãos folgou mujto. E ao outro dia pella manham veo a nos hũa almadia com quatro homens, e trouxeram mujtas abobaras e pipinos: preguntoulhe emtam o capitam moor que se avia alij naquella terra canella ou gingivre ou outra algũa especiaria; disseram que canella avia mujta mas que nom avia outra nehũa especiaria. Mandou loguo o capitam com elles dous homens a terra pera lhe trazerem amostra della, os quaes os levaram a hũa mata em que avia jmfimdas arvores della, das quaes arvores cortaram dous grandes rramos com sua folha, e nos fomos com os batés pera avermos de tomar augoa, e achamos aquelles dous homens com os rramos que traziam da canella, e com elles vinham ja obra de vinte homens, os quaes troxeram ao capitam mujtas galinhas e leite de vaquas e abobaras, e disseram ao capitam que mandase com elles aqueles dous homens, porque elles tinham dalij huũ pedaço mujta quanella seca, e que ha hiriam ver e trariam amostra della. Depois que tomamos agoa viemonos pera os navios e eles ficaram que hao outro dia vinriam aos navios e que trariam ao capitam hũ serviço de vaquas e porcos e galinhas. Quando

veo ao outro dia em amanheçendo vimos junto com terra dous barçaos, os quaees estariam de nos obra de duas legoas, dos quaes nom faziamos nehũa conta. Fomonos a tomar lenha em terra em quanto a maré nos vinha pera avermos dentrar em o rrio pera tomarmos agoa e a já andando nós cortando a lenha parçeo ao capitam que aquelles barcos eram mayores do que lhe antes parçeram. Mandou logo que todos fossemos emtrar em os bates e fossemos comer, e que tanto que comesemos que yrymos ver nos bates se eram aqujlllo mouros se cristãoos, e como o dito capitam moor foy em a sua naoo mandou huñ marinheiro aa gavea que vise se pareçyam algũs navios, o quall marinheiro vio a mar de nos obra de sejs legoas oyto naoos as quaes andavam em calmaria, polla qual o capitam mandou logo poor os navios a pique: e elles como lhe ygou a viraçam vieram de loo quanto poderam e como foram tanto avante como nos, porem averia de nos a elles duas legoas que nos pareçeo que nos poderiam ver, fomos a elles. E como viram que nos hiamos a elles começaram arribar a popa pera a terra, e hũa dellas ante que chegase a terra quebroulhe o governalho e os que hiam nella meteramse na sua barca que levavam por popa, e foramse

a terra , e nos que hiamos mais preto della abalroamos logo com ella , e nom achamos em ella salvo mantimento e armas , e o mantimento era coquos e quatro talhas de huñs queijos daçuquar de palma , e todo o all era area que vinha por lastro ; as outras sete deram comsyguo em seco e com os batees as fomos esbombardear.

¶. Ao outro dia pella manham estando nos pousados vieram a nos sete homens em huña barca e disseram como aqueles navios eram de Calecut , e que vinham em nossa busca e que se nos tomaram que nos mataram todos. Ao outro dia depois que partimos daquy fomos a pousar aalem donde de primeiro estavamos dous tiros de bombardarda , em hũa jlha em a quall nos disseram que avia agoa. Mandou logo o capitam mor a Nycolao Coelho em hũ batell armado a ver onde estava aguada , o quall achou em dita Jlha huñ edeficio de huña Jgreja de grande quantaria , a quall estava derrubada dos mouros segundo os da terra diziam , senam quanto a capella estava cuberta de palha e elles faziam oraçam a tres pedras negras as quaees estavam em meo do corpo da cappella ; e mais achamos alem desta i-

greja de quantaria, jso mesmo lavrado , em o quall tomamos quanta agoa quesemos , e em cima de toda a ilha estava hũ grande tanque daltura de quatro braças , e majs achamos de fronte desta Jgreja hũa praya em a quall espalmamos o navio Berrio , e o navio do capitam moor o Rafaell nom foy a monte por respeito dos incomvenyentes abaixo escriptos.

¶. Estando hũ dia em ho Berrio a monte vieram a nos duas barcas grandes maneira de fustas , as quaes traziam mujta gente jmfinda , e vinham a rremos tangendo tanbores e charamellas e com estendartes nos topos dos mastos , e ficavam por rresguardo dellas outras cinco ao lomguo da costa. E antes que chegasem aos navios preguntaram áqueles que nós traziamos que homes e que gente era aquella. Diseramnos que os nam leixasemos chegar a bordo , que eram ladrõees e que vinham pera nos tomar se podessem , que os homens desta terra que andavam armados emtravam por bem em hos navios , e que depois de serem dentro se se achavam poderosos lançavam mãoo pella nao ; os quaes como chegaram de nos a tiro de bombardas tiraram lhes do Rafaell e da nao do capitam moor. Elles começaram a dizer

= Tambaram = dizendo que eram xrstãos , porque os xrstãos desta terra da Jmdia chamam a Deus = Tambaram = e quando elles viram que lhe nom conheciã desta rrezam começaram de fugir pera terra , e Nycollao Coelho foy depos elles em hũ batell hũ pedaço , ate que da naoo do capitam moor lhe poseram hũa bandeira que se tornase.

¶. Ao outro dia estando os capitãees em terra com mujta gente alinpando o dito navio Berrio , vieram duas barcas pequenas e traziã obra de doze homens linpos com seus paños , e trouxeram ao capitam moor em serviço hũ feixe de canas daçuquar , os quaees como foram em terra começaram de pidir ao capitam que lhe leixase jr ver os navios. O capytam parecendolhe que elles vinham por emculcas começouse a agastar com elles. Estando njsto vinham outras duas com outra tanta gente, e elles conhecendo que ho capitam nom lhes mostrava boa vontade disseram aos que vinham que nom saísem em terra e que se tornassem. E elles tambem logo embarcaram e foramse depos elles.

¶. Estando o navio do capitam mor alinpandose veo hũ homem de ydade de quorenta

anos , o qual falava muito bem Venezeano , todo vestido de pano de linho e hũa touca muito boa na cabeça , e hũ traçado na çinta , e como sayo fora foy loguo abraçar o capitam mor e capitãees , e começou a dizer como elle hera xrstão e era da parte do Levante e que viera muyto pequeno em esta terra , e como vivya com hũ senhor que tinha corenta mjll homens de cavallo o qual era mouro , e que elle asy mesmo era mouro porem que a vontade de dentro era toda de xrstão , e que em elle estando em sua casa lhe vieram dizer como estavam em Calecut hũs homens que nynguem nom hos entendia , e que andavam todos vistidos , e que quando elle aqujlllo ouvira disera que taees homens nom podiam ser senam Francos , que asy chamam a nos outros em estas partes ; emtam elle pidira licença que o leixase vir ver nos e que se o nam leixasem que de nojo morreria , e que emtam seu senhor lhe dise que viesse e que nos disese que se alguma cousa nos conprise de sua terra que nolla daria , offereçendo naos e mantimentos e mais que se em sua terra qujsesemos viver que elle folgaria muito. Dandolhe o capitam disto muitos agradecimentos que elle lhe parecia que estava bem , dise mais que pidia por mercê ao capitam que

lhe dese hũ queijo pera mandar a hũ seu companheiro que ficava em terra, porque elle lhe ficara que se lhe fose bem que elle lhe mandaria hũ signall com que elle descançase. Mandoulhe emtam dar o capitam hũ queijo e dous paões molles : elle ficou em terra e falava tanto e tantas cousas que de cando em quando se alcançava; foyse emtam Paulo da Gama aos xrstãos da terra que o traziam, e preguntoulhe que homem aquelle era; disseram elles que era o armador que nos viera alij cometer e que tinha em terra as suas naos com mujta jemte; e sabido jsto com o majs em que comprehendiram, tomaramno e levaramno ao dito navio que estava em seco e começaram de o açoutar que confesase se era elle ho armador que viera depos elles, e o porque vinha; descobriunos que elle sabia que toda a terra nos queria mall e que mujtos homes armados estavam de rredor de nos mitidos por essas emseadas, porem que nehũs nom ho ousavam de vir cometer e que estes estavam aguardando por huñas correnta vellas que se estavam armando pera virem sobre nos, porem que elle nom sabia quando vinriam a nos; de sy nom dise emtam nada senam o que dito tinha da primeira; depois foy preguntado tres ou quatro vezes; posto que de-

craradamente nom ho dizia porem por jeitos ho emtendiamos , e dizia que elle vinha ver os navios pera saber a gente e armas que traziamos.

¶. Nesta jlha estevemos doze dias onde comemos mujto pescado que os da terra nos traziam a vender e mujtas abobaras e pipinos, e asy traziam barcas carregadas de lenha verde de canella , a quall lenha trazia sua folha ; e depois que tevimos os navios linpos e agoa tomada , quanta nos era necessaria , e a nao que tinhamos tomada desfecta , nos partimos a hũa sexta feira que foram cinco dias do mes Doutubro.

¶. Antes que a nao fose desfecta davam ao capitam mill fanones , e elle dise que ha nom avia de vender porque era de seus contrairos e que nom queria senam queymalla.

¶. Jndo nos obra de duzentas legoas em pego donde partiramos , dise o mouro que tomaramos , que ja lhe parecia tempo pera nom encobrir nada que era verdade ; que estando elle em casa de seu senhor lhe vieram dizer como nos andavamos perdidos ao longo da costa que nos nom sabiamos tornar pera nossa ter-

\*

ra, e como por este respeito andavam muitas armadas pera nos averem de tomar; e que emtam lhe disera seu senhor que nos fosse ver em que maneira andavamos e que vise se nos podia levar a sua terra, e jsto porque diziam que se nos o armado tomase que lhe nom daria parte, e que como fossemos em terra que nos tomaria e porque eramos valentes homes faria connosco guerra aos outros rreys comarcãos. Esta conta era facta sem óspeda.

¶ Andamos tanto tempo em esta trave-  
sa que tres meses menos tres dias gastamos nella; jsto com muitas calmarias e ventos contrairos que em ella achamos, de maneira que nos adoeço toda a gente das gingivas que lhe creçiam sobre os dentes em tall maneira que nom podiam comer, e jso mesmo lhes inchavam as pernas, e grandes outros inchaços pelo corpo de guisa que lavravam hũ homem tanto ate que morria sem ter outra nehua doença; da qual nos morreram em o dito tempo trinta homes, afora outros tantos que ja eram mortos, e os que navegavam em cada naoo se-ryam sete ou oyto homens, e estes nom eram ainda sãos como aviam de ser, do que vos afirmo que se nos mais durara aquelle tempo

quinze dias andaramos por ese mar através que nom ouvera hij quem navegara os navios. Em tall ponto eramos que era ja todo composto, e andando nos asy nesta coyta faziamos mujtos prometimentos a Santos e pititores pellos navios. E os capitães tinham ja fecto comselho que se nos vento jgual acudise, que nos tornase a terra da Jndia donde partiramos, de arribarmos a ella. Quys nos Deus por sua mjsericordia dar tal vento que em obra de sejs dias nos trouxe a terra, com a quall folgamos tanto como se fora de Portugall, porque esperavamos com ajuda de Deus guareçer em ella como da outra vez. E foy hua Quarta feira dous dias de Fevereiro da era de mjll iiij'LRix anos, e porque ja eramos perto de terra e era de noute fezemos em outra banda e payramos; e como foy manham fomos a demandalla terra pera sabermos honde Nosso Senhor nos tinha lançados, porquanto nom avia ja hij piloto nem homem que cartear soubese pera saber em que parajem eramos, senam quanto alguns diziam que nom podiamos ser senam antre huas ilhas que estam a traves de Maçambique obra de trezentas legoas de terra. E jsto hera porque hũ mouro dizia, que nos tomaramos em Macombiquy, que as jlhas eram muito doentias e que mes-

mo os que em ellas vivjam adoeçiam das nos-  
sa doenças. E achamos nos davante huã ci-  
dade muito grande e de casarias sobradadas, e  
em meo da cidade tinha huës grandes paços,  
e arredor da cidade tinha quatro torres e es-  
tava esta cidade bem acaram do mar, a quall  
he de mouros e se chama Magadoxo; e como  
fomos tanto avante bem junto com ella tiramos  
muitas bombardadas e fomos noso camjnho com  
muj bom vento a popa ao longo da costa, an-  
dando de dia e pairavamos de noute, porquê  
nom sabiamos quanto avia de nos a Milingue  
onde nos desejavamos de hir. E ao Sabado que  
foram cinco dias do dito mes indo nos em cal-  
ma, com hua trovoadá que sobreveo de supi-  
to quebraram as ostagas ao Rafaell. Jndo nos  
corregendo asy o dito navio sayo a nos huu  
armado a nos de hua villa que se chama Pa-  
te, com oyto barcas com mujta gente a nos,  
e como elles foram de nos a tiro de bombarda  
lhe tiramos e elles fogiram loguo pera terra.  
Nom fomos depos elles porque nom tinhamos  
vento.

¶. Ha segunda feira que foram nove dias do  
dito mes fomos a pousar davante Milindy, hon-  
de logo ElRey mandou hñ barco longo, o

quall trazia mujta gente e mandou carneiros e mandou dizer ao capitam que elle fosse bem vindo, que ja avia dias que esperava por elle, e asy mandou dizer outras mujtas palavras damjzade e paz, e o capitam mandou com estes que vieram hũ homem a terra pera o outro dia trazer laranjas que mujto desejavam os doentes que traziamos, como de fecto as trouxe logo com outras mujtas fruytas, postoque nom aproveitaram aos doentes, que a terra os apalpou em tal maneira que aquy se nos finaram mujtos; e asy vinham mujtos mouros a bordo por mandado d'ElRey e traziam mujtas galinhas e ovos a rresgatar. E o capitam vendo como nos fazia tanta honrra em tempo que nos era tam neçesaria, mandoulhe hũ servjço e mandoulhe dizer por hũ dos nossos homens, o quall era o que sabia falar aravia, que lhe pidia que lhe dese huũa bozina de marfim pera trazer a EllRey seu Senhor e que lhe mandase põur huũ padram em terra que ficase em sinall damjzade. E ellRey dise que era mujto comtente de fazer todo aqujllo que elle dizia por amor d'ElRey de Portugall a que elle desejava de servir e ser sempre a seu servjço, como defecto logo mandou a bozina ao capitam e mandou levar o padrãm em terra. E asy emviou huũ mouro

mançebo pera vjir comnosco que queria vjir ver Portugall, o quall mouro EllRey mandou muyto emcomendar ao capitam, e bem asy lhe mandou dizer que elle mandava aquelle mançebo pera que EllRey de Portugal soubese quanto elle dezejava sua amjzade.

¶. Neste logar estevemos çinquo dias folgando e desquansamdo de quanto trabalho tinhamos passado na travessa onde todos ouveramos de morrer. E a hũa sexta feira polla manham nos partimos, e quando veo ao sabado que foram doze dias do dito mes pasamos por junto com Monbaça, e ao domjngo fomos pou-sar em hos baixos de Sam-rrafaell, onde posemos o ffogo ao navio deste nome, porquanto era cousa jmposivell navegarem tres navios com tam pouca gente como eramos; aquy pasamos todo o fato deste navio aos outros dous que nos ficaram. Aquy estevemos çinquo dias onde nos traziam de huũa villa que defronte de nos estava que se chama Tamugata mujtas galinhas a vender e rresgatar por camjsas e manjlhas. E a hũ domjngo que foram xxvij dias do dito mes nos partimos daquy com muj bom vento a popa, e a noute segujnte payramos e quando veo a manham nos achamos junto com huũa ilha

muito grande que se chama Jamgiber a qual he povoada de mujtos mouros a quall estará de terra bem dez legoas. E ao primeiro dia de Fevereiro a tarde fomos pousar davante as Jlhas de Sam Jorge em Mocombiquy. E ao outro dia pella manham fomos pōor em a jlha onde a jda diseramos mjsa hñ padram. E foy tanta a chuva que nunca podemos fazer fogo pera der-retermos chumbo pera lhe pormos a Cruz o quall ficou sem ella, e nos viemonos aos navios e partimonos logo.

¶. Aos tres dias do mes de Março chegamos a Amgra de Sam Bras onde tomamos mujta achoa e lobos marinhos e sotelycairos, dos quaees fizemos salga pera o mar; e aos doze dias do dito mes nos partimos. Sendo alem daguada dez ou doze legoas ventou o Ponente de guisa que nos fez tornar a pousar em a dita Amgra, e como foy bonança tornamos a sair, e deunos Noso Senhor tam bom vento que aos vinte dias do dito mes pasamos pollo Cabo de Boa Esperança. E eses que atequy chegamos eramos de saude e rrijos, e as vezes bem mortos de frio de grandes bisas que aquy achavamos em esta terra. E majs o punhamos a vyrmos de terra quente que ao frio ser grande,

e seguimos nosso camjnho com grande desejo de chegarmos, e vinhamos com vento a popa que nos durou bem vinte e sete dias de maneira que nos pos em boa parajem da Ylha de Santiago que em as cartas de marear ao mais que della nos faziamos eram çem legoas, e alguns eram ja com ella, e aquy nos acalmou o dito vento, e alguũ que nos yguava era muito pouco e por davante, e por avermos conhecimento donde eramos com alguũas trovoadas que nos vinham de terra hiamos de lloo quanto podiamos, e hua quinta feira vinte e cinco dias do mes Dabrill achamos fundo de trinta e cinco braças, e todo o dia fomos por este camjnho, e o menos fundo foram vinte braças, e non podemos aver vista de terra, e os pilotos diziam que eramos nos Baixos do Rio Grande.

---

*Estes nomes abaixo escriptos sam de certos rregnos que estam de Calecut pera a banda do Sull ; e as cousas que cada rregno há e como vallem ; o quall eu soube muito certo de huñ homem que sabia a nossa falla he havia trinta anos que viera d' Alexandria a estas partes.*

¶. Primeiramente Calecut omde esteve-  
mos ; aqy vem todas as mercadarias abaixo  
escriptas, e asy as naos de Meca em esta  
cidade de Calecut carregam. Este rrey a que  
chamam Camolim ajuntará domeens de peleja  
cem mjl e jsto com ajuda que ha, que de sua  
jurdiçam tem muj pouca jemte : —

Estas sam as mercadorias que as naos  
de Meca trazem as quaees valem por toda es-  
ta Jmdia : —

Quobre que val huña farazalla , a qual  
tem perto de trinta arratéés, çinquoenta fanoeens  
que sam tres cruzados : —

Pedra de Baqua que vall a peso de  
prata : —

Facas, que vall cada faca huñ fanam : —

Aguoa-rosada val a frazala çincoenta fanoeens : —

Pedra-ume vall a frazalla çincoenta fanoeens : —

Chamalote vall a peça sete cruzados : —

Pano vermelho val hũ pequy , que sam tres palmos , dous cruzados : —

Azougue vall a farazala dez cruzados.

### *Outro Regno.*

¶. Quorongoliz he de xrstãos e o Rey xrstão ; estaa de Calecut tres dias per mar de bom vento : este rrey poderá ajuntar quatro mill homens de peleja ; aquy ha mujtã pimenta e vall aquy hũa farazalla nove fanoeens e em Calecut val quatorze : —

### *Outro rreino.*

¶. Coleu de xrstãos , o qual esta de Calecut dez dias por maar de bom vento : este rrey podera ajuntar dez mjll homens ; em esta terra ha mujto pano dalgodam e pimenta pouca : —

*Outro Regno.*

¶. Caell , o qual tem o rrey mouro e a gente he xrstãa e esta de Calecut por mar dez dias ; este rrey poderá ajuntar quatro mjll homens de peleja e cem alifantes de guerra ; aquy ha mujtas perllas : —

*Outro Regno.*

¶. Chomandarla he de xrstãos e o Rey xrstãoo ; este podera ajuntar çem mjll homens ; aquy ha mujta lacra e vall duas farazalas hũ cruzado : e asy tem mujto pano dalgodam : —

*Outro rreino.*

¶. Ceylam a qual he hũa hilha mujto grande e de xrstãos e rrey xrstão ; está de Calecut por mar de bom vento oyto dias ; este rrey podera ajuntar quatro mjll homens e asy tem mujtos alifantes de guerra , e pera vender : aquy ha toda a quanella fina que ha em esta Jmdia e asy mujtas pedras çafiras e mjlhores que outras de outra terra , e rrobis poucos mas sam bõos : —

¶. Camatarra he de xrstãos ; está de Calecut trinta dias de bom vento ; este rrey poderá ajuntar quatro mjl homens de peleja e tem mjll de cavallo e trezentos alifantes de guerra ; em esta terra ha mujta seda em fio e val a farazalla oyto cruzados ; tambem ha nesta terra mujta lacra e vall hũ bachar que tem xx farazallas dez cruzados : —

¶. Xarnauz he de xrstãos e o Rey xrstão ; estaa de Calecut cincoenta dias de bom vento ; este Rey ajuntara vinte mjll homens de peleja e quatro mjl de cavallo. E tem quatrocentos alifantes de guerra ; nesta terra ha mujto beijoim e vall a farazalla tres cruzados , e ha hi muito aloee e vall a farazalla xxv cruzados : —

¶. Tenacar he de xrstãos e Rey xrstão ; está de Calecut de bom vento quorenta dias. Este rrey podera ajuntar dez mjll homens de peleja , e tem quinheentos alifantes de guerra ; nesta terra ha muito brasyll o quall faz mujto fino vermelho tanto como grãa , e vall aquy hũ bachar tres cruzados , e no Quayro vall sessenta ; tambem aquy aloee mas pouco : —

¶. Bengala ; em este rreino á mujtos mouros e poucos xrstãos ; e ho rrey he mouro ; este ajuntará vinte mjll homens de peleja e dez mil de cavallo ; nesta terra ha mujtos panos dalgodam e de seda e mujta prata ; está de Calecut quorenta dias de bom vento. —

*Outro rreyno.*

¶. Melequa he de xrstãos e o rrey xrstão ; estaa de Qualecut quorenta dias de bom vento ; este rrey podera ajuntar dez mjll homens de peleja . s. duzentos de cavallo e os outros de pee ; daqy vay todo o cravo e vall aquy hũ bachar nove cruzados, e jso mesmo a noz nozcada val hũ bachar outros nove cruzados ; e hay mujtas procelanas e mujta seda e mujto estanho , do qual fazem moeda , porema moeda he grande e val pouco , que tres farazalas valem hũ cruzado. Aquy ha mujtos papagaios grandes todos vermelhos como arcẽ. —

¶. Peguo he de xrstãos e o Rey xrstão e sam todos alvos como nos outros ; este podera ajuntar vinte mjll homens de peleja . s. dez mjll de cavalo e os outros de pee , e quatrocentos alyfantes de guerra ; aquy ha todo o al-

mizquero do mundo. Este rrey tem huia jlha a quall esta da terra firme obra de quatro dias de bom vento, em a qual jlha andam huas alimarias asy como çervas, as quaes trazem huus papos nos jmbigos em que anda este almizquere, e em certo tempo do ano esfreganse a huas arvores e quaemlhe estes papos e os da terra vam em este tempo apanhallo. E he tanto que dam por hũ cruzado quatro papos destes grandes, e dos pequenos dez e doze que poderam encher huia grande arca. E em a terra firme ha mujtos rrobis e mujto ouro: que com dez cruzados podes aquy comprar ouro porque dem em Calecut vinte e çinquo; e ha hy mujta lacra e beijoim de duas maneiras, branco e preto; val a farazala do branco tres cruzados e do preto hũ e meo; e prata que por dez cruzados vos dem em Calecut quinze; esta terra está de Calecut trinta dias de bom vento: —

¶. Bemguala tem o rrey mouro, e a jemte della sam mouros e xrstãos, e esta de Calecut trinta e çinquo dias de bom vento; aquy avera vinte e quatro mil homes de peleja . s . dez mil de cavallo e os outros de pee, e quatrocentos aliffantes de guerra; em esta terra ha

estás mercadorias : muyto trigo e muytos panos de grandes valores , e comprando aquy dez cruzados destes panos acharam em Calecut por elles quorenta ; e muyta prata : —

¶. Conjmata tem o rrey xrstãoo e bem asy a gente ; está de Calecut cincoenta dias de bom vento ; este rrey podera ajuntar cinco ou sejs mil homens de pelejá e tem mjll aliffantes de gerra ; nesta terra ha muytas pedras çafiras e muyto brasyll : —

¶. Pater he de xrstãoos e Rey xrstãoo , e em este Reyno nom ha mouro nehuũ ; este rrey podera ajuntar quatro mjll homens de pelejá e tem çem alifantes de guerra ; em esta terra ha muyto rruibarbo e val aquy huãa fazalla nove cruzados ; e ha hy muitas pedras éspinellas e muita lacra e val hũ pachar quatro cruzados ; estaa de Calecut cincoenta dias de bom vento : —

*De como pelem os aliffantes nesta terra.*

Fazem huãa casa de madeira em que cabem quatro homens e esta casa anda em çima do aliffante com os ditos quatro homens mitidos nel-

la, e traz este alifante em cada dente cinco espadas armadas, asy que em ambos os dentes traz dez espadas, de maneira que andam tam temerrosos que nehuñ nom os aguarda se lhes fogir pode. E todo aquillo que aquellos que em çima andam lhe mandam o fazem tam compridamente como se fose criatura rracionall, porque se lhe dizem = mata aquella ou faze isto ou estoutro = asy o fazem.

*Da maneira que tem pera os tomarem quando andam no mato bravos.*

Quando querem tomar algum aliffante bravo tomam hua femea mansa, e fazem hua cova muito grande onde quer que o aliffante anda, e tapamlhe a boca com mato, e dizem áquella femea = vay e se achares algũ aliffante traze-o pera junto desta cova de maneira que caya elle dentro e tu guardate nom cayas = Vayse emtam e asy como lho mandam asy ho faz, e depois que o topa á o de trazer de maneira por alij que ha de cair dentro, e a cova he de tall altura que jamajs elle por sy pode sajr.

*Da maneira que se tem pera os tirarem  
da cova e os amansarem.*

Depois que o aliffante jaz naquella cova pasamse primeiro cinco ou sejs dias que lhe dem de comer, e depois dos ditos dias pasarem levalhe hũ homem mujto pouca vianda e cada dia majs até que elle vem a comer, isto por espaço de huũ mes até que aquelles que lhe levam de comer o vam amansando, até que lhe detam da terra em a cova; e jsto falo por tantos dias que lhe aguarda que lhe pouisa a mão nos dentes; e depois decese abayxo e lançalhe huũas cadeas mujto grosas nos pees, em as quaes o ensinam ein tall maneira que lhe nom mingoam senam falar, e tem os em estribarias como cavalos e hũ bõo aliffante vall dous mjll cruzados.

*Este he o preço porque se vende a  
especiaria em Alexandria.*

Primeiramente vall huũ qujntal de çanella  
vinte e cinco cruzados: . . . . . xxv ✕ .<sup>o</sup>  
Huũ quintall de cravo val vinte cruzados: xx ✕ .<sup>o</sup>  
qujntall de pimenta qujnze cruzados: xv ✕ .<sup>o</sup>  
qujntall de gingivre onze cruzados: xi ✕ .<sup>o</sup>

\*

e em Calecut vall hũ bacher que  
 tem cinco qujntaes vinte cruzados :  
 qujntal de noz nozcada vall dezaseis  
 cruzados : . . . . . xvj ✕ .<sup>os</sup>  
 qujntal de lacra vall vinte e cinco  
 cruzados : . . . . . xxv ✕ .<sup>os</sup>  
 qujntal de brasill val dez cruzados : x ✕ .<sup>os</sup>  
 arratell de rruybarbo val doze cruzados : xij ✕ .<sup>os</sup>  
 mjticall dalmizquere vall hũ cruzado : j ✕ .<sup>os</sup>  
 arratell de paoo aloee val dous cruzados ij ✕ .<sup>os</sup>  
 arratell de beijoim val hũ cruzado : j ✕ .<sup>os</sup>  
 qujntal demçenço val dos cruzados : ij ✕ .<sup>os</sup>  
 e em Meca onde ho ha val hũ ba-  
 car dous cruzados .

*Esta he a linguaagem de Calecut.*

Por ólha ; nocane.	nam quéro ; totenda.
ouves ; que que ne.	andar ; mareçane.
tiralhe ; criane.	vaite ; poo.
tirar ; balichene.	vem qua ; baa.
corda ; coraoo.	calte ; pote.
alarga ; lacany.	levantate ; legany.
dáme ; cornda.	lançar ; carecane.
beber ; carichany.	falar ; para ne.
come ; tinane.	doudo ; moto.
toma ; y na.	sesudo ; monday de- cany.

Por manco ; mura call.

cajr ; biamçe.  
 mujto ; balidu.  
 maoo ; betall.  
 vento ; clarle.  
 pouco ; chiredu.  
 daylhe ; criane.  
 pao ; mara.  
 pedra ; calou.  
 dentes ; faley.  
 beiços ; çire.  
 nariz ; mucu.  
 olhos ; cana.  
 testa ; nechein.  
 cabellos ; talanay.  
 cabeça ; tabu.  
 orelhas ; cadee.  
 lingua ; nao.  
 pescoço ; caestez.  
 — ; mulay.  
 peitos ; nane.  
 braços ; carit.  
 estamago ; barri.  
 pernas ; cali.  
 — ; canay.  
 — ; seyrim.

— ; cudo.  
 mãos ; languajem.  
 dedos ; beda.  
 — ; cula.  
 pescado ; mjny.  
 masto ; mana.  
 lume ; tijr.  
 dormir ; teraquy.  
 homem ; ameo.  
 mulher ; pena.  
 barba ; tari.  
 lagosta ; xame.—  
 papagayo ; tata.  
 ponbas ; cayninaa.  
 — ; baly.  
 beijar ; mucane.  
 morder ; canchany.  
 olhar ; noquany.  
 ouvir ; çegade.  
 bater ; catane.  
 ferida ; morubo.  
 espada ; batany.  
 adarga ; cutany.  
 arco ; cayny.  
 frecha ; ambum.  
 lança ; concudo.

Por tirar com arco; heany	cego ; curuge.
soll ; nerara.	decepado de maõo ;
lua ; neelan.	muraquay.
çeo ; mana.	— ; panany.
terra ; caraa.	toma ; ennay.
mar ; caralu.	vamovov ; ponga.
naoo ; capell.	leste ; careçache.
barcas ; cambuco.	loeste ; mecache.
noute ; erabut.	norte ; barcangache.
dia ; pagalala.	sull ; tycamgarche.
comer ; tinane.	cam ; naa.
— ; matara.	cadella ; pena.
asentar ; arricany.	moço ; hum nee.
estar em pee ; anica-	mijnjno ; co poo.
ny.	easa ; pura.
andar ; narecane.	agulha ; cu doo.
abraçar ; traigany.	verga ; parima.
pancadas ; talancy.	rremo ; tandij.
chorar ; que ne.	bombardas ; ve dij.
alevantar ; alagany.	gavea ; talij.
baylar ; canechane.	driça ; anguaa.
tirar com pedras ou	ancora ; napara.
paoo ; ouryany.	baudeiras e estendar-
cantar ; fareny.	te ; çotj.
chuuva ; ma jaa.	governalho ; xoca.
agoa ; tany.	pelote ; cu pajao.

Por calça; cacu paja. | barrete; tupy.

*Estes sam os seus nomes:*

Tenae - Pumj - Paramganda - Uja pee - Qujlaba  
- Gouaa - Aja paa - A rreco - A xirama - Cue-  
rapa - Cutotopa - Anapa - Canapa - Gande - Rre-  
maa - Mamgala -

---

(17)

1914

1915

1916

---



.....  
.....  
.....  
.....  
.....

## NOTA A.

Ha quem tenha attribuido a Americo Vespuccio a Relação da Viagem de D. Vasco da Gama que se encontra na Collecção de Viagens de Ramusio, (tomo 1.º pag. 137) e taes são, entre outros, Sebastião Francisco de Mendo Trizoso na Introducção ás 2 Cartas de Vespuccio que formão o N.º 4 da Collecção de Noticias para a Historia &c. das Nações Ultramarinas, da A. R. das S. de Lisboa; e Antonio Ribeiro dos Santos, na sua Memoria sobre a Novidade da Navegação Portugueza no XV.º Sæculo, (Mem. de Litteratura da A. R. das S., tomo 8º pg. 348) ao que, supponho nós, forão induzidos por Bandini, que na "Vita e Lettere d'Americo Vespuccio, 1745" attribue a referida relação, pela 1.ª vèz no mundo litterario, á penna de Vespuccio.

Não temos podido alcançar vista desta obra de Bandini, da qual sómente temos noticia pelas citações que della fazem outros escriptores, como v. g. Tiraboschi, tomo 6º parte 1.ª pg. 253; e seria portanto temeridade em nós o impugnar uma asserção, cujos fundamentos ignoramos. Atrever-nos-hemos, contudo, a affirmar, que se a Relação da Viagem de Vasco da Gama a que referimos foi escrita segundo declara Ramusio (que pela 1.ª vèz a appresentou em publico) por um Gentil-homem Florentino que (como o mesmo conteudo indica) se achava em Lisboa quando o mencionado Capitão-mor voltou do Descobrimto da India, — não podia esse gentil-homem ser Americo Vespuccio.

D. Vasco da Gama chegou a Lisboa a 29 d'Agosto de 1499, (segundo Goes,) ou nos principios de Setembro, (segundo Castanheda); tendo sido precedido, em 10 de Julho, por Nicoláo Coelho, que delle se apartou, como se sabe, a 25 d'Abril, na

derrota do Cabo de Boa Esperança para a Ilha de Santiago de Cabo Verde. — Dêmos nesta conformidade que a Relação em questão fosse escrita em todo o decurso dos mezes de Julho, Agosto, e Setembro de 1499.

Não entraremos nas questões ( se é que questões se podem chamar ) que se tem suscitado sobre as datas das viagens de Americo Vespuccio ; e avisadamente duvidamos de haver verdadeiramente questão, onde a izeção de prevenções para receber a convicção de provas e a redução da pretendida controversia ao seu valor real, farião desvanecer toda a duvida essencial : mas n'uma ou n'outra hypothese, dos partidistas de Colombo, ou dos sectarios de Vespuccio, desprovaremos que este ultimo se achasse em Lisboa nos mezes de Julho, Agosto ; ou Setembro de 1499.

Os Autores Hespanhoes, estribados no testemunho de Herrera ( Hist. Geral das Indias ) collocão a partida de Americo Vespuccio em sua 1.<sup>a</sup> Viagem em 20 de Maio de 1499 : segundo esta Chronologia achava-se este navegante de certo embarcado e mui longe de Lisboa nos 3 mezes em questão.

Os Autores que, contra Colombo, ascrevem a Vespuccio a gloria da descoberta do Novo-Mundo, fazem remontar a sua 1.<sup>a</sup> Viagem ao anno de 1497. Temos consultado, na Bibliotheca Portuense, una mui antiga copia das 4 cartas de Americo Vespuccio narrativa de suas 4 viagens, duas em serviço do Rei de Castella, e 2 no d'el-Rey D. Manuel de Portugal, que se achão impressas no fim d'um pequeno tratado por " Martinus Ilacomilus " intitulado " Cosmographia introductio &c. ", 4º, letra Gothica, " apud Argentoratos " ( Strasbourg ) — " Joannes Grüniger, 1509 " ; sendo dedicadas a Reinato, Rei de Sicilia, Duque de Lorena &c. ; edição de que parece se servio Simon Gryncæus, em seu " Novus Orbis &c. — Basilea — 1537 ", pois que no seu transcripto das referidas cartas appresenta os mesmos erros typographicos que nel-

la se contem. Achão-se neste impresso determinadas as epochas das viagens de Vespuccio com bastante confusão, mas que não será difficil fazer desvanecer.

Na 1.<sup>a</sup> Viagem estabelece-se a partida de Cadiz a 20 de Maio de 1497 e a chegada a 15 d'Outubro de 1499; sendo a data da chegada evidentemente erro typographico, pois que do theor da mesma 1.<sup>a</sup> Carta se colhe que nesta Navegação se empregou quasi 18 mezes; — devendo portanto substituir-se por 1498.

Na 2.<sup>a</sup> Viagem de Cadiz, colloca-se a partida em Maio de 1489; — o dia exacto, 11 do mez, suppre a edição das cartas em Grynœo, — e o anno é evidentemente erroneo, devendo ser 1499; a chegada é marcada a 8 de Setembro do anno seguinte, sc. 1500.

A 3.<sup>a</sup> Viagem teve por partida de Lisboa o dia 10 de Maio de 1501 — ( o “ Summario das Navegações de Vespuccio ” inserido em Grynœo e Ramusio, marcão o dia 13 do mez; ) e a chegada em 1502, com quasi 16 mezes de navegação — ( fornecendo-nos a versão Italiana de Ramusio o dia 7 de Setembro de 1502. )

A 4.<sup>a</sup> Viagem é marcada, de Lisboa, a 10 de Maio de 1503, e termina a 28 de Junho de 1504 = differindo 10 dias da versão de Ramusio que colloca a chegada em 18 do mesmo mez.

Desta forma, combinando as datas e texto da Edição de 1509 — a de Grynœo de 1537 — e a versão Italiana de Ramusio, podemos fixar as datas seguintes para as 4 Viagens de Americo Vespuccio: —

1. <sup>a</sup> Viagem.	2. <sup>a</sup> Viagem.	3. <sup>a</sup> Viagem.	4. <sup>a</sup> Viagem.
Partida 20 Maio 1497	11 Maio 1499	10	10 Maio 1503
Chegada 15. Out. <sup>o</sup> 1498	8 Set. <sup>o</sup> 1500	ou } Maio 1501 13 }	18 } ou } Junho 1504 28 }
		7 Set. <sup>o</sup> 1502	

e segundo estas epochas não é possivel que Americo Vespuccio se achasse em Lisboa no decurso dos mezes de Julho, Agosto, ou Setembro de 1499.

Demais concedamos de leve a ficção das duas primeiras viagens de Vespuccio. Na Relação da 1.<sup>a</sup> que fêz em serviço d'El-Rei D. Manuel elle expressamente declara que chegou a Lisboa em 1501, quando já a armada em que ao depois partio se achava pronta para se fazer á vella. Ora esta partio no mêz de Maio, e por mais que se dilate em antecedencia a chegada de Vespuccio nunca se poderá esta collocar tanto atraz como Julho, Agosto, ou Setembro de 1499.

É assim, se as nossas premicias são verdadeiras — a saber; a declaração de Ramusio, e o contexto da mesma relação; em nenhuma das opiniões que se achão formadas e sustentadas sobre a genuinidade das Navegações de Vespuccio, se pode consistentemente sustentar que fosse elle o Autor da Relação em questão.

Parece-nos que o mesmo Antonio Ribeiro dos Santos se contra-diz quando a sua referida asserção se compara com o que escreveu em sua Memoria “ Da Antiguidade da Observação dos Astroz ” inserida no Tomo 5.<sup>o</sup> Parte 1.<sup>a</sup> pg. 77, das Mem. da A. R. das S., onde diz que o mesmo Gentil-homem Florentino *viajara* com Vasco da Gama; asserção esta que alem de contradictoria é insustentavel á vista do conteúdo da Relação a que se refere.

---

#### NOTA B.

---

Desta 1.<sup>a</sup> Edição do 1.<sup>o</sup> Livro da Historia da India por Fernão Lopes de Castanheda existe um exemplar na Bibliotheca Portuense. Barbosa Machado na noticia que d'ella dá diz que “ passados tres annos se reim-

primio este livro em folha com differente dedicatória ao mesmo monarcha ( Dom João 3.º ) e com diversidade no principio do 1.º capitulo como em o numero delles ”= mas da confrontação desta com a edição de 1554 se colhe que as differenças e correccões são mais consideraveis que as apontadas. D’algumas fazemos menção nas nossas notas ; e aqui notar-mos que a diversidade no numero dos capitulos ( sendo 95 na edição de 1551, e 97 na de 1554 ) resulta das alterações que fez Castanheda para discorrer sobre uma inscripção latina , profetica da descoberta da India , que no tempo de D. Manuel se diss ter sido achada em Cintra ; e para inserir a Carta que o referido monarcha escreveu ao Çanorim de Calecut por Pedro Alvares Cabral, e o Brazão d’Armas que el Rei de Cochim deu a Duarte Pacheco. Como porcm se fizessem traducções desta mesma Edição em lingoas estrangeiras — como em Romance Castellhano , Anvers , 1554 , ( de que temos conhecimento d’um exemplar na Bib. da Univ. de Coimbra ) forão de certo modo divulgadas as incorrecções e imperfeições da mesma ; do que se encontra vestigios em alguns authores — tanto antigos como modernos. Sirva d’exemplo o dizer-se nesta 1.ª Edição que da Ilha de S. Tiago Bartholomeu Dias voltou a Portugal ; asserção que ainda que se corrigio na Edição seguinte para *seguio o caminho da Mina* apparece ainda hoje na Biographia Universal, e em outras Obras.

O Compilador da Bibliotheca Lusitana, em seu “ Summario ” é inexacto e não escreve o que Barboza refere , quando dá a entender que tendo todas as obras de Castanheda sido impressas em 1551 , sahiram accrescentadas e emendadas em os varios annos que aponta ; sendo certo que sómente o 1.º Livro fôra impresso em 1551 e que quando pela primeira vêz apparecerão os livros 6º e 7º em 1554 é que se reimprimio o 1.º O mesmo Barboza Machado é inexacto em apontar que o 1º Livro sahio com o livro de Osorio “ De Rebus Emmanuelis ” em Pariz, 1581. imprensa de

Francisco Estienne, traducção de S. G. S.; quando este traductor aproveitando-se dos 12 livros de Oso-rio recorreo sómente aos ultimos de Castanheda; como verificamos.

---

1.

---

Pag. 1.<sup>a</sup> “ Na era de mjll <sup>iiii</sup> LRvij.”

O complexo d'algarismos de que faz uso o A. (e que se pode ver no Fac-simile que juntamos) é mesclado daquella irregularidade que nos seculos 15.<sup>o</sup> e 16.<sup>o</sup> se introduzio nos signaes da numeração. *iiii* valia 4; e sendo a força do signal subsequente', ou superior', centuplicar a indicação antecedente, *iiiij*', ou, (para indicar que o 'abrange a reunião dos i, e não somente o j final) *iiiij*, valia 400; o L sendo o da numeração Romana (ou mesmo minusculo) valia 50; o R valia 40; vij valia 7; e deste modo se completava a conta de 497. (Veja se o Elucidario de Santa Roza de Viterbo, na palavra “Algarismo”, e nas letras L e R; assim como de suas Tabuas, a k.<sup>a</sup>, figuras 11 e 13).

---

2.

---

Pag. 1. “ Quatro navios ”

Estes navios eram: — o Sam Gabriel, de 120 toneladas; o Sam Rafael, de 100; a caravella Berrio, de 50; e a náó dos mantimentos, de 200. Os primeiros dous forão construidos sob as direcções de Bar-

tholomeu Dias , ( que já tinha experiencia dos mares Austraes , ) e da madeira que para o proseguimento das descobertas , tinha El-Rei Dom João 2.º mandado cortar por João de Bragança , ( seu *moço do monte* , ) e conduzir para a Caza da Mina em 1494 ; sendo o agente desta construcção e do despacho de toda a Armada Fernão Lourenço , Thezoureiro da referida Caza , e um dos magnificos homens daquelle tempo. A caravella foi comprada por El-Rei Dom Manuel a um piloto da Villa de Lagos , chamado Berrio , de quem a embarcação conservou o nome ; circumstancia esta que d'alguns ( como Maffei , em “ *Le Istorie dell' Indie Orientali* , ” ) é ignorada. A náó de 200 toneladas foi comprada tambem , por El-Rei Dom Manuel , a um Ayres Correa , e era destinada a conduzir os mantimentos que para tão dilatada viagem como se calculava erão necessarios , e para os quaes o diminuto lote dos navios não offerencia o commodo da arrumação ; sendo das instrucções que levava o Capitão-mor que na Angra de Sam Braz deveria ser despejada e queimada. Hia mais em conserva destes navios até ás alturas da Mina , Bartholomeu Dias , em una caravella da carreira ordinaria do trafico que para essas partes se fazia , e da qual , polo lucro que d'ahi lhe resultaria , lhe foi conferido o commando , tanto em consideração dos seus passados serviços no adiantamento das Descobertas , como em remuneração do seu trabalho no apercebimento da Armada que acompanhava.

Na Capitania , o S. Gabriel , ia o Capitão-mor Vasco da Gama ; levando por Piloto Pero d'Alemquer , que com Bartholomeu Dias tinha chegado até o Rio do Infante no anno de 1487 ; ( Cazado Giraldes diz que dobrarão o Cabo em 1493 ! ) e por Escrivão Diogo Dias , irmão do referido Bartholomeu.

No S. Rafael ia por Capitão Paulo da Gama , irmão do capitão-mor ; por Piloto João de Coimbra ; e por Escrivão João de Sá.

No Berrio ia por Capitão Nicoláo Coelho ; por Piloto Pero Escolar ; e por Escrivão Alvaro de Braga. ( 1 )

Na náó dos mantimentos ia commandando um creado do capitão-mor chamado Gonçalo Nunes , a quem Castanheda , na 1.<sup>a</sup> Edição do seu 1.<sup>o</sup> Livro , chamou por engano Gonçalo Gomes , emendando-se para Nunes na 2.<sup>a</sup>

Iam por Linguas ; — do Arabico , Fernão Martins ( 2 ) ; da falla dos Negros , Martim Affonso , que por muito tempo andara em Manicongo.

Tem-nos demais a historia conservado os nomes de — Alvaro Velho e Fernão Velloso , ( Castanheda e Barros ) ; Gonçalo Pirez ( Castanheda ) ; Gonçalo Alvarez , Mestre do Navio Sam Gabriel , ( Barros ) ; Sancho Mexia , ( nosso Autor ) ; Pedro de Faria e Figueredo , e seu irmão Francisco , que ambos morrerão no Cabo das Correntes , ( Faria e Souza ) ; e Leonardo Ribeyro , ( Manuel Correa ( 3 ) , citando o dito de Camões ) ;

Faria e Souza menciona mais , em sua Asia , a *Pero de Cobillones* , Religioso da Ordem da Trindade , como Capelão da Armada , fundando-se em papeis antigos de toda a confiança ( diz elle ) e em o testemunho de Frei Christoval Ozorio , da mesma ordem , em uns Elogios por elle escritos.

Na enumeração dos individuos que embarcárão para esta viagem ha discrepancia. Castanheda ( 4 ) Ozorio , e Goes especificão 148 homens ; Barros , na Dec. 1.<sup>a</sup> Liv. 4.<sup>o</sup> , Cap.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> , declara 170 ; e , no Liv. 5.<sup>o</sup> , Cap.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup> , da mesma Dec. diz “ obra de 160 ” ; Faria e Souza , — 160 . Em que voltárão ao Reino 55 concordão todos ( com pequenissima excepção ) que apontão um numero determinado. San Roman ( Liv. 1.<sup>o</sup> cap.<sup>o</sup> 7 ) diz que , entre marinheiros e soldados , embarcárão 160 dos quaes morrerão , inclusivé Paulo da Gama , 93 , — dando assim 67 pelo numero dos sobreviventes , o que excede 55 por 12.

Nós inclinamo-nos ao maior numero e conjecturamos que os 12, differença entré 148 e 160, provem de não se ter involvido no menor algarismo os 10 ou 12 degradados, que ( Góes, Chr. de D. Manuel, Part. 1.<sup>a</sup>, cap.<sup>o</sup> 36 ) Vasco da Gama levava para deixar em terra nos pontos em que lhe parecesse podessem tomar informação da mesma; que devião ser recolhidos aos navios na volta da armada para Portugal; e que talvez os Autores que apontão 148 homens não se lembrãrão, ou não quizerão, especificar, limitando-se ás duas classes “ mareantes e homens d’armas.”

( 1 ) João Franco Barreto, no seu Indice dos Nomes Proprios, que anda annexo a varias Edições das Obras de Camões, diz na palavra “ Diogo”, que João de Barros chama a Diogo Dias e Alvaro de Braga — Alvaro Dias e Diogo Correa. Na Decada 1.<sup>a</sup>, Liv. 4.<sup>o</sup>, capitulos 3.<sup>o</sup> e 10.<sup>o</sup> tal não achamos; mas sim Diogo Dias e Alvaro de Braga.

( 2 ) Diz mais João Franco Barreto, no supra-citado Indice, na palavra “ Fernão ou Fernando” que Goes chama Martim Affonso a Fernão Martins. Aqui ha tambem engano. Góes ( C. de D. Manuel, P. 1.<sup>a</sup> capitulos 36 e 39 ) não confunde dessa sorte n’um só, dous individuos distinctos.

( 3 ) “Obras do Grande Camões &c. com os Commentos de Manuel Correa &c. Lisboa, 1720, Officina de Joseph Lopes Ferreira;” na nota á Estancia 40 do Canto 6.<sup>o</sup>; onde declara que Camões lhe dissera ser o verdadeiro nome do Leonardo, que o Poeta ali introduz, Leonardo Ribeyro. E’ de notar que Manuel de Faria e Souza em sua “Asia Portugueza”, diz que o Leonardo da Est. 40 do Canto 6.<sup>o</sup> de Camões, era Francisco de Faria e Figueredo; e em seus “Commentos aos Lusíadas” ( Madrid, João Sanchez, 1639 ) n’uma nota á mesma estancia usa das palavras seguintes: “ Pudo aver este soldado ( Leonardo ) en la com-  
“pañã; i no consta de esso; ni era minister para ser intro-  
“duzido del Poeta que escribe uná Poéma, i no uno una  
“historia.”

( 4 ) São erros typographicos : — na 1.<sup>a</sup> Ediç. do 1.<sup>o</sup> Livro de Castanheda , a pag. 87, o numero 180 ; é contrario ao que disse o A. a pg. 7 acha-se substituido por 148 na Edição de 1544; ( E' comtudo do notar que Ramusio, na Relação desta viagem que inserio em sua Collecção e que já citamos , tambem marca 180 entre todos. ) — Em alguãs Edições Italianas de Maffei — 60 homens. ( As mesmas Ed. dizem que V. da Gama perdera quasi 100 homens. ) As Edições Latinas são mais correctas ; trazem 160.

Lafitau e alguns outros trazem 170 homens. A Hist. Geral das Viagens a p. 22 „diz 160 e a pag. 52, 108. &c.

---

3.

---

Pag. 1. linha 8 ... “ Partimos de Restello.”

---

“ O Infante D. Henrique , por razão desta empreza que tomou de mandar descobrir novas terras , em as partes donde as suas Armadas partião a este descobrimento , por louvor de Nossa Senhora , mandava-lhe fazer huma Casa , huma das quaes foi a de *Rastello* em Lisboa da invocação de Bethlem , na qual tinha certos Freires da Ordem da Milicia de Christo, de que elle era Governador e Administrador , á qual Ordem elle tinha dado esta casa com todas as terras, pumares , e aguas , que para elle comprara... O fundamento das quaes casas , e principalmente desta de Bethlem , era para que os Sacerdotes , que alli residissem , ministrassem os sacramentos da Confissão e Communhão aos mareantes que partiam para fora ; e em quanto esperavam tempo , ( *por ser quasi huma legua da cidade* , ) tivessem onde ouvir missa. El-Rey D. Manuel , como imitador deste sancto e catholico avoengo , vendo que succedêra a este Infante em ser Governador e perpetuo Administrador da Ordem da Milicia de Christo, e assim em proseguir este descobrimento , tanto que *veio* Vasco da Gama , em que

se terminou a esperança de tantos annos, que era o descobrimento da Índia, quiz, como premicias desta mercê, que recebia de Deos, em louvor de sua Madre, ( a quem o Infante tinha tomado por sua Protectora para esta obra, ) fundou hum sumptuoso Templo na sua Ermida da vocação de Bethlem.....A qual casa El-Rey deu aos Religiosos da Ordem de S. Jeronymo, pola singular devoção que tinha neste Sancto....E porque a Ermida com todas as propriedades da casa, (como dissemos) era da ordem de Christo, por a ter dotada o Infante ao Convento d'elle, que está em a villa de Thomar, por auctoridade Apostolica deo El-Rey por ella ao mesmo convento a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa, a qual elle fêz de Esnoga, que era dos Judeos.” ( ASIA de Barros, Dec. 1.<sup>a</sup>, Liv.<sup>o</sup> 4.<sup>o</sup>, Cap.<sup>o</sup> 12.<sup>o</sup> )

---

4.

---

Pag. 1. “ Hum sabado que eram oyto dias  
“ do mes de Julho da dita era de 1497.”

---

Alguma duvida poderá offerecer-se sobre o exacto dia da partida de Vasco da Gama, ao indagador da nossa Historia Chronologica, que sómente consultar o testemunho de authoridades secundarias. Com effeito Ramusio ( 1 ) assigna-lhe o dia... 9 de Julho de 1497  
San Roman ( 2 ) ..... 9 .....  
Maffei ( 3 ) ..... 9 .....  
Laclede ( 4 ) ..... 9 .....  
Antonio Galvão ( 5 ) ..... 20 .....  
Barrow ( 6 ) ..... 3 .....

e [ para acabarmos com citações inúteis ] o erudito 2º Visconde de Santarém ( 7 ) elogia a exactidão d' um Codicillo M. S. existente na Bibliotheca Real de Paris, por apontar o dia ..... 2 de Junho de 1497.

Mas em quanto a nós a verdadeira data desta partida acha-se definitivamente estabelecida pela conjuncta authoridade daquelles nossos Escriptores dos negocios da India, que, primeiros na ordem dos tempos em que escreverão, são tambem primeiros, no conceito que nos devem merecer. Castanheda, Barros, Goes, Faria e Souza, ( 8 ) unanimamente assignão, como dia da partida, Sabado 8 de Julho de 1497; e seu depoimento é corroborado pela authoridade de nosso Anonymo, que, se fôra necessario, podéra decidir a questão, tanto pelo gráo de crença que merece, como pela coherencia com que desta procede em todas as mais datas de sua narrativa.

---

( 1 ) Ramuzio: " Primo volume e seconda editione " delle navigazioni &c. " In Venetia, nella Stamperia de Giunti, lanno 1554;" a pag. 130, na Viagem de Vasco da Gama, em 1497, escripta por um gentil-homem Florentino que se achava em Lisboa no tempo em que a Armada voltou do Descobrimento da India.

( 2 ) San Roman: " Historia General de la Yndia " Oriental; Valladolid, 1603;" a pag. 40.

( 3 ) Maffei: " Le Istorie dell' Indie Orientali; Milano, 1806;" Tomo 1.º, pg. 67.

( 4 ) Eaclede; " Histoire Générale de Portugal, Paris, 1735;" Tomo 4.º, pg. 99.

( 5 ) Antonio Galvão: " Tratado dos Descobrimentos antigos e Modernos., Lisboa, por Miguel Lopes Ferreira, 1731;" a pag. 34.

( 6 ) Barrow: " Abrégé Chronologique &c. " ( traducção das Viagens deste Auctor do Inglez para Francês, por Targe ) — Paris 1761

( 7 ) Vide esta nota depois da Nota ( 8 )

( 8 ) *Castanheda*, Livro 1.º, cap.º 2.º, *Barros*, ASIA, Dec. 1.ª, Liv.º 4.º Cap.º 2.º; *Goes*, ( Chronica de D. Manuel ) Parte 1.ª Cap.º 35; *Faria e Souza*, ASIA, Tomo 1.º, Parte 1ª, Cap.º 4.º ( NB. não faça duvida a data 2 de Julho de 1497, do cap.º 23 de Goes acima citado, que é evidentemente erro, ou de copista, ou typographico. No cap.º 35 que acabamos de citar diz o referido A: “ Vasco da Gama partio de Lisboa, *como atras fica dito*, hum *sabado* 8 dias de Julho &.” Ora o erro ( que o há ) tanto podia ser n’uma parte como na outra, mas a palavra “ *sábado* ” tira a duvida e indica onde de facto existe o erro, pois que o dia 2 de Julho de 1497 não cahio em *sabado* ).

( 7 ) [ Transferimos esta nota para final em consequencia de sua extensão que interromperia o nexa entre o texto e as notas )

“ *Noticia dos M. S. &c. na Bibliotheca Real de Paris, pelo 2º Visconde de Santarem*, Lisboa, pub. pela A. R. das S. 1827 ”; na pag. 74, no artigo relativo ao Codice = N.º 10023; *Jornal das Viagens dos Portuguezes ás Indias desde o anno de 1497 até 1642.* =

Julgamos ter demonstrado pelas citações anteriores que é insustentavel outra data para a partida de Vasco da Gama que não seja 8 de Julho de 1497. Cumpre-nos aqui rectificar uma citação incorrecta que, a este respeito, na referida noticia se encontra. Diz o Snr. Visconde que na Asia de Faria e Souza, Cap.º 4º da Parte 1ª, falta o dia da partida de Vasco da Gama. Ora cotejando esta citação, achamos mui expressamente em Faria e Souza as palavras = *Salio del puerto de Lisboa um sabado, ocho de Julio de 1497.* =

Notaremos de passagem uma outra pequena falta de exactidão na citação que o Snr. Visconde adduz relativamente á partida de João da Nova no anno de 1501. Diz o Snr. Visconde que a “ Asia ” de Faria e Souza, e a Dec. 1ª, Liv.º 5.º Cap.º 10º de Barros, poem a partida deste Capitão no mesmo mêz e anno que o Codice = N.º 10023 = que a colloca a 15 de Março de 1501, mas que não indicão o dia. Isto é exacto sómente em quanto a Faria e Souza; porque Barros estabelece o dia 5 do mesmo mêz

e anno, como é facil de verificar.

Divagaremos mais dizendo que suspeitamos que a data 19 de Novembro de 1509 em que Faria e Souza estabelece a partida de Dom Fernando Coutinho ( Asia, tomo 1.º, parte 2.ª cap.º 3º ) é erro de copia ou impressão, no referido Historiador. Na sua " Memoria de todas as Armadas ," que anda annexa a sua Asia , ( e que é aquella a que se refere a nota *b* do Proemio das navegações de Cadamosto , na Collecção das Noticias &.ª das Nações Ultramarinas , da Academia R. das S. de Lisboa ) não especifica Faria e Souza senão o *anno* das partidas , omitindo *mes* e *dia* pelo motivo que precedentemente adverte de ser " notorio que es entre Febrero e Abril ordinariamente " , notando que " quando partieron en otros tiempos lo dizemos en aquellas de que se supo. " E quando chega á Armada do commando de D. Francisco Coutinho , aponta o anno sómente — donde deveriamos concluir , segundo as instrucções do mesmo F. e S. que a armada partio entre Fevereiro e Abril , o que vai de encontro com o dia 19 de Nov.º Com effeito a data 12 de Março é aquella que é geralmente indicada , conforme com o Codice 10023.

Por esta circumstancia de não marcar a " Memoria das Armadas " de Faria e Souza os *dias* da partida , como por aquella de estender desde 1412 até 1640 é claro que não pode o " Jornal " do Codice 10023 ser a Memoria nomeada de F. e S. Quanto á possibilidade de ser , ou não , este " Jornal " aquelle que deixou M. S. pronto com as licenças para a Impressão , Francisco Luiz Ameno , como diz Barboza em sua Bib. Lusit. ( Tomo 4.º pg. 136 ) podemos affoutamente decidir a questão pela negativa. Na Bibliotheca Portuense existe uma copia deste inedito de F. L. Ameno , e á vista della se decide sua differença do Codice 10023 : 1º porque abrange desde 1410 até 1761 ; 2º porque estabelece a partida de Vasco da Gama a 8 de *Julho de* 1497. ( Mais poderamos dizer sobre a fonte donde derivou o Jornal do Codice 10023 , — mas é alheio do nosso assumpto , e assaz temos divagado da marcada derrota . )

5.

---

Pag. 2 , linha 2 ... “ a jula vento de Lançarote.”

---

— *Jula-vento* é termo antiquado que corresponde ao moderno *sotavento*. *Jula* vem do Italiano *giù* — *debaixo*.

---

6.

---

Pag. 3 linha 16... “ ij’ legoas da Ilha de Santiago.”

---

Isto é : *duzentas* legoas da Ilha de Santiago.  
( Veja-se a Nota 1. )

---

7.

---

Pag. 3 linhas 16 ... “ Garções.

---

A palavra *garção* , no sentido de *Ave* não se encontra nos Dictionarios ; mas é claro que não é senão o augmentativo de *garça* ; *ave aquatica*.

“ Como 100 legoas a Oeste do Cabo de Boa Esperança se começam a ver uns passaros grandes

com os cotos das azas pardosos, e os corpos brancos, a que chamão *Gaiivotões*." (*Pimentel, Arte de navegar.* )

---

8.

---

Pag. 3 lin. 24 ... " Quoquas "

---

E' corrupção de *phoca*. E' de saber que o Lobo-marinho é uma especie de *Phoca*; a *Phoca ursina* de Linneo.

---

9.

---

Pag. 4 lin. 3 ... " Golfãos. "

---

Planta aquatica ; provavelmente o *sargasso* e *trombas* dos nossos subsequentes navegantes. "Passadas as Ilhas de Tristão para o Cabo se hão de achar *manchas de sargasso*, a que chamão *Mantas de Bretão*, e uns paos com muitas raizes, em uma das pontas, a que chamão *Trombas* ... Ver-se-ha tambem uns passaros a que chamão entenaes, e *corvas grandes de bicos pardos* ". (*Pimentel, Arte de navegar.* )

---

10.

---

Pag. 4 linha 15 .... “ O capitam moor mandou Pero Dalanquer no batell a ssumdar.”

---

Castanheda e Goes dizem que fôra Nicoláo Coelho enviado a sondar. E' muito mais verosimil que se mandasse a Pedro d'Alenquer que com Bartholomeu Dias tinha já dobrado o Cabo de Boa Esperança, e tocado em varios pontos de sua visinhança.

---

11.

---

Pag. 4 linha 20 .... “ Aa qual poseram nome Santa Ellena. ”

---

E' preciso não confundir com a Ilha do mesmo nome no Oceano Atlantico, a Angra ou Aguada, situada na Costa Occidental do Continente d'Africa. Neste engano (por mera equivocação de certo) cahio Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, [ Tomo 8 das mem. de Litt. da A. R. das S. pag. 371, na nota (1) ]; Francisco Luiz Ameno (em seu Inedito já citado) e varios outros. A Ilha de Santa Helena, foi descoberta por João da Nova, no anno de 1502, em sua volta da India. [ O mesmo F. L. Ameno aponta esta descoberta. ] Na “ Histoire Générale des Voyages, Paris, 1746, ” traducção do Inglez, é Castanheda falsamente accusado de ter con-

fundido a Angra , com a Ilha , de Santa Hellena. Parece-nos que o individuo que compilou a Viagem de D. Vasco da Gama para essa obra , não obstante que falla em Barros e Castanheda , tinha mui imperfeito conhecimento das Linguas , Portuguesa e Hespanhola , ou serviu-se de traducções mui infieis. Seu traductor, Prevost, está em identicas circunstancias.

---

12.

---

Pag. 5, linha 5 ... “ o rrio de Santiago.”

---

Hoje o Rio Berg.

---

13.

---

Pag. 5, linhas 9 e 10 .....

---

A fraze a que esta nota se refere foi usada por Castanheda em sua 1.<sup>a</sup> Edicção de 1551, quando tratou dos usos dos habitantes da Angra de Santa Hellena, mas foi expurgada nas seguintes impressões. Não levou sua delicadeza a tal auge de escrupulo o Bispo de Silves, Dom Jeronymo Osorio, em seu “ De Rebus Emmanuelis ”: *puđenda ligneis vaginis includunt.*

14.

---

Pag. 6, linha 1 .... “ levamollo á náó do capitam moor , o quall o pos consiguo aa mesa .”

---

Damião de Goes diz : “ comeo e bebeo de todas as iguarias que lhe derão , com dous grumetes , a quem Vasco da Gama mandou que lhe fizessem boa companhia .” Barros diz o mesmo em outras palavras . E’ mui provavel que a inexactidão não está da parte do nosso Auctor , a quem a circumstancia de comer á meza com o Capitão-mór não era para esquecer .

---

15.

---

Pag. 7, linha 1... “ Este mesmo dia hum Fernam Veloso .”

---

Este caso é narrado de diversas maneiras por nossos diversos historiadores , sendo Castanheda aquelle que mais se conforma com nosso A. , e Barros quem mais delle descrepa . Goes attribue a partida de Fernão Velloso de entre os Caffres á circumstancia de que “ nem o guisado do lobo , nem o modo da terra , satisfizerão muito a Fernão Velloso ; ” e que por isso “ acabado o banquete começou de caminhar para onde as náos estavam .” Barros refere [ Dec. I. L. 4. C. 4. ] que tendo Fernão Velloso partido com os negros , Paulo da Gama sahira a pescar , e fis-

gando os marinheiros um baleato, estiverão em risco de se perderem por barafustar o monstro quando se sentiu ferido. Nem Castanheda nem Goes fallão de semelhante acontecimento, que se tivera occorrido não o omittira o minucioso Auctor do Roteiro, que também invalida, com seu silencio, o que affirma Barros de Nicoláo Coelho haver esperado em terra, fazendo lenha, a volta de Fernão Velloso. [ *Lafitau*, com Castanheda, Barros, Goes, e mais historiadores nossos á vista, estranhamente desfigura o caso.]

---

16.

Pag. 8. linha 2 ..... “ foy ferido o capitão moór e tres ou quatro homês. ”

---

Entre os feridos especifica Barros a Gonçalo Alvarez, Mestre do navio Sam Gabriel.

---

17.

---

Pag. 9, linha 6 .... “ E a quarta feira ao meo dia pasamos pello ditto Cabo.”

---

Pelo computo deste Roteiro o Cabo de Boa Esperança foi passado pela armada a 22 de Novembro de 1497; pelo que se ha de emendar o que dizem Castanheda, Barros, e Góes, que o fazem passado

a 20. Quanto ao dia de semana concorda Castanheda com nosso A., dizendo que fôra a uma *quarta feira*; mas a penultima 4.<sup>a</sup> feira de Novembro de 1497 caiu com effeito a 22 do mez.

Parece-nos que não tem fundamento o que diz Osorio da conspiração contra Vasco da Gama, que alguns da tripulação cançados de soffrimento, tramarão no seguimento da viagem da Angra de Santa Hellena para o Cabo; e do expediente que o capitão mór tomou de prender os conspiradores, e fazer elle mesmo as vezes de piloto. Em tal não fallão os tres A. que acabámos de citar, e parece-nos de mais absurdo, que, tendo-se partido da Angra de Santa Hellena em 16 de Novembro, tendo-se chegado á vista do Cabo em 18, e tendo-o dobrado a 22, houvesse motivo para as tripulações desanimarem, e conspirarem contra seu commandante; — e isto ainda quando o tempo fosse tempestuoso, o que comtudo do nosso Roteiro não consta. — A audacia da empreza de Vasco da Gama não necessita do *romantico* para lhe dar realce.

---

18.

---

Pag. 9. linha 8 ... “junto com este Cabo de Boa Esperança ao Sul jaz huma amgra.”

---

E' a Bahia Falsa, entre os Cabos, Falso, e de Boa Esperança.

---

Pag. 9, linha 14 ... “ entramos em a Angra de Sam Bras.”

---

A concordancia dos nomes geographicos antigos com os correspondentes modernos não é trabalho de summa facilidade.

Entre o Cabo das Agulhas ( que tem conservado seu nome ) e o Rio do Infante , que é mais conhecido entre os estrangeiros pelos nomes de *Grande Rivière des Poissons*, *Great Fish River*, *Grote-Vis-River*, há 5 principaes Bahias , das quaes a mais occidental é ainda hoje chamada pelo nome de *S. Sebastião* que Manuel de Mesquita Perestrello lhe deu , e as mais de Oeste a Leste são denominadas , pelos Hollandezes, as Bahias *Mossel*, *Plettenberg*, *Camtoo*, e *Zwarts-Kop*, a que opinamos correspondem os nome Portuguezes de *S. Braz*, *Formosa*, *S. Francisco*, e *Lagôa*. Fundamos esta nossa opinião na conferencia de alguns mappas modernos, como os de Barrows, Arrowsmith, Pinkerton, Faden, e Wyld, que escrevem os nomes Hollandezes, com a Carta Reduzida da Africa Austral inserta no *Neptuno Oriental*, em que Manneville com o Roteiro de Perestrello á vista, deu aos varios pontos da costa seus correspondentes nomes Portuguezes. Temos mais em favor desta nomenclatura um Mappa Manuscripto existente na Bibliotheca Publica Portuense, feito nos annos 1781, 1782, 1784, e 1785, por Duminy, Capitão de Fragata, e do Porto do Cabo de Boa-Esperança em 1787, e dirigido a Mr. Van-de-Graaf, Governador e Director Geral da Colonia do Cabo, em que achamos expressamente notada a correspondencia do —

Hollandez	<i>Mossel</i> ,	ao Portuguez,	S. Braz.
.....,.....	<i>Plettenberg</i> ,	.....,.....	Formosa.
.....,.....	<i>Camtoov</i> ,	.....,.....	S. Franc.º
.....,.....	<i>Zwartkop</i> ,	.....,.....	da Lagôa.

Vamos portanto de encontro com quem, como Anville, chama á Angra de S. Braz *Vlees-bay*; com quem, como o mesmo accreditado "Neptune Orientale", chama á Bahia Formosa *Mossel-bay*; e com quem, como Maltebrun, marca a Bahia de S. Braz no sitio da de S. Sebastião, e naquelle onde geralmente se nota a de S. Braz colloca a Bahia *Mossel*, ou (diz elle) de Santa Catherina.

Quanto á verdadeira situação de *Vlees-bay*, ou *Flesh-bay* ( que ainda que diversamente marcada em diversos Mappas, é usualmente confundida com a de S. Braz ) julgámos que se deve marcar na Bahia das Vaccas, ( ao Oeste da de S. Braz ), no que nos conformamos com Barrows, Pinkerton e Duminy; e vem a pello dizer que discrepamos do Auctor do "Neptune Orientale" em quanto chama *Vis-bay* ( *Fish-bay* ou *Baie des Poissons* ) á Bahia de Santa Catherina; sendo esta ultima decididamente a Leste de Cabo Talhado, em quanto que *Vis-bay* é geralmente marcada a Oeste do mesmo e de *Mossel-bay* e o mais usualmente entre esta ultima e a de *Vlees*.

Pag. 14 linha 9 ... "o estravo delles bem acaram daguada."

Isto é : o excremento delles bem junto da aguada.

---

Pag. 14 , linha 18 e seguintes... “ humas aves que nam voam porque não tem penas nas aas ( azas ) e chamam-lhe *fotylicayos* .

---

O nome que nossos Historiadores geralmente dão a estas aves , e que nosso mesmo Auctor menciona a pg. 105 é o de *sotilicairos*. Manuel de Mesquita Perestrello em seu Roteiro descreve-as com mais individuação : “ Ha nelle ” ( no ilheo da Angra de Sam Braz ) “ uma innumeravel multidão de lobos marinhos , al- “ guns delles d’incrivel grandeza , e uns passaros do “ tamanho e feição de patos , a que chamão *sotilicai- “ ros* , os quaes não tem pennas nas azas com que voem , “ e somente com os cotos dellas cobertos d’uma penu- “ gem muito miuda , mergulhão de maneira que pes- “ cãõ para manterem a si e a seus filhos que criam “ em ninhos feitos das espinhas dos pescados que el- “ les e os lobos alli trazem . ”

Pertencem aos *Aptenodyta demersa* de Linneo , que aponta como homonymos — o *Munchot du Cap de Bonne Espérance* e o *Manchot á bec tronqué* de Buffon ; o *Pinguin* , *Lesser Pinguin* , *Cape Pinguin* , *Black-footed Pinguin* dos naturalistas Inglezes. Entre os Francezes são usualmente denominados *Pingouins*.

---



---

Pag. 15 linha 19... “ fizemos foreos ”

*Foreos* = sem duvida *foroes*, do antiquado *forol* hoje *farol*. Moraes aponta “fazer farol: allumiar aos “navios para seguirem a mesma esteira de noute.”

## 23.

Pag. 15, ultimas linhas; e pag. 16, primeiras linhas: “Chegamos aos Ilheos Chãos &c.”

Differem nosso Auctor, Castanheda, e Barros sobre o lugar em que Bartholomeu Dias collocou seu ultimo Padrão; sendo Goes concorde com Castanheda. O seguinte resumo tabellar facilitará a comparação do texto destes Auctores; notando que as legoas intermediarias denotão as distancias que cada um assigna d’um a outro ponto.

Notaremos em primeiro lugar que Castanheda alterou o texto do auctor para dizer um absurdo. Os nossos navegantes caminhavão do Sul para o Norte, e houverão vista dos Ilheos chãos em 15 de Dez.º, (sendo erro de Castanheda o dizer em 16 de Dez.º = pois 6.ª feira foi 15 de Dez.º de 1497; ) como pois passarão o Ilheo da Cruz que já lhes ficava a ré (para o Sul) no dia seguinte? Notaremos tambem que foi inexacto nosso auctor, quando, a pg. 10 linha 19, elle disse que da Angra de Santa Hellena á de S. Braz erão 60 legoas *por mar* — distancia que elle agora apponta como existindo entre o Cabo da Boa Esperança e a Angra de S. Braz. Suspeitamos que o auctor ou dissera *per terra*, e foi alterado por erro de copista para *per mar*; = ou que assim quizera dizer e descuidou-se em dizer *per mar*.

\*

## NORTE.

Nosso Auctor. }	Castanheda e Goes.	{ Barros.
Rio do Infante ( 15 legoas )	Rio do Infante	Rio do Infante
<i>Derradeiro Padrão</i> de Bartholomeu Dias.	( 15 leg. )	( 20 leg. )
( 5 leg. )		
Ilheos Chaos	Ilheos Chãos	Ilheos Chãos
( 5 leg. )	( 5 leg. )	( 5 leg. )
Ilheo da Cruz	Ilheo da Cruz , onde Bartholomeu Dias poz o <i>ultimo padrão.</i>	Ilheo da Cruz , ou <i>Penedo das Fontes</i> , onde B. Dias poz o <i>ultimo Padrão.</i>
( 60 leg. )	( 55 leg. )	( )
Angra de S. Braz	Angra de S. Braz	Angra de S. Braz
( 60 leg. )	( 60 leg. )	( 60 leg. )
Cabo da Boa Espe- rança.	C. da B. Esperança.	C. da B. Esperança.

## SUL.

Ora examinando á nossa tabua, é della evidente que em quanto nosso Auctor estabelece o derradeiro Pa-

dão de Bartholomeu Dias 5 legoas avante dos Ilheos Chãos, os outros escriptores citados o collocão 5 legoas ao Sul dos mesmos Ilheos, a saber no Ilheo da Cruz ( cujo nome derivão da denominação do Padrão ); afirmando mais Barros que junto com o Ilheo da Cruz existia um Penedo chamado *das Fontes*.

Julgamos que pouca hesitação poderá haver em dar razão a nosso navegante que *vio* aquelles lugares, de que outros houverão sómente *tradicção* — [ que pouco ou nada havia de escripto authenticico até que elles determinarão lançar em memoria a papel os descobrimentos dos Portuguezes; ] mas seu testemunho acha-se corroborado por uma auctoridade que se pode admittir como irrefragavel. Manuel de Mesquita Perestrello foi mandado por el-Rei Dom Sebastião no anno de 1575 reconhecer a Costa Oriental d’Africa desde o Cabo da Boa Esperança até ao Cabo das Correntes, e em resultado desta viagem publicou um Roteiro em que as latitudes e rumos dos pontos mais notaveis são marcados com uma exactidão que, senão livre de emenda, é consideravel para aquelles tempos e faz-lhe muita honra como navegante em cujo socorro não se offerecião aquelles meios aperfeiçoados que hoje se appresentão; e tal é o conceito que merecerão suas observações e demarcações entre os estrangeiros que este seu Roteiro foi traduzido em Francêz e inserido na excellente Collecção de Cartas, por Mannevillette, intitulada o NEPTUNO ORIENTAL. Nos extractos que passamos a fazer servimo-nos d’um exemplar manuscripto existente na Bibliotheca Portuense, que o que delle apparece na “Arte de Navegar de Pimentel” é meramente um resumo: =

“ ... A Bahia da Lagôa ... tem da banda do Ponente 4 Ilheos que se chamão da Cruz, um delles maior que os 3 ao redor ... correm-se Leste Oeste com outros 2 que estam da parte do Levante chamados Chãos, porque são tão razos que se não co-nhecem a mais de 2 legoas ..... As pontas do Pa-

“ dram estão 4 legoas dos Ilheos Chãos para o Levante; ... ao pé tem um ilheo ... e ali deve ser o lugar onde esteve o Padram chamado de S. Gregorio que pôz Bartholomeu Dias quando foi descobrir aquella costa por mandado del-Rei D. João o 2º, porque se escreve que o deixou posto em um ilheo entre os Ilheos Chãos e o Rio do Infante, na qual paragem não há outro, e por isso lhe puz este nome ... e antes de chegar ao Rio do Infante oito legoas se descobrem na praia algumas abertas de ribeiros, e adiante 3 legoas estão humas barreiras, ao pé das quaes está o *penedo* que se chama das *fontes*, o qual é uma pedra com degolada no meio que parece ilheo mas não o é.”

Nesta conformidade se deve emendar as demarcações erroneas que apontão nossos supracitados Historiadores, e que em grande numero de Mappas, com maior ou menor confusão, se encontra.

Quanto á correspondencia dos nomes modernos com aquelles que aponta nosso Auctor achar se-ha conservados os de Ilheos Chãos e da Cruz com maior ou menor exactidão ethymologica. O Rio do Infante ( assim denominado do companheiro de Bartholomeu Dias — João Infante, segundo Barros, — Lopo Infante segundo Goes ) é hoje conhecido pelo nome de *Groote-Vische Rivier* — *La Grande Rivière des Poissons*; e não se deve dar fé áquelles mappas que o confundem com o Rio de S. Christovão que, segundo Perestrello, fica 8 legoas para o Norte.

O dia 10 de Janeiro de 1498 cahio n'uma 4.<sup>a</sup> feira, e não 5.<sup>a</sup> como diz nosso Manuscrito, não sendo esta a unica vez que nelle se encontra destes descuidos, como mais adiante a paginas 34, onde depois de marcar " 5.<sup>a</sup> feria 29 de Março ", elle aponta " Sabado 30 do dito mez ", o que é manifesto engano. Poremos termo a annotações desta especie, que erros taes, que não raras vezes se encontram em nossos historiadores da India, são mui faceis de re-ctificar.

João de Barros, Dec. 1. liv. 4. cap. 4., diz: "dia de Reis entrárão no Rio dellas, e alguns lhe chamão do Cobre"; sendo evidente do texto de nosso auctor, corroborado por Goes, Castanheda, e Ozorio, que a 6 de Janeiro, andavão nossos navegantes pelo mar e sómente a 10 ou 11 entrárão no Rio do Cobre. Barros parece confundir n'um mesmo rio, os dous, dos Reis e do Cobre, que se achão distinctos na Carta do Oceano Oriental por Bellin que se vê na Historia Geral das Viagens, em que o Rio dos Reis é marcado muito mais ao Sul que o Rio do Cobre ( ou Aguada da Boa-paz ); e n'um dos Mappas de Linschott achamos o Rio dos Reis correspondendo ao Rio d'Aroé do Mappa d'Anville que temos referido — e que se representa desembocando na Bahia de Lourenço Marquez.

A aguada da Boa Gente tem conservado seu primeiro nome, e é ainda hoje mais geralmente denominada a " Aguda da Boa Paz ", ficando ao Norte da Bahia da Lagôa ( ou de Lourenço Marquez ), e entre o Rio chamado da Lagôa, e o Rio Inhampura.

Moraes traz tanto “ Igar ” como “ Iguar ” e n’um e n’outro refere-se a “ Igualar ” cuja significação e derivação lhes attribue. Elle aponta; “ iguou-lhe o vento do Ponente — *ventou-lhe* ”.

---

26.

---

Pag. 22, linha 21 ... “ Aquy nos adoeceram muitos homens que lhe inchavam os pees e as mãos e lhe creciam as gengivas &c.”

---

E’ evidentemente o *scorbuto* que tão fatal foi aos nossos navegantes.

---

27.

---

Pag. 22, linha ultima ... “ rio dos Bões Signaes”.

---

Barros diz que Vasco da Gama “ passou sem haver vista da povoação de Sofala , ... e foi entrar em um rio mui grande abaixo della cincoenta legoas ” : nós antes disseramos *acima* porque Sofala, referida ao rio dos Bons-signaes, fica para traz de quem navega do Sul para o Norte. Que rio seja este dos *bons-signaes* entender-se ha mais claramente do extracto seguinte :

“A este rio de Cuama... chamão os Cafres Zambese .... Antes que chegue a se metter no mar algumas 30 legoas se divide em dous braços , ... e ambos vão entrar em o Mar Oceano Ethiopico 30 legoas distantes hum do outro. Ao principal e de mais agoa chamão rio de Luabo: o qual tambem se divide em dous braços; um delles se chama rio de Luabo velho, e o outro Cuama velha; donde parece que todos estes rios tomárão nome de Rios de Cuama. O braço menos principal se chama Rio de Quilimane, ou *Rio dos Bons Signaes*; nome que lhe pôz Dom Vasco da Gama, quando a elle chegou, indo no descobrimento da India, pelas boas novas e signaes que nelle achou .... Este rio tambem lança de si outro braço muito grande, a que chamão o rio de Linde.” ( *Ethiopia Oriental*, de Fr. João dos Santos; Liv. 2.º Cap. 2.º ).

E' de notar que os Mappas antigos demarcão estes rios com muita inexactidão. Hugo de Linschott, por exemplo, delineou o rio de Cuama *duas* vezes na mesma costa Oriental.

Pag. 24, linha 25 ... “Os homens desta terra são ruivos.”

---

Na passagem correspondente de Castanheda, diz elle: “A gente que vinha dentro erão homens *baços*”; no que é seguido por Goës. Ozorio refere “*Homines autem erant colorati*,” o que um seu traductor antigo verteo por *bigarrés de couleurs*. Na *Hist. Gen. des Voyages* achamos *un peu noirs*.

Conhecida como é a côr dos habitantes de *Mozambique* fica clara a intelligencia que se deve dar á palavra *ruiva* de nosso Auctor; e se annotamos cousa tão insignificante é pelo motivo de termos encontrado em livros estrangeiros a *côr ruiva* traduzida pelo correspondente a *compleição ruiva*, e daqui suscitadas duvidas sobre occorrencias das primeiras navegações ás Costas Austraes de Africa pela supposta circumstancia de nellas se ter encontrado homens de *cabellos ruivos*, *redhaired*, *roux*, quando tal não quizera em sua relação dizer o navegante Portuguez.

---

29.

---

Pag. 25, linha 25 ... “ A metade mouros e a metade christãos.”

---

Veja-se a Nota que no Prologo escrevêmos á cerca das noticias que entre os nossos corrião da Christiandade da India; á qual accrecentaremos que a communicação com o Preste João das Indias, Principe que dizia-se ser Christão, mas da localidade de cujos estados havia muita incerteza, era um dos encargos de D. Vasco da Gama em sua Viagem.

---

30.

---

Pag. 26, linha 16 ... “ Colyytam. ”

---

Mais usualmente Çoltão; á moderna, Sultão.

---

31.

---

Pag. 27, linha 5 ... “ Trinta meticaes douro e duas marlotas. ”

---

Goes ( P. 1. c 37 ) diz que cada *metical* valia 420 reis ; Barros ( Dec. 1. L. 4. c. 4. ) que 30 meticaes poderão ser até 14\$000 reis.

*Marlota* era uma especie de capa curta.

---

32.

---

Pag. 27, linha 22 ... “ tavolachinhas. ”

---

*Tavolachinha* ou *Tavollachinha* é palavra que nunca encontramos , mas de sua *Ethymologia* se conclue ser arma defensiva , offerecendo uma superficie larga como *escudo* ; e attendendo ao diminutivo — *escudete*.

Com effeito contrastando as passagens homologas de nosso Auctor e Castanheda ficará evidente esta accepção.

---

NOSSO AUCTOR.

CASTANHEDA.

Pag. 27 ... cinco ou seis barcos com muita gente, os quaes traziam arcos com suas frechas muito compridas e *tavolachinhas*.

Pag. 32 ... elles andavão ao longo da praia com *tavolachinhas*, *azagaias*, *agomias*, e arcos e fundas.

Pag. 38 vieram obra de cem homens todos com terçados e *tavolachinhas*.

Cap.º 7... seis barcos com muitos mouros armados de arcos, frechas muito compridas, e *escudos* e lanças.

Cap.º 7 ... andavão obra de cem mouros armados de *escudos*, *agomias*, *azagaias*, arcos, frechas, e fundas.

Cap.º 9 ... forão obra de cem mouros ... e todos com terçados e *escudos*.

Demais tanto Goes como Osorio testificão que entre as armas desta gente o escudo era incluído. Citaremos a um e outro :

Goes.

Ozorio.

Parte 1.ª cap.º 36 ... A gente destes barcos ... traziam terçados mouriscos cingidos com *adargas* nos braços ....

Cap.º 37 ... vieram cem homens em uma grande almadia com terçados e *escudos*.

Liv.º 1.º ... aduncis gladiis accincti, *parmasque* brachiis insertas gestabant.

*Ibid* ..... gladiis et scutis armati.

Na Historia Geral das Viagens achamos nossa primeira citação vertida por *des épées e des poignards*, o que manifestamente resulta de se ter confundido *adarga* — escudo, com *adaga* — punhal.

---

33.

---

Pag. 28 , linha 20 ... “ os marinheiros dellas tem  
“ agulhas Genoiscas per que se regem e quadrantes  
“ e cartas de marear.”

---

Aqui temos mais um testemunho da antiguidade da Bussola e dos instrumentos de Astronomia Nautica entre os povos que navegavão os mares Orientaes. ( Veja-se a Memoria que a este respeito escreveu Antonio Ribeiro dos Santos no 5º Tomo, Parte 1ª, da Hist. e Mem. da A. R. das S. )

Quanto á ridicula asserção que Vasco da Gama apprendeo dos pilotos destes mares o uso da Bussola, e na sua volta a introduzio na Europa , não precisava para sua refutação desta passagem.

---

34.

---

Pag. 30 , linhas 19 ... “ Xarife, que quer dizer Clerigo.”

---

Xarife, como geralmente se sabe, significa Chefe, individuo possuidor d'honra, d'honroso cargo; e não clerigo ou sacerdote.

---

35.

---

Pag. 34, linha 14 ... “ Fomos com humas ilhas que estam bem apar da terra, e á primeira das ditas ilhas poseram nome a Ilha do Açoutado.”

---

Estas são as ilhas denominadas de Querimba, sendo a do Açoutado a mais austral dellas. Em raras Mappas se encontrará esta marcada com este nome, sendo mais usualmente denominada *das Cabras*, ou *Quiziba*. João de Barros diz que da ilha de Moçambique á do Açoutado são 70 legoas.

---

36.

---

Pag. 35, linha 1 ... “ Ouvemos vista de outras ilhas em mar cinco legoas.”

---

Provavelmente as ilhas junto ao Cabo Delgado, ainda que a distancia em que, segundo as Cartas, jazem da terra, não é tanta como indica o A.

---

( 159 )

37.

---

Pag. 35, linha 9 .... “ A ilha dos Christãos.”

---

Veja-se adiante pag. 48, onde se verá ser a Ilha de Quiloa, cujo Rei era nesses tempos o mais poderoso da Costa, tendo em sua sujeição os “ Mouros de, Çofala, Cuama, Angoya, e Moçambique ” [ Duarte Barboza, titulo de *Quiloa.* ]

---

38.

---

Pag. 35, linha 20 ... “ Vimos huma ilha mui grande que nos demorava ao Norte.”

---

A ilha de Momfia.

---

39.

---

Pag. 36, linha 19 ... “ á qual serrania poseram nome as Serras de Sam Rafael, e as baixas isso mesmo. ”

---

Barros ( Dec. 1, liv. 4. capitulos 5 e 11.) diz que aos baixos de que nosso Autor aqui falla se deu o nome de S. Raphael não tanto pela circumstancia do navio deste nome aqui tocar em secco, mas porque aqui na volta para Portugal se perdêra; — o que á vista do que diz nosso A. a pag. 104 é evidente engano. Goes segue a nosso A. ( Veja-se cap.º 44.) As Serras de Sam Raphael vem a ficar na terra firme oposta á ponta mais septentrional da Ilha de Zanzibar; achão-se marcadas (as serras, terra, ou baixas) em quasi todos os Mappas.

---

40.

---

Pag. 37, linha 5 ... “Vimos humas ilhas que estavam a mar da terra firme quinze legoas.”

---

Julgamos que o Auctor falla da Ilha de Pemba. Quanto á circumstancia de haver nella muito arvoredos proprio para mastros, notaremos que as ilhas que he ficão de fronte, mas mais unidas á terra firme do que aponta o A, são denominadas em varias Cartas as Ilhas das *Arvores*.

---

41.

---

Pag. 4, linha 4 ... “O capitão pingou dous mouros.”

*Pingar* era lançar azeite, gordura, ou cousa que produzisse o mesmo effeito, a ferver, sobre alguém a fim de o fazer declarar o que occultava.

---

42.

---

Pag. 41. linha 4 .... “e tem a villa ( Mombaça) junto com o mar huma fortaleza baixa.”

---

Este baluarte foi depois notavel, mas já se vê que existia quando D. Vasco da Gama por aqui passou, em contrario a Barros que diz que fôra construido *depois*. Quando a não de Sancho de Tovar, da esquadra de Pedro Alvares Cabral, se perdeu naquellas paragens, os mouros puderão aproveitar-se de 7 ou 8 peças de sua artilheria que tirarão a mergulho do fundo do mar, e collocarão neste baluarte; confiados em que ousarão resistir, em mal seu, ao Vice-Rei D. Francisco d’Almeida no anno de 1505. ( Barros D. 1. L. 8. c. 7.)

---

43.

---

Pag. 43 lin. 22 ... “ Hiri peraa.”

---

E’ erro typographic. Deve ler-se “ Hiria pera.”

Pag. 43, lin. 25 ... “ Dous lambeis.”

---

Lambeis erão panos listrados , que muito se usavão no trafico da Costa d’Africa.

---

Pag. 46 , linha 13 ..... “ Aqui achamos quatro naos de christãos da India.”

---

E’ mui provavel que fossem ( como affirmão Castanheda e Goes ) mercadores de Cranganor na Costa do Malabar , entre cujos habitantes se conservava uma *tradição* de Christianismo ; que , comtudo , não era particular a esta cidade , mas extendia-se a outros povos do Sul do Indostão. Os Portuguezes julgáráo-os discipulos do Apostolo S. Thomé , e fizeram grandes diligencias para os converter á pureza da Fé Catholica-Romana. Póde ver-se a este respeito a “ Jornada do Arcebispo da Goa Dom Fr. Aleixo de Menezes ás Serras do Malabar ” , e mui particularmente sobre a crença e superstições destes denominados christãos os artigos do *Synodo* que o mesmo Prelado convocou em Diamper ; o qual anda sempre junto com a *Jornada*.

Quanto aos *christãos* d’Abyssinia pode consultar-se com individuação as obras do Padre Francisco Alvares , do P. Jeronymo Lobo , ( Edição de Legrand , 1728 , ) do P. Balthasar Telles ( ou para melhor dizer do P. Manuel d’Almeida , ) de Fr. João dos Santos ; e *passim* nossos historiadores.

46.

---

Pag. 48, linha 4 .... “E folgamos muito com o piloto christão que nos El-Rei mandou.”

---

Era este Malemo Cana (sendo Cana ou Cana-  
ca nome de *casta* ) cujos serviços forão tão valiosos  
a D. Vasco da Gama. Veja-se *Barros*.

---

47.

---

Pag. 51, linha 11 .... “Veio com elle hum daquelles Mouros.”

---

Barros chama-lhe Monçaide; Castanheda Bontai-  
bo. Fêz muito serviço a D. Vasco, e veio com elle  
para Portugal onde morreo christão.

---

48.

---

Pag. 53, linha 18 .... “Bale”

---

*Bale* vem do Arabico e significa, *senhor*, *prin-*  
\*

*cipe, nobre.* A generalidade dos nossos historiadores dão a este official o nome de *Catual*, seguindo a lingua do Malabar.

---

49.

---

Pag. 56. linha 7 ... “Aqui fez o capitão-mor oração.”

---

Foi nesta occasião que João de Sá, piloto do S. Raphael, vendo a fealdade das imagens que ornavaõ o pagode, disse, estando de goelhos, para D. Vasco da Gama: *Se isto são diabos eu cá adoro ao Deos verdadeiro*; ao que o capitão-mor surriose. (Castanheda). Um Auctor Inglês acha neste facto das orações dos Portuguezes um bella occasião para exclamar: *Tão ligadas entre si são a ignorancia e a superstição!* A sentença é tão bella quão mal applicada.

---

50.

---

Pag. 59, linha 2 ... “Atambor.”

---

O Piloto Português que escreveu a viagem de Pedro Alvares Cabral (*Collec. de Not. da Acad.*) dá á planta que mais usualmente se chama *Bettel* o mesmo nome de Atambor que aqui lhe dá nosso A. Isto procede da defeituosa pronunciação do Ara-

bico *Tambul*; e como nossos primeiros navegantes á Índia se communicavão com os naturaes por via dos Mouros Arabes adoptarão-lhes ao começo suas denominações das cousas que virão. *Bettel* é o nome que os Malabares davão á planta, — nome que depois se vulgarizou entre os nossos. ( Consulte-se *João Hugo de Linschot*, *Garcia da Orta*, e outros.)

---

51.

---

Pag. 63 , linha 4 ... “ Matullas.”

---

Termo antiquado. Indicava um torcida para luz d' azeite.

---

52.

---

Pag. 79 , linha 5 ... “ Seiscentos xarifes.”

---

O *Xarafim* valia proximamente 300 reis.

---

53.

---

Pag. 88 , linha 24 ... “ que se chama Tuuz.”

E' claro que o A. allude a Sutz.

---

54.

---

Pag. 90 , linha 18 ... " posemos hum padrão no dito ilheo."

---

Este ilheo com os circunjacentes ficou denominado de Santa Maria; ficão entre Bacanor e Baticalá.

---

55.

---

Pag. 94 , linha 17 ... " em huã ilha."

---

E' a ilha d'Anchediva.

---

56.

---

Pag. 94 , linha ultima ... " alem desta Igreja de quantaria &c."

---

Parece ter sido transposto na copia este periodo e que se deve ler : “E mais achamos , alem desta igreja de cantaria , e em cima de toda a ilha , um grande tanque de altura de quatro braças , isso mesmo lavrado , em o qual tomamos &c.”

---

57.

---

Pag. 96 , linha ultima ... “ Vêo hum homem de idade de quarenta annos.”

---

Este individuo que depois se descobriu ser Judeo, natural de Posna na Polonia , se fêz Christão e tomou o nome de Gaspar da Gama. El-Rei D. Manuel serviu-se delle em muitos negocios da India , e o fêz cavalleiro de sua casa , dando lhe tenças , ordenados , e officios , de que se manteve toda a sua vida abastadamente.

---

58.

---

Pag. 103 , linha 10 ... “ Quorongoliz.”

---

O auctor provavelmente quer fallar de Cochim , e parece que tomou pelo nome daquelle reino o da villa ou cidade de Carangalor , lugar que por ser habitação de muitas e diversas gentes ( segundo refere o piloto

Portuguez auctor da Viagem de Pedro Alvares Cabral, inserta no Tomo 1.º da Collecção de Ramusio) seria talvez o de maior trato e commercio. Tudo concorre para crermos que falla de Cochim; o pequeno numero de soldados que elle diz alli se podia alevantar, a producção principal ser pimenta, o que ainda que geral a todo o Malabar (Barros Dec. 1. L. 9. c. 3.) é notado principalmente de Cochim por Duarte Barboza (Tomo 2, pg. 347, da Collecç. de Noticias) e por Hugo de Linschot (Pars. 2.ª Ind. Orient. C. 13) Pode tambem ser que allude a Torumguli, paiz visinho de Cochim, de que falla Couto na Dec. 7. L. 10. C. 10; mas isto parece-nos menos provavel.

---

59.

---

Pag. 108, linha 17 ... " Coleu. "

---

*Coulão*, o qual hoje reunido aos estados de Cranganor, Cochim e Porca, forma aquella parte do Malabar chamada Travancor, cuja extensão é diferente da do Travancor antigo, e hoje se entende por costa desde Cranganor, ao Norte, até o extremo do Cabo Comorim, ao Sul; e pelo interior até ás Serras de Gatte, ou Gauht. Barros (Dec. 1. L. 9. Cap. 1.) diz que o Reino de Coulão acabava no lugar de Travancor; mas Duarte Barboza o faz terminar na Cidade de Cael, alem do Cabo Comorim, na Costa oriental hoje chamada da Pescaria. As revoluções continuas do Malabar dão a explicação destas diferenças. Parece que quando a India foi descoberta existia a divisão que marca Barboza ( que escreveu pelo anno de

1516) e que o Rei de Travancor possuia mui pequena extensão de costa, ( se é que alguma possuia ) e essa sómente nas visinhanças de Travancor para o lado occidental. Com o decurso dos tempos elle se foi alevantando do sertão, e marchando para as costas, ao Oeste, Sul, e Leste, foi usurpando a melhor porção do reino de Couião, até que no tempo de João de Barros elle se achava Senhor de toda a costa desde Travancor ( ou talvez melhor Trevanderam onde estabeleceu sua nova capital que se não deve confundir com a antiga ) até o Cabo de Canhameira ou Calymere na Costa Oriental. Com effeito temos noticias positivas que suas usurpações forão progredindo. No tempo de D. Fr. Aleixo de Menezes Arcebispo Primaz da India, isto é pelos annos de 1600 achamos o Reino de Couião dividido nos dous de Couião e Calle-couião, e o rei de Travancor appoximando-se tanto de Couião, que construiu uma fortaleza em Mamugé uma legoa abaixo de Couião, n'uma bôcca que o rio que communicava entre esta ultima cidade e Cochim ali fazia; e tinha de mais uma fortaleza sua quasi ao alcance da artilheria daquella que os Portuguezes guardavão em Couião. ( Veja-se a Jornada de D. Fr. Aleixo, Parte 2.<sup>a</sup> Capitulos 8 e 11. ) Havia outra povoação do nome de Covolan, ou Couião, na Costa Oriental, passado o Cabo Comorim, que é preciso não confundir com as cidades de Couião e Calle-couião que acabamos de mencionar.

*Cael* é mencionada por Duarte Barboza, Luiz Barthema ( que lhe chama *Chail* — veja-se Ramusio), e outros mais modernos; e já o tinha sido por Marco Polo. Hugo de Linschot, no Mappa que nos apresenta a pag. 20 de suas *Navegações*, marca *Cael*, mas a incorrecção da delineação das costas, e a pequenêz de sua escala, não nos offerecem socorro algum na determinação de sua situação. Duarte Barboza porem é tão explicito que podemos decidir que *Cael* ou *Calle* (\*), cidade situada na Provincia ou Territorio então chamado Quilli-care ou *Calle-care* (\*), ( o paiz, *care*, de *Calle* ) em pouca distancia ao Sul do Cabo de Calymere, tomou subseqüentemente o nome do districto, e encontra-se hoje nos Mappas com as denominações de *Killicare*, *Quillicari*, &c. Na versão Italiana do Livro de Duarte Barboza que nos conservou Ramusio, achamos apontadas 90 milhas, como distancia entre o Cabo Comorim e *Cael*; o que na traducção ( cotejada com uma copia Portugueza) que a Academia Real das Sciencias de Lisboa publicou, se verteo por 80 milhas — usando provavelmente de outra escala de milhas. Não faça duvida o dizer nosso Auctor, sob a fé de quem lh'o communicara, e em contrario a Barboza, que *Caell* era reino distincto de *Coulão*, porque este ultimo Viajante ( que escreveo em 1516 ) nós informa, que o regulo que governava em *Cael* pelo Rei de *Coulão*, era “ tão rico e poderoso, que todos da terra o honrão ali como a *El-Rei*”, — ou como diz o exemplar da *Bibliotheca* Portuense, — era “ tão rico e poderoso que todos o tem quasi como *Rei* ”: donde não é difficil o imaginar o porque esta Cidade fôra noticiada ao nosso Auctor como formado um Reino independente. *Cousin-le-Bar*

---

(\*) *Callecare*, *Calle*, encontramos nós no exemplar M. S. do Livro de Duarte Barboza, existente na *Bibliotheca Publica* Portuense, noticiado pelo Senhor Antonio Herúmano de Carvalho e Araujo, no “ *Repositorio* ” da *Sociedade Litteraria* do Porto.

e Maltebran suppoem seu fundamento ser Cael, Cal-le-Coulão, e que por nosso roteiro, e pelo que diz Duarte Barboza se vê ser um grande erro. E já que tocamos nas differenças entre a copia que a Acad. Real das Sciencias publicou do Livro de Duarte Barboza e o exemplar a que temos ja alludido como existente na Bibliotheca Publica desta Cidade, julgamos que não será alheio do nosso proposito inserir o extracto seguinte, descriptivo da pesca das perolas nas visinhanças de Cael, que não se encontrando nem em Ramusio nem na Copia da Acad. Real, lê-se no exemplar da Bibliotheca: o qual parece-nos um traslado feito em 1539 sobre uma copia do anno de 1529: —

“ Junto com esta ilha de Ceylão estaa hum parcell de oyto a dez braças antre ha ilha e terra firme, onde se acha muito grãa somma d'aljofre grosso e myudo e perlas, ho qual aqui veem pescar os mouros e gentyos de Cale que he hua cidade delRey de Coulão duas vezes no anno por ordenança. E achãno em huas ostras mais pequenas e lisas que as de nossas partes e a mergulho as tyrão homens com huas talhas nos narizes hos quaes vão de Cale em pequenos navyos a que chamão *champana* no tempo que el Rey de Cale descoita ho mar. E assy veem duzentas e trezentas champanas e cada hua traz dez e xv homens e mantimentos pera ho tempo que lhes he limitado ally andarem fazendo sua pescaria, e todos desembarcão em hua pequena ilha desabitada e ally assentão seu arrayal, como nos Algarves fazem as almadravas dos atuns e dally vay cada barco pescar por sy. S. vão parceiros de dous em dous e lanção ancora onde querem e ally vay hum delles abaixo com as talhas nos narizes e hua pedra a hos pees e no pescoço hum re defolle de corda e outro parceiro fica em cima na champana com hum cordel na mão que vay atado no redefolle e outro anda embaxo por espaço de mea hora apanhando suas ostras ate que enche o redefolle; emtão dexa a pedra que tem nos pees e vayse acima; emtão alla pelo cordel e tyra ho redefolle com as ostras; este em cima vay ho outro abaxo: e assy fazem

sua pescaria. E emtão trazem aquellas ostras e lançanas em terra a ho sol ate que apodrecem , e ally as lavão muy bem em caldeiras e gamellas e apanhão seu aljofre : e se achão hua perla grande he pera o Rey que ally teem escrivães e arrecadadores de seus direitos , e ho aljofre se pesca pera El-Rey haver seu direito e ho al que lhes fica levão pera suas casas. Na qual pescaria el Rei de Ceilão perde por nam teer navegação , porque em sua terra jaz esta riqueza. E el Rey de Coulão que estaa em terra firme ho veem aqui apanhar. Alguas vezes perguntey a hos negros como se jerava ho aljofre ; e elles me disserão que ho tinhão esprementado, S. que no inverno se soubem estas ostras sobre agua e recolhem em sy agua da chuva e que quantas gottas d'agua lhe caem tantos grãos de aljofre , e a gotta que cae dentro na carne da ostra aquella se faz perfeito grão e has da parte da casqua ficão meios grãos.”

---

61.

---

Pag. 109 , linha 8 ... “ Chomandarla. ”

---

*Coromandel* ; longa costa oriental da India , emtão sujeita ao rei de Narsinga , ou Bisnaga. Começava esta no Cabo de Canhameira ( hoje Calymere ) e findava na ponta Guadavarim , ( hoje Godewar ) junto a uma das bocas do Nissapur. O reino de Narsinga for retalhado em consequencia de successivas revoluçoens , e a maior porção d'elle que resta unida é o Carnate , que contem pouco mais ou meos os territorios que D. Barboza assigna ao Coromandel.

---

Pag. 110 , linha 1 ... “ Camatarra. ”

---

Trinta dias de navegação para chegar de Calcut a este paiz ; e a abundancia de seda que o auctor diz haver nelle mostram que se tracta da ilha Sumatra , situada a travez da ponta de Malaca , e debaixo da linha. Esta seda de que tambem Barbosa e Barros fazem menção era talvez o algodão de seda , de que fallam Marsden e Maltebrun ; o qual posto que ao tacto e á vista pareça superior á verdadeira seda , é muito quebradiço e improprio para a fição. No tempo de Barros a ilha se dividia em muitos reinos pequenos , que successivamente se foram unindo e separando outra vez ; de modo que ainda hoje os diversos principados são muitos ; o principal dos quaes é o reino do Achem , tão celebre nas nossas historias da India.

---

Pag. 110 , linha 9 ... “ Xarnauz ”

---

Se pela semelhança do som nos houveramos de guiar seria o paiz que se pretende aqui indicar , o reino de Sião , chamado tambem Sornau por Mendes Pinto ; mas pelas mais circumstancias apontadas no artigo a que se refere esta nota , tal nome será por

ventura o da ilha de Borneo , mal pronunciado. Se a navegação de Sumatra era de trinta dias e a de Bengala de trinta e cinco, como o auctor diz mais abaixo, não se podião gastar regularmente cincoenta á costa occidental de Sião, sendo necessários, á proporção, setenta ou outenta para chegar á cidade de Udiá, capital do reino, porque nesse caso era preciso dobrar a ponta de Malaca, e entrar no golpho de Sião. Por outro lado admira que fallando nas producçoens do Borneo, aponte só o beijoim e o aloés quando a mais celebre de todas era, e ainda é a camphora, estimada como a melhor que se conhece. Nem da producção do beijoim e do aloés se pode concluir mais em favor de Borneo do que de Sião, porque ambos estes paizes os produzião com abundancia. Comtudo o pequeno poder militar em que o auctor falla, de nenhum modo póde convir a Sião, que ajunctava perto de um milhão de soldados, segundo referem Barros, Mendes Pinto, e outros. E' pois a mais provavel conjectura ser a ilha de Borneo o paiz de que se tracta.

Pag. 100, linha 17 ... " Tenacar."

---

Parece Tenacerim, reino que formou parte de Sião, ou d'elle dependeu antigamente, situado na costa occidental da Península alem do Ganges, e cuja capital, do mesmo nome, jazia entre as cidades a que Barros chama Megui e Cholom, hoje Merguim e Junkseyton. Depois das revoluções sobrevindas no meado do seculo 18, Tenacerim ficou perten-

cendo ao imperio dos Birmans ( os Bramás ou Bramás de Mendes Pinto e Barros ) e Sião , segundo Maltebrun só possui agora um breve pedaço de costa alem desta cidade , para a banda de Malaca , onde se encontra o porto de Junçalão. O viajante Nicolau de Veneza , cuja perigrinação inserio Poggio no livro da *Varietude da Fortuna* , e que se encontra juncta á traducção Portuguesa de Marco Polo , impressa em Lisboa em 1502 , é o unico ( por nós conhecido ) que faz menção especial da grande abundancia de páu brasil no reino de Tenacerim. Ladouberre , o Padre Gervais , Turpin , e os nossos historiadores nada particularisão ácerca deste paiz , e o mesmo Barthema que tanto se demora em descrevê-lo não falla do páu brasil. Sobre a pequena producção do aloés ou aguila em Tenacerim , que neste logar se menciona , consulte-se Garcia da Orta , e o Padre Loureiro na Memoria sobre o páu d'aguila.

---

65.

---

Pag. 111, linha 19 ... “ papagaios grandes todos vermelhos como arcem.”

---

*Arcem* é palavra que não se encontra nos Dictionnarios. Derivando-a do verbo *Arder*, do qual antigamente se fez *Arça* no presente do conjunctivo, julgamos que significa *fogo*; e que *vermelho como arcem* é identico com *vermelho como braza*.

---

Pag. 113, linhas 5 e 11 ... " Conimata ... Pater."

---

Não nos atrevemos a determinar decididamente quaes sejam os reinos, que nestes dous nomes indica o Auctor. Incliamo-nos comtudo a crer que Pater seja Pedir e Conimata a ilha de Timor, onde segundo Eredia ( Informação da Aurea Chersonesa ) se encontra um porto a que elle chama Camanaça.

---

NOTA FINAL.

---

**N**osso Roteiro como se vê não alcança além do dia 25 ( \* ) d'Abril de 1499, passado o qual não tardou que Nicoláo Coelho se não apartasse de D. Vasco da Gama. E' questão se este apartamento fôra devido á força de temporal, ou fôra intencional da parte de Nicoláo Coelho, que aproveitando-se de ser sua caravella mais velleira que o navio do Capitão-mór resolveu ganhar as alviças do Descobrimento da India. Sem pertendermos decidir a duvida, para o que nos não achamos

---

[ \* ] E' manifesto engano de Ozorio, o dizer que a 26 d'Abril de 1499 dobrarão na volta para Portugal o Cabo da Boa Esperança. Já vimos que foi dobrado a 20 de Março.

instruidos , não podemos deixar de inclinar-nos a interpretar em mal a abrupta terminação do Roteiro que, suppondo que o Auctor, queimado o navio S. Raphael, passou para o Berrio do commando de Nicoláo Coelho, parece lançar ainda mais mysterio sobre o caso. E' verdade que é a minoria de nossos historiadores que attribuem a Nicoláo Coelho sinistros motivos, e a maioria pelo contrario, ascrevendo sua separação do capitão-mor á occorrença d'uma tempestade, dizem que quando elle chegara á barra de Lisboa e não achara noticias de D. Vasco da Gama quizera voltar em sua busca, no que fôra impedido pelas ordens de D. Manuel ; mas occorre-nos em duvida que se a referida separação teve lugar antes da chegada das duas embarcações ás Ilhas do Cabo Verde; como aconteceu que Nicoláo Coelho não procurou tomar porto nellas , pois assim como forão ponto de reunião em casos taes na ida é mais que provavel que tambem o fossem na vinda ?

Quanto á continuação da viagem , é sabido que Nicoláo Coelho chegou á barra de Lisboa em 10 de Julho de 1499 ; e que D. Vasco da Gama, tendo chegado á Ilha de S. Tiago , achando-se seu irmão Paulo da Gama mui doente , entregou o commando do navio a seu Escrivão João de Sá , e fretando uma caravella que por mais velleira encurtasse a passagem até Portugal, arribou á Ilha Terceira onde deixou seu irmão fallecido ; e foi sómente nos ultimos dias d'Agosto ou primeiros de Setembro de 1499 que entrou em Lisboa.

O Almirante foi recebido com grande solemnidade pela Côrte, e houve em celebração de sua chegada e descobertas mui pomposas festas e festejos populares. El-Rei D. Manuel escreveu a todas as Cidades e Villas notaveis de Portugal, notificando-lhes o Descobrimto da India, e encommendando-lhes que celebrassem tão grande favor de Deus com festas religiosas e procissões. Nem esqueceu ao Monarcha

premiar tão distinctos serviços como aquelles que lhe prestára D. Vasco, e cada um segundo seus merecimentos e estado recebeu mercê do Soberano. O galardão que por este feito teve D. Vasco da Gama ver-se-ha do documento subseqüente, que, resultado de suas indagações na Torre do Tombo, devemos á bondade do Snr. Visconde de Jeromenha, pela obsequiosa intermediação do Snr. Theodoro Pichon, Consul de França nesta Cidade : —

---

== VASCO DA GAMA == Doação de 230,000 rs. em parte dos trescentos mil reas que lhe foram dados por galardão do serviço que fez no descobrimento da India, e mais titulo de Almirante da dita India, e que possa mandar na viagem de cada hum anno duzentos cruzados que lhe serão trasidos nas mercadorias que lhe prouver, e se possa chamar de Dom e certos Irmãos seus nomeados na dita Carta.

---

DOM MANUEL &.<sup>a</sup> A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que sendo por o Yfante D. Anrique meu Tyo começado o descubrimento da terra de Guiné na era de mil quatrocentos e trinta e tres com entençom e desejo de pella Costa da dita terra de Guiné de se aver de descubrir e achar a India a qual atee os tempos dagora nunca per elle foi sabida, nom somente com preposito de a estes regnos se seguir grande fama e proveyto das muitas riquezas que nella ha, as quaes sempre pellos Mouros foram possuidas, mas porque a fé de nosso Senhor por mais partes fosse espalhada e seu nome conhecido: E depois elle foi Dom Affonso meu Tyo e ElRei Dom João meu Primo que querendo com os mesmos desejos proseguir a dita obra com assaz mortes e despezas ate o ryo

do Yfante (\*) *fui descoberto no anno de quatrocentos e outenta e dous* que sam mil outocentos e outenta e ciu- que legoas donde primeiro se começou a descobrir : E nós com o mesmo desejo querendo conseguir a obra que o dito Infante e Rex nossos antecessores tinham começada , confiando que Vasco da Gama era tal que por o que cumpre a nosso serviço e em cumprimento de nosso mandado porporia todo o perigo de sua pessoa e riscamento de sua vida , o enviamos com nossa armada por Capitão mor della enviando com elle Paulo da Gama e Nicolau Coelho ysso mesmo fidalgo da nossa caza a buscar a dita India : Na qual viagem nos elle asi servio que honde em tantos annos que avia que o dito descubrimento era começado e a elle muitos capitães enviados e se descobrirão as ditas mil outocentas e outenta e cinco legoas honde yso mesmo descubrio huma grande mina d'ouro e muitas Villas e Cidades mui ricas e de grandes tractos , e em fim de seu descubrimento achou e descubrio a India que por todolos escriptores que do mundo escrepverão sobre todalas provincias delle esta de rica poserão : A qual todolos emperadores e grandes Rex que no mundo foram sobre todas esta desejaram , sobre a qual tantas despezas desta regno foram factas e nom menos mortes de capitães e outras gentes e nom somente de todolos Rex desejada de possuir mas de se ver : O qual descubrimento e obra de tamtos tempos começada elle acabou nam com menos mas com maes mortes de homens despeza e perigo de sua pessoa de que pelos outros foy começada e continuada , morrendo na dicta viagem Paulo da Gama seu Irmão e asy a metade da gente que em toda a dicta armada enviamos , passando nella muitos perigos asy pela viagem ser muy longa que passou de dous annos como tambem por nos fazer maes verdadeira enformaçom da terra e couzas della : E vendo

---

\* Esta data que imprimimos em *Italico* parece-nos uma interlineação de copista , tanto pela concordancia grammatical da phrase como pela falsidade de tal chronologia que vae de rojo com toda a hi storia dos nossos Descobrimentos Maritimos. Combine-se tambem a passagem em *Italico* a pag. 181 , com a data final da Carta de Doação.

( Os Publicadores. )

nós o muito serviço que a nossos regnos na dita viagem e descubrimento fez e grande proveito que nom somente a elles ditos nossos regnos mas a toda a Christandade se pode seguir e damnificamento que aos infieis se espera, por atee o tempo de agora terem o logramento da dita India, e maes principalmente pelo muito serviço que a nosso Senhor esperamos que se sigua por todaias gentes da dicta India parecer que ligeiramente se puderam trazer a verdadeiro conhecimento da sua Santa fé pelo muito que ja della tem alguns delles serem e estarem nella affirmados: E querendo-lhe em alguma parte agalardoar o muyto que nisto nos teem servido como todo o principe aquelles que asy grandemente e bem o servem, e por lhe fazermos graça e merce, de nosso proprio motu, livre vontade, certa sciencia, poder real e absoluto, sem nolo elle pedir nem outro por elle lhe fazemos pura, livre, e irrevogavel doaçam deste dia para todo o sempre entre vivos valedoiro, de trezentos mil reaes de renda em cada hum anno de juro e de herdade para elle e todos os seus descendentes, e em parte de pago dellas lhe damos a dizima nova do pescado da Villa de Sines e de Villa Nova de Mil Fontes asy pela maneira que ella a nos e á coroa de regno pertence e ao diante pertencer pode, em preço e conthia de sessenta mil reaes que achamos que val cada anno: E posto que ao diante mais cresca será para elle e seus herdeiros e se menos valer nós não seremos obrigados a lho compor. A qual dizima de nós tinha Dom Martinho de Castello-branco Vedor de nossa fazenda e nolo leixou pera a darmos ao dicto Vasquo da Gama e a elle demos satisfaçam em outra parte. E asy lhe damos e queremos que aja per as nossas sysas da dicta Villa de Sines cento e trinta mil reis em cada hum anno que he o preço que razoadamente as ditas Sysas ora valem, das quaes Sysas queremos e mandamos que se nom faça nenhuua despeza que seja asy pera nos como pera nosso assentamento nem pera outra nenhuua couza por especial que seja atee elle ser acabado de pagar da Copia dos ditos cento e trinta mil reas e o que mais crescer o nosso almoxarife o recadara pera nós e se menos render o que fallecer avera per as nossas sysas de Santiago de Cacem. E elle poera de sua mão Recebedor na dita Villa de Sines, que receba e re-

cade os dictos cento e trinta mil rs. E acontecendo de os  
 rendeiros que forem das Sysas della perderem ou não que-  
 rerem pagar como sam obrigados entam nos praz que elle  
 dito Vasquo da Gama ou seus herdeiros ou seu recebedor  
 possa constringer e executar os dictos rendeiros per o que  
 asy deverem atee elles perencham sem quebra pagos da  
 copia asy como o fazia o nosso almoxarife arrecadando pa-  
 ra nós as dictas sysas o qual lhe entregara pera isso suas  
 fianças e elles poderam apellar ou agravar pera nosso con-  
 tador ou pera nossa fazenda se nisso sentirem ser agra-  
 vados. E pera esta paga ser mais certa e segura nós non  
 faremos nenhuma quita aos rendeiros das ditas sysas em ca-  
 so que percam nellas. Outro sy lhe damos e queremos que  
 aja elle e asy seus descendentes per as nossas sysas da di-  
 cta Villa de Santiago quarenta mil rs. em cada huum anno os  
 quaes averam e lhe seram paguos pelo nosso recebedor  
 dellas aos quartees do anno por incheo sem nelles haver  
 quebra pagando-lhe primeiro seu quartell que outra ne-  
 nhuma despeza que faça e asy de quartell em quartell tee  
 fim do anno. E asy mesmo lhe pagará aos quartees sem  
 quebra pela dicta maneira qualquer dinheiro que lhe fale-  
 cer em a dita Villa de Sines para cumprimento dos cento e  
 trinta mil rs. levando Certidão do nosso Contador de Be-  
 ja da conthia que quebrou nas dictas sysas de Sines. Ao  
 qual mandamos que tanto que ellas forem arracadas e  
 souber o que asy nellas ha de quebras lhe dê logo a dita  
 Certidão e o dicto recebedor cobra seus conhecimentos  
 e os dará em conta ao nosso almoxarife ou recebedor da di-  
 ta villa de Beja ao qual mandamos por esta que lho receba.  
 E quanto he aos setenta mil reis que fallecem para cum-  
 primento dos ditos tresentos mil rs. lhe mandamos logo  
 dar e assemtar asy de juro e de herdade em a caza do pa-  
 ço da madeira desta cidade de Lixboa e houve dello nos-  
 sa carta patente. E por esta mandamos aos ditos nosso  
 almoxarife ou contador de Beja que ho metam logo em  
 posse da dita dizima do pescado de Sines e lha leixem  
 teer lograr e possuir arrendar e arrecadar como lhe prou-  
 ver. E asy lhe leixem aver e receber e arrecadar para  
 si em cada hum anno a elle e a todos os seus herdeiros  
 descendentes *deste Janeiro que ora passou da era de mil  
 quinhentos em diante* pelas ditas sysas de Sines os ditos

rento e trinta mil rs. na maneira que dito he por esta só carta sem mais tirar outra de nossa fazenda. E per o treslado della que ficara registada no livro do dito almozarifado lhe seram levados em despeza os ditos cento e trinta mil reis de Sines e asy corenta mil reis que ha daver em Santiago. Outrosy o fizemos Almirante da dicta India com todolas honras preeminencias liberdades puder jurisdicção rendas foros e direitos que com o dito almirantado per direito deve aver e as tem o nosso almirante destes regnos, segundo mais cumpridamente se contem em seu regimento, as quaes rendas e dyreitos se entenderam dos lugares e terras que a Nosso Senhor aprouver delle aver, e estar a nossa obediencia. Outrosy nos praz e lhe outorgamos e lhe fazemos doaçam e mercê, de juro e de erdade deste dia para todo o sempre que nunca em tempo algum possa ser revogado que o dicto Vasquo da Gama e todos os seus descendentes que herdarem, e ouverem os dictos tresentos mil reis de renda em cada viagem que enviarmos navios a dicta India, entendendo-se cada hum anno huma vez, possa mandar nelles duzentos cruzados e trazelos nas mercadorias que lhe aprouver sem delles nos pagar outro direyto nem tributo algum, salvo pagará a vintena á ordem de Christo, e mandamos aos nossos capitães e fêitores que lá forem, que lhe levem os dictos duzentos cruzados e lhos tragão empregados nas ditas mercadorias. E bem asy o fazemos a elle Vasquo da Gama e por seu respeito yso mesmo queremos e nos praz que Ayres da Gama e Tereisa da Gama sejam de Dom e se possam em diante chamar de Dom e asy seus filhos e netos e todos aquelles que delles descenderem. A qual doaçam lha asy fazemos deste dia para todo o sempre como dicto he sem embargo de quaesquer leis, ordenaçõens, direyos canonicos e civis, glosas, foros, costumes, opinioens de doctores, e capitulos de cortes e couzas que contra isto forem ou ao diante possam seer feitas, as quaes todas e cada huma dellas aqui avemos por expressas e declaradas e de nenhum vigor e effeito. E queremos e mandamos que esta nossa carta de doaçam tenha e valha asy como nella he contheudo. E prometemos por nos e por nossos sobcessores que a poz nos ham de vir de nunqua hirmos contra ella em parte ou em todo antes a faremos sempre cumprir como nella he con-

theudo. E asy rogamos e encomendamos a nossos sobcessores por nossa bençãu que nunca contra ella vão em parte nem em todo antes a façam asy cumprir e manter como nella he declarado por quanto asy he nossa mercê. Outro sy queremos e mandamos que hos herdeiros do dito Vasquo da Gama que esta mercê ouverem de herdar se chamem da Gama por lembrança e memoria do dicto Vasquo da Gama. E em testemunho e firmeza de tudo lhe mandamos dar esta nossa Carta por nos assinada e seelada do nosso seelo pendente. Dada em a nossa cidade de Lixboa a dez dias do mez de Janeiro. Gaspar Rôrigues a fez anno de nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e dous annos.

---

Vasco da Gama teve muitas mais tenças e penções, de sorte que é falso o encarecimento daquelles que dizem que ElRei Dom Manuel pagara com tres lettras, isto é com o titulo de Dom, os serviços de Vasco da Gama. Foi subseqüentemente feito Conde da Vidigueira, terra que obteve por escambo com o Duque de Bragança; Almirante das Indias com ordenado; e em pouco tempo prosperou tanto em fortuna que ElRei lhe escrevia pedindo-lhe dinheiro para o armamento de uma esquadra que mandava á India. — Houve quem o accusasse de falta de desinteresse — nós não queremos pensar que tanta gloria fosse de tal sorte assombrada. Nicoláo Coelho foi tambem distincto nas mercês que recebeu da mão d'el-Rei, e por alviçaras da nova do Descobrimto da India e em remuneração de seus serviços, houve uma tença de 50\$000 reis paga no Paço da Madeira.

Desta feita se concluiu o Descobrimto da India. Em poucos annos se achou El-Rei D. Manuel Senhor d'um vasto imperio no Oriente, do qual hoje apenas restão aos Monarchas de Portugal o titulo de Senhores da CONQUISTA, NAVEGAÇÃO e COMMERCIO DE ETHIOPIA, ARABIA, PERSIA, E DA INDIA &c.

F I M.







LISTA DOS SNR.<sup>es</sup> ASSIGNANTES.

NB. Quando não se acha marcada a Residencia entende-se ser esta *no Porto*.

A

	Papel da impressão geral.	Papel de superior qualidade.
D. Anna Adelaide Amsinck.....	1	—
D. Anna Felicissima Carlota da Cunha e Souza, Bellem.....	1	—
Affonso Botelho de Sampaio, Paços.....	—	1
Agostinho Pacheco Telles de Figueredo...	—	1
Aires Botelho Pimentel Sarmento, Celleiroz.	1	—
Alberto Teixeira Pinto Basto.....	1	—
Alexandre Miller.....	—	1
Alvão Lopes Pereira, Vianna.....	—	1
Anacleto José de Oliveira.....	—	1
Anonymo.....	1	—
Antonio Alfredo Pinto de Souza.....	1	—
Dr. Antonio Alves de Carvalho, Villarinho de S. Romão.....	—	1
Antonio Augusto Alvares Pereira, Vianna.	—	1
== Bernardo Brito e Cunha.....	—	1
== Bernardo Ferreira.....	1	1
== Bernardo Ferreira, Chaves.....	1	—
== de Castro Corrêa de Lacerda, Alijó.	1	—
== da Cunha e Vasconcellos.....	—	1
== Ferreira de Carvalho, Villa-Real..	1	—
== Ferreira Novaes.....	1	—
== Ferreira Velho.....	—	1
== de Figueredo Villas-boas, Celleiroz	1	—

==	Fortunato Martins da Cruz.....	1	—
==	Ignacio Botelho Pimentel, Celleiroz.	—	1
==	Joaquim de Barros Pereira, Sapa-		
	dos, ( V. N. da Cerveira ) ...	—	1
≠	Joaquim Oliveira Faria Lobo.....	—	1
==	Jorge d'Oliveira Lima, Lisboa....	—	1
==	José d'Almeida Vasconcellos Castel-		
	Branco, Vianna.....	—	1
≠	José Alvares da Rocha Lima, Viann.	—	1
≠	José Corrêa.....	—	1
≠	José Dias Guimarães.....	—	1
==	José Francisco Guimarães.....	—	1
≠	José Patricio.....	1	—
≠	José Pires Pereira Vera, Lisboa...	1	—
==	José da Silva.....	—	1
==	José da Silva Roza, Vianna.....	—	1
==	José Soares Martins.....	1	—
≠	José Vieira Santa Rita, Vianna....	—	1
≠	de Lemos Teixeira d'Aguilar.....	—	1
==	Luiz Nogueira e Freitas .....	—	1
==	Luiz Soares.....	1	—
≠	Lopes Pereira.....	—	1
≠	Manoel da Costa Guerreiro.....	1	—
≠	Maria de Magalhães.....	—	1
==	Maria de Souza Lobo.....	—	1
==	Marques Nogueira Lima.....	—	1
==	do Nascimento Rozendo, Lisboa....	—	1
≠	Pedro de Carvalho, Lisboa.....	—	1
≠	Pereira Ramos, Maranhão.....	—	1
≠	Pimenta da Gama Barreto, Vianna.	—	1
≠	Pinheiro de Azevedo, Pravezende.	—	1
==	Pinto Machado Torres.....	1	—
==	Ribeiro Neves Junior, Lisboa.....	—	2
≠	da Rocha Martins Furtado.....	—	1
≠	Rodrigues Sampaio, Bragança.....	—	1
==	Rogério Gromicho Couceiro.....	1	—
≠	Silverio Vieira de Souza, Celleiroz.	1	—
≠	de Souza, Paradelinha.....	1	1

=	de Souza Ferraz , Gondarem.....	—	1
—	Teixeira de Magalhães , Alijó.....	1	—
=	Teixeira de Moraes , Villarinho de Cotas.....	—	1
=	Thomas de Carvalho.....	1	—
=	Thomas Dias e Souza , Negrellos..	1	—
=	da Veiga e Souza , Castedo.....	1	—
A. R.	Sealy.....	—	1
A. T.	Glama.....	—	1
Arnaldo	Vanzeller.....	—	1
Arthur	Archer.....	—	1
A. B. R.	.....	2	—

### B.

Barão do Casal , Lisboa.....	—	1
= de Lordello.....	—	1
= da Ribeira de Sabroza , Lisboa.....	—	1
= de Tilheiras , Lisboa.....	—	1
= de Vallado.....	1	—
= de Villar.....	1	1
= de Villar-Torpin.....	—	1
Benjamin S. Oddy.....	1	—
Bento Antonio d'Óliveira , Guimarães.....	1	—
O Cons.º Bento Pereira do Carmo , Alenquer.	—	1
Bento Pinheiro Caldas.....	1	—
Bernardino Antonio Gomes , Lisboa.....	—	1
Bernardo d'Azevedo Pinto , Sabroza.....	—	1
= de Lemos Teixeira d'Aguilar , Villa- rinho de S. Romão.....	—	1
= Pereira Magalhães , S. Martinho de Anta.....	1	—
Boaventura da Costa Dourado.....	—	1
B. W. Tozer , Figueira.....	—	1

### C.

Dr. Caetano Joaquim de Oliveira .....	1	—
---------------------------------------	---	---

Dr. Camillo da Silva Ferraz.....	—	1
Carlos Duarte de Magalhães.....	—	1
= da Silva Maya.....	—	1
= Valeriano Leitão Bandeira, Bra- gança.....	1	—
Charles Aviolat, Lisboa.....	—	1
= Butler.....	1	1
= R. Page.....	1	—
Christovão da Cunha Lima Sampayo.....	1	—
Conde de Lumiares, Lisboa.....	—	1
Cockburn, Greig, & Dunlop.....	—	2
Cornelis Steur.....	1	—
Custodio Teixeira Pinto Basto, Junior.....	—	1
Cypriano de Souza Canavárro, Sabroza....	—	1

#### D.

Daniel Cezar da Silva Ferraz.....	—	1
Cons.º Dietz; Paço das Necessidades, Lisboa.....	—	2
Domingos d'Almeida Ribeiro.....	1	—
= de Carvalho e Silva, Guima- rães.....	1	—
= José Alves de Souza.....	—	1
= José Gonçalves Pereira.....	1	—
= José Rebello, Vianna.....	1	—
= Pereira Lopes.....	—	1
Duarte Joyce Junior.....	—	1
D. Mac Nicoll.....	—	1

#### E.

Edward A. Cox.....	—	1
Edward Wild.....	—	1
Edwin J. Johnston.....	1	2
Egidio Tallone.....	1	—
Eugenio Ferreira Pinto Basto.....	—	1

F.

Felippe José d'Almeida.....	—	1
Felis Fernandes Pereira, Granja d'Alijó.	1	—
D. Felix F. de Torres.....	1	—
Fernando Teixeira Moutinho, S. Fins.....	1	—
Dr. Francisco Antonio Alves Corrêa e Silva, Chaves.....	1	—
Padre Francisco Antonio Pinto, Villavinho de S. Romão.....	1	—
Francisco de Castro Corrêa de Lacerda, Alijó.....	1	—
= Ferreira de Carvalho Junior, Villa-Real.....	1	—
= Ignacio Pereira Rubião.....	—	1
= Infante de Lacerda.....	—	1
= Joaquim Maya.....	—	1
= José de Carvalho Faria, Vianna.	—	1
= Lopes d'Aguiar, Val de Mendiz.	—	1
= Marques de Oliveira.....	—	1
= de Paula Barros e Quadros.....	—	1
= da Rocha Soares.....	2	—
= Rodrigues de Faria.....	—	1
= Van-Zeller.....	—	1
= Velloso da Cruz.....	—	1
= Vizeu Pinheiro.....	—	1
Frederico C. Cox.....	—	1
= José Barreira Lima, Favaio.....	—	1

G.

Gabriel Francisco Ribeiro.....	—	1
G. C. Lima.....	1	—
George Gerslacher.....	—	1
= A. Redpath.....	—	1
= Reid.....	1	—
= M. Rocher.....	—	1
= Warre.....	1	—

Gervasio Leite Rebello da Gama, Vianna.	—	1
Gonçalo Lobo Pereira Caldas, Sabroza...	—	1
Guilherme Frederico da Fonseca, Vianna.	—	2

## H.

Henrique de Bessa Leite.....	1	—
= José Ferreira de Lima, Bragança.	1	—
= de Oliveira Maya.....	—	1
= D' Wenck.....	1	—
Henry Smithies.....	—	1
Hugh Dunlop.....	—	2

## I.

Jacinto Alves de Carvalho, Villarinho de S. Romão.....	—	1
= da Cunha, Paços.....	1	—
= Hermano de Freitas, Figueira....	—	1
= José de Sá Lima, Bragança.....	—	1
= de Lemos Ferrão, Goivães.....	—	1
= da Silva Pereira.....	—	2
James Bold.....	1	1
Jeronymo Ferreira Pinto.....	—	1
= José de Faria.....	1	—
Ignacio Fernandes Coelho, Figueira.....	—	1
João Allen.....	1	1
= Anselmo da Silva Soares, Figueira..	—	1
= Archer.....	—	1
= Baptista de Almeida Garrett, Lisboa.	1	—
= Baptista Ribeiro.....	—	1
= Christiano Kopke.....	—	1
= Corrêa de Faria, Lisboa.....	—	1
= da Costa Carvalho.....	—	1
= da Cunha Pinto Junior.....	—	1
= Ferreira dos Santos Silva Junior....	1	—
= de Freitas, Cabedo.....	1	—
= Ignacio da Cruz Forte, Figueira....	—	1

João Kopke Junior.....	—	1
== Mallen.....	—	1
== Manoel de Moraes Pessanha, Par- della de Gucães.....	—	1
== Manoel Pereira.....	1	—
== Manoel Teixeira de Carvalho, Lisboa.	—	2
== Pedro Soares Luna, Lisboa.....	—	1
D. João de Portugal da Silveira.....	1	—
João Ribeiro Braga.....	1	—
== dos Santos Fonseca.....	—	1
== da Silveira de Lacerda, Lisboa...	—	1
== de Souza.....	1	—
== Teixeira de Mello.....	—	5
== Teixeira de Souza Borges, Villa- rinho de S. Romão.....	1	—
== Thomaz de Carvalho e Silva.....	—	1
== Wye.....	—	1
Joaquim Alves de Souza Junior.....	—	1
== Augusto Kopke.....	1	1
== Baptista Pereira Moutinho.....	—	1
== da Costa Lima Sampayo.....	—	1
== da Cunha Lima Oliveira Leal...	1	—
== José Ribeiro, Sagres.....	1	—
== Nogueira Gandra.....	1	—
== Pinto de Magalhães, Alijó.....	1	—
== Rodrigues Braga.....	—	1
== de Santa Clara Souza Pinto.....	1	—
== da Silva Soares, Figueira.....	—	1
== Velloso da Cruz.....	—	1
John Atkinson.....	—	1
== Fladgate.....	—	1
== Haire.....	1	—
== Washington, Londres.....	—	1
José Allen.....	1	—
== Antonio Ramos, Bragança.....	—	1
== Antonio Pimentel, Bragança.....	1	—
== Antonio Soares, Villa Nova de Cer- veira.....	—	1

<b>José</b>	<b>Augusto Corrêa Leal, Lisboa.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Antonio da Veiga, Celleiróz.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>d'Azevedo Gouvêa Mendanha.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Augusto Salgado.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Bento Lopes dos Reis.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Borges Teixeira Lobo, Povea de Fa-</b>		
	<b>vaços.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Camillo Ferreira Botelho, Villa-Real</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Carneiro Giraldes de Vasconcellos..</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Constantino Pereira, Donello.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Corrêa Rebello, Paradelinha.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>da Costa Souza Pinto Basto, Oliveira</b>		
	<b>de Azemeis.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>do Couto Guimarães.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>da Cruz Moreira.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>da Cunha Leite Pereira, Provezende.</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Egydio Villar, Celleiroz.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Eleutherio Barboza de Lima.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Emiliano da Silva Magalhães, Para-</b>		
	<b>delinha.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Fernandes Ribeiro.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Ferreira Borges.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Ferreira dos Santos Silva.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Francisco Valorado, Lisboa.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Gomes Monteiro.....</b>	<b>2</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Ignacio de Barros Castro Souza, Paços</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Innocencio Botelho Pimentel, Celleiroz</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>J. J.</b>	<b>Carneiro.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>José</b>	<b>Joaquim de Carvalho, Celleiroz.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Joaquim de Freitas, Figueira.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>J. J. G.</b>	<b>Basto Junior.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>José</b>	<b>Joaquim de Souza, Sanfins.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Liberato Freire de Carvalho, Lisboa..</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Lourenço Pinto.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Malheiro Vaz, Sanfins.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>
<b>=</b>	<b>Maria de Azevedo, Val de Mendiz.....</b>	<b>—</b>	<b>1</b>
<b>=</b>	<b>Maria de Barros Teixeira Lobo, Sa-</b>		
	<b>broza.....</b>	<b>1</b>	<b>—</b>

José Maria da Costa, Sanfins.....	1	—
= Maria de Lorme Colaço, Lisboa....	—	1
= Maria Rebello Valente.....	1	—
= Maria Ribeiro Pereira.....	—	5
= Maria Ribeiro Vieira de Castro.....	—	1
= Maria de Souza ( Dr. ).....	1	—
= Maria de Souza Lobo.....	—	1
= Maria da Veiga Cabral e Sampaio, Cazal de Loivos.....	—	2
= Manoel Gomez, Barcellos.....	—	1
= Mendes Braga.....	—	1
= Moreira de Carvalho, Celleiróz.....	1	—
= Narciso de Barbosa Pereira Pinto, V. N. da Cerveira.....	—	1
= Pedro Cardoso e Silva.....	—	1
= Pereira de Barboza, Boa Morte.....	—	1
= da Silva Passos, Lisboa.....	—	1
= da Silva Soares, Figueira.....	1	—
= da Silva Oliveira Sobrinho, Figueira..	—	1
= Teixeira d'Aguilar.....	—	1
= Teixeira Cabral de Carvalho, Villa- Real.....	1	—
= Teixeira Pinto Basto.....	1	—
= Thomaz de Souza Guimarães, Vianna	—	1
D. José de Urcullu.....	—	1
José Velloso da Cruz Junior.....	—	1
= Victorino Damasio.....	1	—
= Zeferino Teixeira Rubião, Villa-Real.	—	1
Joseph James Forrester.....	—	8
= Jones.....	—	1

### L.

D. Leonor Carolina Allen.....	1	—
D. Luiza da Felicidade, Provezende.....	—	1
Leonel Tavares Cabral, Lisboa.....	1	—
Lourenço Antonio de Carvalho, Chancellei- ros.....	—	1

Luciano Simões de Carvalho.....	1	5
Luiz d'Almeida Chaves, Lisboa.....	1	—
= Antonio Pereira da Silva, Póvoa de Varzim.....	1	—
= Francisco Ramires, Bragança.....	1	—
Cons.º Luiz José Ribeiro, Lisboa.....	1	1
Luiz Pinto de Souza Thovar, Villarinho de S. Romão.....	1	1
= de Sá Ozerio Mello e Albuquerque.....	1	1
= da Silva Maya.....	1	1
= Vital Monteverde.....	1	—

M.

Marqueza de Loulé, D. Maria.....	1	—
D. Maria Thomazina Rossi de Pinho e Souza,	—	1
D. Mathilde Julia Kopke.....	—	1
Major Mac Crohan.....	—	1
Manoel Alves de Carvalho, Villarinho de S. Romão.....	—	1
= de Clamouse Browne.....	—	1
= Fernandes Coelho Mascarenhas, Figueira.....	—	1
= Ferreira de Seabra da Motta e Silva,	1	—
= Joaquim Pereira da Silva.....	1	1
= José de Souto Coelho, Guimarães	—	1
= José Vieira.....	—	1
= L. de Mattos.....	1	1
= Lopes de Barros.....	1	—
= Pereira Abrão, Póvoa.....	—	1
= dos Santos Duarte, Bragança.....	1	—
= Teixeira Guedes da Veiga Cabral, Celleiróz.....	1	—
= Teixeira de Sampaio, Fátima.....	—	1
Marquês de Loulé, Bellem.....	1	1
Miguel Joaquim Gomes Cardoso.....	1	1
M. J. Elles.....	1	1

N.

Nicolao de Clamouse Browne.....	—	1
= João Franzini, Lisboa.....	1	—
= Joaquim Pereira.....	—	1

P.

Paulo Midosi, Lisboa.....	—	1
= Rodrigues Barboza.....	1	—
Pedro Maria da Costa Almeida.....	—	1
Padre Pedro Pinto Furtado, Sanfins.....	1	—
Pedro Teixeira de Mello.....	1	—

R.

Reid ( Miss ).....	—	1
Ricardo Van-Zeller.....	1	—
Roque Joaquim Fernandês Thomaz, Lisboa.	—	1
R. H. Russell.....	—	4
R. P. Dagge.....	1	1

S.

Sebastião d'Almeida e Brito.....	1	—
= Tavares de França, S. Christovão.	—	1
= Teixeira Lobo, Sabroza.....	—	1
Simão da Cunha, Provezende.....	—	1
Sociedade Real Geographica de Londres....	—	1
= Geographica de Pariz.....	—	1

T.

Theodore Pichon.....	1	1
Theodoro José Biancardi, Rio de Janeiro..	—	1
T. I. Smith.....	—	1
Timotheo Antonio da Silva Menêzes, V. N. da Cerveira.....	1	—

Thomas Bowden.....	—	1
= Glas Sandeman.....	—	1
= H. Whiteley.....	—	1
= Murdoch , F. R. S. Londres.....	—	1
= Norton.....	—	1
= Pinto da Silva.....	1	—

V.

Valentim Brandão Moreira de Sá Sotto Maior, Guimarães.....	—	1
Visconde das Antas.....	1	1
= Ervedosa, Bragança.....	—	1
= de Fonte Arcada, Lisboa.....	1	—
= de Sá da Bandeira, Lisboa.....	—	1
= de Semodães.....	1	—

W.

W. R. Harris.....	—	6
-------------------	---	---

Z.

Zeferino José Pereira do Lago, Villarinho de S. Romão.....	—	1
---	---	---



07









MAR 6 - 1958



Digitized by Google

